

Fernanda Castilho Santana

**TELENOVELA E RECEPÇÃO:  
UM ESTUDO COM FAMÍLIAS DA «CLASSE TRABALHADORA»  
PORTUGUESA**

Dissertação de Mestrado em Comunicação e Jornalismo,  
especialidade em Comunicação e Jornalismo, apresentada à  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob  
orientação da Professora Doutora Isabel Ferin Cunha.

Faculdade de Letras  
Universidade de Coimbra  
2009

## **AGRADECIMENTOS**

À Professora Doutora Isabel Ferin Cunha, por sua competência e dedicação como professora e orientadora. Pela constante simpatia e amizade demonstradas durante o acompanhamento da minha trajetória no mestrado. Por ter acreditado no meu potencial e exigido o máximo de aproveitamento académico.

À Valentina Castilho, António Braz Santana e Belmiro Rodrigues, mãe, pai e marido, que acompanharam meu percurso diariamente, à distância ou pessoalmente, colaborando de maneira fundamental, com apoio absoluto, confiança e paciência durante todo o período de estudos na Universidade de Coimbra.

Aos companheiros da turma do mestrado, de todas as nacionalidades, pela partilha de conhecimentos, pelas discussões intelectuais e pela amizade optimista desenvolvida ao longo deste período.

Ao Instituto de Estudo Jornalísticos, que através de seus professores e funcionários forneceu condições para a construção do conhecimento.

Às famílias que gentilmente aceitaram participar deste estudo e modestamente cederam seus depoimentos, partilhando histórias íntimas e permitindo a visita aos seus ambientes domésticos.

## RESUMO

A proposta deste trabalho é observar como um grupo social específico – famílias da classe trabalhadora da agro-indústria da região da Bairrada, zona Centro de Portugal – assiste às telenovelas veiculadas pela televisão aberta portuguesa. Para tanto, o estudo debruçou-se sobre os aspectos culturais e sociais que influenciam a forma como estas famílias assistem este género ficcional, tais como, escolaridade, género, faixa etária, história de vida e trajectória familiar. O aporte teórico metodológico adoptado foram os estudos de recepção desenvolvidos pelos *Cultural Studies* britânicos e latino-americanos. Como metodologias e técnicas de pesquisa adoptamos o modelo «multimetodológico» de análise da recepção proposto e testado pelo grupo brasileiro de Lopes *et al.* (2002). Os resultados do estudo de campo apontam a necessidade de uma análise pormenorizada sob diferentes aspectos. Observamos que as famílias pertencentes ao mesmo grupo social, com trajectórias familiares parecidas tendem a possuir os mesmos hábitos de consumo televisivo. Em contrapartida, os depoimentos indicaram que indivíduos das mesmas famílias tendem a se apropriar de maneira diferente em função de outros indicadores de distinção, como género e faixa etária. Assim, ao longo do trabalho, procuramos delinear estas semelhanças e diferenças apontadas no estudo empírico, buscando articular as reflexões teóricas com os resultados encontrados.

Palavras-chave: Televisão, Telenovelas, Estudos Culturais, Género, Classe Social.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to observe how a specific social group – working class families of agro-industry in the region of Bairrada, the central region of Portugal – to watch soap operas broadcast by Portuguese public television. The study focused on the cultural and social aspects that influence how these families watch this fictional genre, such as education, gender, age, history of family life and trajectory. The theoretical framework methodology adopted was the reception studies developed by British Cultural Studies and Latin American. As methodologies and research techniques we adopted the model 'multimethodological' analysis of type proposed and tested by the Brazilian group of Lopes *et al.* (2002). The results of field study indicate the need for an analysis detailed in different ways. We observe that families belonging to the same social group with similar family trajectories tend to have the same habits of television consumption. However, the testimony indicated that individuals of the same families tend to settle in different ways according to other indicators of differentiation such as gender and age. We outline these similarities and differences pointed out in empirical study, seeking to articulate the theoretical reflections with results.

Key-words: Television, Soap Operas, Cultural Studies, Gender, Social Class.

## ÍNDICE

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Parte I.....</b>	<b>5</b>
<b>Cap. I Panorama mediático: a televisão em Portugal.....</b>	<b>6</b>
1. Os primórdios da TV portuguesa: o monopólio estatal.....	6
2. Novas emissoras, maior liberdade de escolha.....	8
3. O panorama actual.....	15
4. Um fenómeno televisivo: a telenovela.....	19
5. A telenovela, o público português e o nascimento da paixão: <i>Gabriela</i> inaugura o género .....	26
6. Estudos sobre as telenovelas em Portugal .....	28
<b>Cap. II Aspectos teóricos .....</b>	<b>31</b>
1. Da produção à recepção: considerações teóricas .....	31
2. Estudos de recepção: decifrando o fenómeno das audiências.....	34
3. Das audiências às mediações.....	41
<b>Parte II .....</b>	<b>45</b>
<b>Cap. III Notas metodológicas .....</b>	<b>46</b>
1. Objectivos e hipóteses .....	46
2. Métodos e técnicas de pesquisa.....	47
3. Amostra do estudo de campo .....	50
<b>Cap. IV A classe trabalhadora da Bairrada.....</b>	<b>54</b>
1. A região da Bairrada.....	54
2. Estudo de campo: famílias da Anadia .....	58

3. Um lugar de pertença .....	59
<b>Cap. V Seis famílias: um esboço de definição .....</b>	<b>69</b>
1. Primeiros indicadores: diferenças e semelhanças .....	69
2. Perfil familiar e aspectos culturais .....	74
<b>Cap. VI Territórios de recepção.....</b>	<b>106</b>
1. Quotidiano familiar e telenovela.....	106
2. De quem é o controlo remoto? .....	115
<b>Cap. VII Telenovela e subjectividade .....</b>	<b>124</b>
1. Comentando...Telenovelas.....	124
2. Preferência nacional .....	126
3. Memória da telenovela .....	129
<b>Conclusão .....</b>	<b>133</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>139</b>
<b>Índice de tabelas e quadros .....</b>	<b>145</b>
<b>Índice de figuras .....</b>	<b>146</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>149</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>160</b>

## INTRODUÇÃO

A televisão em Portugal representa um importante componente cultural na vida de grande parte da população. Estima-se que quase 90% dos portugueses assistam televisão todos os dias. No tocante aos conteúdos televisivos mais apreciados estão os géneros ficcionais, principalmente as telenovelas. Há mais de 30 anos o público português acompanha o desenrolar das histórias de ficção seriada. Diante deste panorama mediático televisivo, torna-se importante reflectir sobre o papel das telenovelas na sociedade portuguesa.

Antes de mais, devemos dizer que a televisão tem sido alvo de diversas críticas desde seu surgimento, sobretudo por parte da comunidade académica internacional. Particularmente a partir dos pesquisadores da escola de Frankfurt, como Theodor Adorno e Horkeimer, com o conceito de «Indústria Cultural», a crítica à «cultura de massa» passou por diferentes estágios, complexificando os estudos nesta área, tanto nas escolas europeias, como nas americanas e latino-americanas. Em Portugal, os produtos veiculados pela televisão e as respectivas as práticas culturais de seus telespectadores têm merecido pouco espaço de reflexão por parte dos grupos de pesquisa das instituições académicas. No entanto, como menciona Traquina (1997), a televisão é hoje a rainha do mundo mediático e os géneros ficcionais como as telenovelas ocupam uma presença central nas grelhas de programação das televisões portuguesas.

Assim, a proposta central deste trabalho é observar como um grupo social específico – famílias da classe trabalhadora da agro-indústria da região da Bairrada – assiste às telenovelas veiculadas pela televisão aberta portuguesa. Em outras palavras, o objectivo é descobrir, do ponto de vista da recepção, de que maneira estas

famílias de trabalhadores assistem, se apropriam e interagem com os produtos deste género ficcional. Para tanto, durante o desenvolvimento da pesquisa, buscamos seleccionar um aporte teórico-metodológico para enquadrar nosso objecto de pesquisa. Adoptamos os estudos de recepção desenvolvidos pelos *Cultural Studies* britânicos e latino-americanos.

Partimos do pressuposto que a assistência de telenovelas é influenciada pelos aspectos culturais dos indivíduos (Morley, 1986; Hall, 1973; Martín-Barbero, 2003). Para analisar os usos e hábitos de consumo de telenovelas, articulamos estas práticas sociais à classe social, género, histórias de vida e trajectória familiar. A hipótese principal de nosso estudo centra-se em descobrir se estes indicadores de distinção influenciam a assistência das telenovelas.

Seleccionamos como amostra qualitativa para o estudo empírico seis famílias pertencentes à classe trabalhadora da região da Bairrada, uma área essencialmente agro-industrial da zona Centro de Portugal. Esta região é caracterizada pela povoação de várias famílias que vivem do sustento das fábricas ali instaladas. Justificamos a escolha do ambiente familiar conforme estudos de recepção anteriormente realizados, no que diz respeito à importância do espaço doméstico como ambiente propício para análise dos usos e consumo televisivo (Morley, 1986; Moores, 1993). Assim, a televisão faz parte do ambiente familiar de maneira intrínseca, participando do quotidiano e mediando interacções na esfera íntima dos indivíduos. Optamos pela delimitação de um grupo social, tendo em vista que estudos anteriores comprovaram que as pessoas tendem a se apropriar dos conteúdos televisivos conforme sua condição de vida. Utilizamos o conceito de «classe trabalhadora» conforme Giddens (2005), tendo em vista que o grupo social delimitado neste estudo é formado não

apenas por operários fabris, mas por indivíduos trabalhadores com baixa qualificação, salários mínimos e aspirações à classe média.

Como metodologias e técnicas de pesquisa adoptamos o modelo «multimetodológico» de análise da recepção proposto e testado pelo grupo brasileiro de Lopes *et al.* (2002), baseado nos modelos desenvolvidos pelos *Cultural Studies* – especialmente Stuart Hall e David Morley – e, na América latina, por Martín-Barbero. Desta forma, adaptamos estas metodologias ao nosso estudo empírico.

A primeira parte do trabalho debruça-se sobre o «fenómeno televisivo» (Cádima, 1995), descrevendo a televisão em Portugal e as linhas de pesquisa adoptadas para estudar a recepção deste fenómeno. No primeiro capítulo – *Panorama mediático português: a televisão em Portugal*, traçamos o panorama mediático nacional. Descrevemos o surgimento da televisão no país, os principais marcos do desenvolvimento deste meio de comunicação, desde o monopólio estatal à entrada dos operadores privados, passando pela origem e consolidação das telenovelas. O segundo capítulo – *Aspectos teóricos*, dedica-se a apresentar os pressupostos teóricos que orientaram o trabalho.

A segunda parte dedica-se a apresentar o estudo empírico da pesquisa. O capítulo III – *Notas metodológicas*, descreve os objectivos, pressupostos e hipóteses do trabalho, bem como os métodos e técnicas de pesquisa. O capítulo IV – *A classe operária da Bairrada*, dá conta da apresentação da amostra do estudo de campo e da descrição pormenorizada do lugar de investigação. O capítulo V – *Seis famílias: um esboço de definição*, por meio da etnografia, traça um perfil sociocultural das seis famílias inquiridas, descrevendo a composição familiar, a moradia, a divisões da casa, o espaço destinado à televisão, o quotidiano, o trabalho, a história de vida e a trajectória familiar. O capítulo VI – *Territórios de recepção*, debruça-se sobre as

preferências e os hábitos de consumo da telenovela no ambiente doméstico das seis famílias e relaciona estas práticas de recepção conforme as diferenciações de género. O último capítulo, VII – *Telenovelas e subjectividade*, analisa a maneira como os indivíduos interagem com os conteúdos das telenovelas. Neste capítulo, buscamos aprofundar porque os portugueses da amostra preferem os conteúdos de ficção nacional. E, por último, compreender quais as memórias das telenovelas povoam a trajectória de vida dos entrevistados.

Nas considerações finais, articulamos as hipóteses iniciais aos resultados obtidos a partir do estudo de campo. Enumeramos sistematicamente os resultados, com objectivo de contribuir para a pesquisa académica no campo da recepção e auxiliar futuros estudos nesta área.

No apêndice, complementamos a compreensão do estudo empírico com o Diário de Campo, construído durante o processo interlocutório de pesquisa e utilizado posteriormente na estruturação do perfil dos entrevistados. Nos anexos, disponibilizamos informações adicionais sobre a região da Bairrada, para além das sínteses das telenovelas assistidas habitualmente pelos entrevistados na altura da pesquisa.

## **PARTE I**

## Capítulo I

### PANORAMA MEDIÁTICO: A TELEVISÃO EM PORTUGAL

#### 1. Os primórdios da TV portuguesa: o monopólio estatal

As primeiras emissões de televisão em sinal aberto em Portugal iniciaram-se a 7 de Março de 1957, pela RTP (Radiotelevisão Portuguesa). A emissora, uma sociedade anónima gerida por um administrador nomeado pelo Governo, começou em 1955 a concretizar os primeiros passos para «*uma televisão para os portugueses*»<sup>1</sup>. A RTP aproveitou as facilidades concedidas pelo jornal *O Século*, que no parque de Santa Gertrudes, em Palhavã (onde hoje se encontra a Fundação Calouste Gulbenkian), organizava a Feira Popular de Lisboa, para produzir as suas primeiras emissões (piloto) de Televisão (Cfr. Teves, 2007).

O início dos serviços regulares, em 1957, realizou-se num antigo estúdio cinematográfico, o Lumiar. «*A maior parte das televisões europeias procederam de modo idêntico, quando começaram*» (Teves, 2007). O sinal da RTP abrangia as regiões da Grande Lisboa e Grande Porto, atingindo a transmissão ao nível nacional apenas em meados dos anos 60. Em 1968 inicia-se um segundo canal, também público, a RTP2. O lançamento das emissões a cores ocorre em 7 de Março de 1980. Outras datas importantes são o início das emissões regulares da RTP Madeira, a 6 de Agosto de 1972, e da RTP Açores, a 10 de Agosto de 1975 (Cádima, 1995: 19). Ressaltamos, ainda, que a oferta do serviço televisivo em Portugal, inclusive no continente, era escassa, com uma programação circunscrita a dois períodos – hora do almoço e fim de tarde das 18h às 23h (Cunha, 2003b).

---

<sup>1</sup> Teves, V. H. (2007), *RTP 50 anos de História*.

Quanto à televisão ela foi, durante trinta e cinco anos (de 1957 a 1992), um monopólio do Estado. Esta situação provocou, por um lado, um isolamento da televisão frente a outros media, e por outro, a certeza da intervenção financeira e reguladora de um patrão complacente. A televisão pública portuguesa participou, assim, do período revolucionário ao lado de quem esteve e alternou no poder. (Cunha, 2003b: 3)

A televisão estreou em Portugal perante um cenário político caracterizado pelo regime autoritário e ditatorial do Estado Novo<sup>2</sup>. Nesta altura, os meios de comunicação sofriam controlo do Governo, primeiro com António Oliveira Salazar, e mais tarde com Marcelo Caetano. Como refere Rui Cádima (1995:19), a RTP foi sempre, designadamente através dos seus boletins noticiosos regulares, o principal porta-voz da polícia do Estado Novo.

Nessa medida, enquanto modelo protocolar e instrumento de propaganda, a RTP foi, necessariamente, a par do sistema repressivo policial e do sistema censório, um dos elos fundamentais do campo comunicacional do sistema monopartidário, campo este também historicamente responsável pela manutenção de um regime político cujo fim se anuncia a 25 de Abril de 1974, ao fim de 48 anos de ditadura. (Cádima, 1995: 19)

Após a queda do regime totalitário, a 25 de Abril de 1974<sup>3</sup>, a televisão portuguesa começa a assumir novas características, como o aumento do tempo de emissão televisiva. Como refere Traquina (1997), no caso de Portugal, a RTP1 preparava-se para a anunciada concorrência – que viria nos anos 90. «*Mais conclusiva é a análise da programação do primeiro canal da RTP, onde desde 1975 é clara a tendência global na direcção do aumento da ficção e, em geral, do entretenimento*» (Traquina, 1997: 69). Embora mais tardiamente em Portugal, do que o verificado em outros países europeus, o abandono do modelo de monopólio televisivo promove profundas transformações e abalam os *media* em geral. (Traquina, 1997; Cádima, 1995).

---

<sup>2</sup> Regime político vigente em Portugal entre 1933 e 1974.

<sup>3</sup> Movimento que ficou conhecido como “Revolução dos Cravos”.

O ritmo e o alcance dessas transformações registaram, certamente, graus diferentes, mas mesmo os pequenos países como Portugal não ficaram imunes a esta vaga de mudança que intensificou a interdependência no próprio sector, quebrou com frequência o monopólio estatal televisivo, pôs em causa algumas certezas como o conceito de serviço público e deu origem a discursos inflamados sobre a necessidade de defender e promover as línguas, culturas e identidades do Velho Continente, perante o que é descrito como a ameaça da invasão ianque. (Traquina, 1997: 14)

De acordo com Cunha, este período de transição inicia-se a partir de 1977 e perdura até meados dos anos 80. A entrada de Portugal na União Europeia (U.E.), em 1985, influencia a paisagem audiovisual portuguesa do ponto de vista regulatório. *«Mais do que uma actividade legislativa, a Comissão Europeia desenvolve um ambiente regulador e um enquadramento geral para a actuação das empresas»* (Silva, 2004: 61).

A lei da televisão, promulgada em 22 de Agosto de 1990, e a directiva europeia, estabelecem que 10% da programação deve ser produção própria e 40% programas em língua portuguesa, dos quais 30% de produção nacional. *«É precisamente na questão dos «cadernos de encargos» que é possível encontrar uma das maiores brechas no edifício jurídico da nova paisagem audiovisual portuguesa»* (Traquina, 1997:51). Segundo Traquina, em termos de legislação, as considerações da directiva europeia são genéricas sobre as responsabilidades dos operadores televisivos. *«Não há, pois, qualquer referência explícita em relação ao tipo de produção, ou seja, a lei é omissa em relação a qualquer exigência sobre a produção nacional de programas de ficção»* (Traquina, 1997:52).

## **2. Novas emissoras, maior liberdade de escolha**

No início de 1991, o governo de Aníbal António Cavaco Silva começa a lançar as bases para a criação de dois novos canais privados, o que modificaria o panorama

dos *media* no país. A primeira concessão foi atribuída à SIC (Sociedade Independente de Comunicação), a 6 de Outubro de 1992, fruto do projecto liderado pelo ex-primeiro-ministro Francisco Pinto Balsemão<sup>4</sup>. Em 1993, a 20 de Fevereiro, estreia a TVI/Quatro (Televisão Independente), dirigida pelo ex-ministro da Educação Roberto Carneiro, e participada maioritariamente, de início, por organismos da Igreja Católica Portuguesa (Cádima, 1997: 18; Rocha, 1996: 3).

Com o término do período da «paleotelevisão», época do monopólio estatal (Cádima, 1997: 24), inicia-se o que Casetti e Odin (1990) chamam de «neotelevisão», caracterizada pela fragmentação da programação e pelos conteúdos predominantemente baseados nos quotidianos e no entretenimento. A partir dos anos 1990, quando os operadores privados iniciaram as suas actividades, os principais grupos económicos eram o de Francisco Pinto Balsemão – a Imprensa, a Igreja e a Lusomundo. A «neotelevisão» portuguesa foi submetida ao domínio deste grandes grupos económicos. Os detentores do poder ou os «donos da notícia» (Silva, 2004), modificaram a paisagem audiovisual portuguesa sob a lógica da concorrência. Coexistem, portanto, duas realidades diferentes no âmbito dos *media*: as televisões públicas e as privadas. Cádima distingue claramente estes dois modelos.

(...) para o modelo concorrencial, o público é a «audiência». Para o modelo civilizado, em cumprimento da missão de serviço público, em primeiro lugar está o cidadão e só depois os índices de audiência. Esta diferenciação provoca, no imediato, uma separação das águas: para os primeiros, a formação da pessoa humana acaba na escola, reduzindo-se assim a sua oferta ao «entretenimento» e às variedades; para os segundos, importa sobretudo disponibilizar uma oferta diversificada, com uma produção própria de qualidade, onde todos os géneros de programas estão representados, para além de haver uma política de informação independente e emancipada relativamente ao campo político. (Cádima, 1995: 28-29)

---

<sup>4</sup> Detentor do Grupo Imprensa.

De acordo com Traquina a experiência portuguesa admite outras características. Segundo Burgelman e Pauwels, citados por Traquina (1997: 63), a concorrência têm nivelado as diferenças entre os sectores público e privado, criando uma situação de ausência clara da definição do papel e função do serviço público, onde os canais públicos são tão comerciais nas suas características como seus concorrentes privados. O autor classifica a liberalização da actividade televisiva como uma nova era da televisão que passou a ser marcada pela concorrência desenfreada pelas audiências entre os operadores, incluindo os públicos (Traquina, 1997: 59). Estas características confirmam, segundo Traquina, uma tendência geral verificada na Europa, onde a televisão está se transformando, crescentemente, num meio de comunicação social de entretenimento (Traquina, 1997: 68).

Portanto, os anos 90 podem ser caracterizados pela liberalização do sector audiovisual e pelo fortalecimento de alguns de grupos económicos. A televisão deixa de ser propriedade exclusiva do Estado, que, para além da recorrente má administração, começa a enfrentar os contratempos da existência de emissoras concorrentes. A fatia publicitária, que até Outubro de 1992 pertencia, cem por cento, à RTP – cerca de 9,5 milhões de pessoas viam regularmente o Canal 1 – passa a ser compartilhada (Cfr. Cunha, 2003).

Diante deste cenário, a ficção televisiva ganha maior espaço nas grelhas de programação, tornando-se um elemento determinante para a angariação de audiências e, por consequência, de publicidade. O número de programas deste género aumentou substancialmente no país, chegando a dobrar entre 1992 e 1993 (Costa, 2003: 32). Em 1999, a SIC e a TVI, totalizaram catorze episódios emitidos por dia. O aumento da compra de produtos estrangeiros neste sector, aliado ao crescimento dos índices de audiência, consolida o sucesso destas produções. As emissões da SIC

tiveram início a 6 de Outubro de 1992, com o apoio da emissora brasileira TV Globo. «A Globo desempenhou um papel de grande relevo durante os primeiros anos de vida da estação de televisão privada Sociedade Independente de Comunicação (SIC)» (Sousa, 1998:1). De acordo com Helena Sousa, a emissora brasileira conquistou um percurso de sucesso graças aos investimentos iniciais do grupo multimédia americano *Time-Life*. «Para além de todo o apoio administrativo, técnico, comercial e artístico, a televisão brasileira terá recebido do grupo norte-americano, entre 1962 e 1966, mais de seis milhões de dólares» (Sousa, 1998:5). Para a TV Globo, os investimentos estrangeiros foram uma peça fundamental para a consolidação do posto de televisão com maior sucesso comercial no Brasil.

A partir dos anos 70, a Globo começara a desenvolver uma estratégia de expansão e busca de novos mercados para seus produtos culturais, em especial as telenovelas (Cfr. Sousa, 1998). Consequentemente, Portugal surge como um mercado «natural» para a distribuição dos produtos ficcionais, justamente pela proximidade linguística e cultural entre os dois países. «(...) não havia competição nem barreiras linguísticas. Portugal, tornou-se, então, o primeiro mercado externo da rede Globo» (Sousa, 1998:6). De início, a Globo exportou produtos culturais para Portugal, tornando-se fornecedora de conteúdos ficcionais. No entanto, não aceitou de imediato o investimento de capitais. Investir no mercado televisivo português era arriscado naquele momento, como refere Sousa (1998: 7). Mas visto que a SIC necessitava do capital estrangeiro, Pinto Balsemão viajou ao Rio de Janeiro para convencer a emissora brasileira e garantir o apoio ao nível de recursos técnicos e humanos. «A relação pessoal entre Pinto Balsemão e Roberto Marinho terá sido um factor determinante na decisão da Globo investir na SIC» (Sousa, 1998: 7). Nesta medida, Pinto Balsemão e Roberto Marinho estabelecem uma importante aliança,

sem a qual, talvez, a SIC não teria sobrevivido. Numa entrevista em 1998, o então Director Executivo da Globo e Vice-presidente do Conselho de Administração da SIC, Pedro Carvalho, citado por Sousa, revelou que a SIC era um grupo de empresários querendo fazer uma televisão sem saber nada de televisão.

A estratégia de programação da SIC delineou-se com base nos conhecimentos adquiridos com a Globo. Apesar de, em termos estratégicos, existir uma lógica de produção diferenciada nos dois países, alguns conteúdos poderiam funcionar duplamente, lá e cá, como os produtos ficcionais.

As telenovelas foram, desde sempre, entendidas como o grande trunfo de uma estratégia de programação que visasse a maximização das audiências em Portugal. A SIC queria as telenovelas da Globo e em exclusivo. Garantir essa exclusividade não terá sido uma opção fácil para os brasileiros. A Globo tinha uma relação comercial de longa data com a RTP e havia uma boa relação profissional entre estas duas entidades. (Sousa, 1998:10)

No ano de sua estreia, a SIC começou a exhibir produções de sucesso da Rede Globo de Televisão como *Teresa Batista* (1992) e *De Corpo e Alma* (1992-93). A estratégia da SIC resultou positivamente e os portugueses, amantes das narrativas dramáticas produzidas pela Globo, acompanharam a mudança e passaram a sintonizar o Canal 3. Segundo Costa, com o advento das televisões privadas, o impacte da exibição de telenovelas nos espectadores atingiu registos inimagináveis.

No nosso país a evolução da telenovela brasileira tem sido determinante nas últimas décadas, no que diz respeito à consolidação de algumas políticas de programação, sobretudo no período que corresponde ao da neotelevisão (a partir do final dos anos 80). (Costa, 2003: 85)

Até 1991, os dois canais de televisão pública, *Radiotelevisão Portuguesa 1 e 2* (RTP1 e 2) detinham o direito de exibição das telenovelas da Globo. Graças ao relacionamento que a SIC mantinha com a Globo, entre 1992 e 1995 a emissora assumiu a contratação de direitos e a exibição de telenovelas de forma partilhada com

a RTP (Costa, 2003; Sousa:1998). Conforme o acordo, cada emissora poderia escolher, alternadamente, em primeiro lugar, qual recente produção da Globo gostaria de exibir. Ao fim de pouco mais de dois anos, desde sua estreia, a SIC transformou-se no canal líder de audiência em Portugal e em Setembro de 1994 tornou-se detentora exclusiva dos direitos de exibição das novelas da Globo no país (Costa, 2003).

Imediatamente após a aquisição exclusiva da emissão das produções de ficção seriada da Globo (inclusive *mini-séries*), a SIC atraiu os telespectadores que antes sintonizavam os Canais 1 e 2 e liderou as audiências. Aos poucos a televisão pública mergulha definitivamente numa crise crónica (Cunha, 2003: 12). Os portugueses viram a entrada dos operadores privados como excelente oportunidade de diversificar o conteúdo emitido em seus televisores. A TVI nos primeiros anos era propriedade da Igreja e só depois, quando foi comprada pelo grupo Media Capital em 1999, conseguiu encontrar uma estratégia de mercado adequada, demorando para obter sucesso em termos de audiência e publicidade. Já a SIC iniciou suas exibições com estratégias planeadas e conquistou os telespectadores. Parte deste êxito atingido pela SIC, deve-se às exibições das telenovelas brasileiras.

Entre 1992 e 1999, os quatro canais de sinal aberto portugueses exibiram quase cem telenovelas. Por meio de estudo comparativo dos *prime-times* da televisão portuguesa em 1993, Traquina constata que, no que diz respeito à produção de programas de ficção (telenovelas, *sitcoms* ou dramas), a produção portuguesa nunca assume uma percentagem significativa (Traquina, 1997: 75). O mesmo estudo revela que em relação às telenovelas, as produções brasileiras dominaram claramente, com 47%, e as produções nacionais de ficção correspondem a apenas 9% do total os programas. No entanto, numa análise longitudinal do estudo, percebe-se que, ao

longo dos anos, as telenovelas brasileiras tendem a perder terreno no *prime-time*, em termos quantitativos. Mesmo assim, a programação em português, seja nacional ou brasileira, tende a dominar o mercado televisivo, em contrapartida dos produtos norte-americanos. «*É a programação em língua portuguesa que mobiliza os espectadores, os consumidores*» (Traquina, 1997: 89).

O número de exibições o género entretenimento, em especial as telenovelas, aumentou gradualmente no tocante aos primeiros anos após a entrada dos operadores privados. Ao contrário de alguns fenómenos mediáticos, as telenovelas não registaram declínio após sua expansão e sucesso em Portugal. Os índices de audiências marcam uma progressão no número de telespectadores na década de noventa. A este respeito, Cunha expõe que «*a partir do Verão de 1994, as telenovelas brasileiras exibidas na SIC, chegam a captar entre 80% a 85% do total das audiências*» (Cunha, 2003: 12). É importante referir que, nos anos noventa, a progressiva estabilidade económica no país tornou-se agente decisivo no tocante ao aumento dos indicadores de consumo da população. Tomamos como exemplo o crescimento do número de televisores nas residências da classe média portuguesa, que hoje chega a atingir um aparelho por cómodo. As facilidades trazidas pela vida moderna, decorrentes de uma constante urbanização da população, colaboraram igualmente para o acesso às telenovelas (Cfr. Cunha, 2003). As exigências, em especial da população jovem, modificam-se e as (super) produções da indústria cultural conseguiram adequar-se às necessidades deste (novo) público português.

### 3. O panorama actual

A partir do final dos anos 90, a TVI, depois de sucessivos modelos de viabilização até a compra, em Março de 1997, pela SOCI, depois pela Media Capital<sup>5</sup> (Cunha, 2003a), lançou novas estratégias de mercado para concorrer com a sua maior rival, a SIC. A aposta actual da TVI é investir na produção nacional de telenovelas, retomando a proposta inicial de inauguração, em Fevereiro de 1993. A princípio, a TVI prometeu ser um canal falado em português. Na época, seu presidente, Roberto Carneiro, anunciou uma «forte aposta na produção nacional» (Traquina, 1997: 122). Nos anos seguintes ao arranque da TVI, a programação da emissora não cumpriu as promessas e apresentou grelhas dependentes dos importados norte-americanos. Esta estratégia comercial não resultou e a emissora lutou por sua sobrevivência até o final dos anos 90.

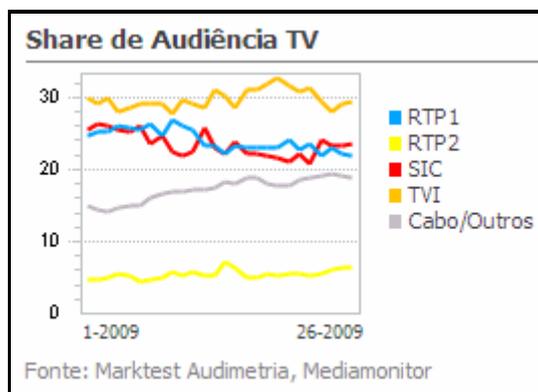
Após a compra da TVI pela Media Capital – do grupo multimédia espanhol PRISA – em 1999, a estratégia de mercado da emissora modificou-se radicalmente, em especial no tocante à programação do *prime-time*. Ocorre que um dos grupos também pertencentes à Media Capital é a NBP Produções, principal empresa produtora de conteúdos ficcionais do mercado audiovisual português. Com a proximidade estratégica e financeira entre as empresas, a TVI teve a oportunidade de modificar os conteúdos e investir na transmissão de programas de ficção nacional.

A estação apostou em três áreas de desenvolvimento: informação, entretenimento generalizado e ficção nacional. Na primeira, houve uma aposta num maior dinamismo, tendo em conta um novo grafismo e novos *pivots*; no segundo, apostou-se, por um lado, no entretenimento infantil e, por outro, no entretenimento dedicado a todos os segmentos da população; por último, houve uma clara aposta na apresentação de programas em português, principalmente telenovelas. (Burnay, 2005: 97)

---

<sup>5</sup> O grupo espanhol PRISA, desde Agosto de 2007, detém a totalidade do grupo português Media Capital. Em Abril de 2009 a PRISA anuncia a possível venda da Media Capital a outros grupos portugueses.

Para além da transferência de capitais, as mudanças administrativas também influenciaram o crescimento da TVI. Uma das figuras importantes da «nova» TVI é José Eduardo Moniz, ex-director da RTP, que assume a direcção da emissora em 1998. Um dos principais arranques da emissora foi a exibição de quatro edições do *reality show* «Big Brother» e sucessivos programas similares, fenómenos da indústria cultural televisiva. Com o fim do «furacão» *reality shows*, a TVI continuou a investir na exibição das produções portuguesas de ficção, especialmente durante o *prime-time*. Assim, as telenovelas nacionais ganharam espaço e configuraram uma alternativa de programação para um público que há mais de 20 anos assistia, predominantemente, às produções brasileiras. A criação deste novo nicho de mercado demorou alguns anos para marcar relativo sucesso, mas hoje representa um dos principais instrumentos lucrativos da TVI (tabela 1), graças às receitas advindas da publicidade. Note-se que, nos últimos seis anos a emissora mantém a média de 4 telenovelas exibidas por ano.

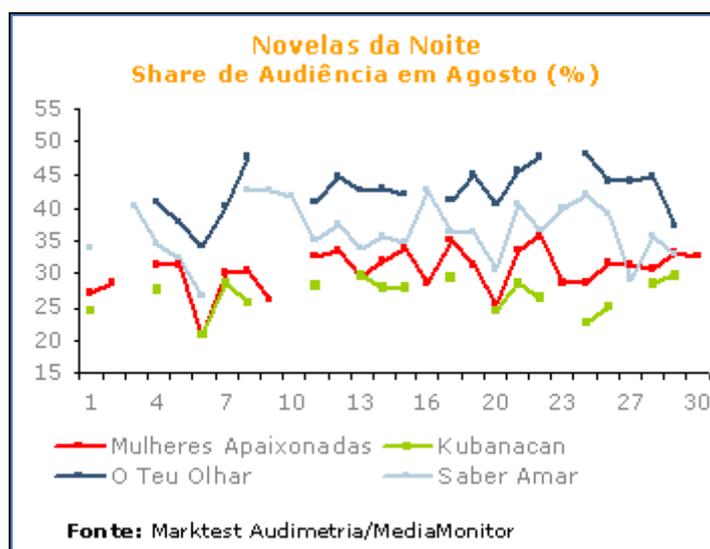


**Tabela1**

Vale a pena assinalar que as telenovelas portuguesas tiveram grande influência das produções da TV Globo. Como descreve Moreira, o modelo adoptado pelos responsáveis da produção audiovisual em Portugal era o que estava mais próximo, tanto cultural como linguisticamente. « (...) é, efectivamente, a matriz da telenovela

*brasileira que grosso modo rege, desde os seus primórdios, a novela portuguesa, como se depreende de uma breve análise dos recursos e convenções em que uma e outra se apoia» (Moreira, 2000: 11).*

Actualmente as novelas nacionais ocupam os primeiros lugares do *share* de audiência. Em 2003 a *Marktest*<sup>6</sup>, numa análise dos índices de audiência da TV, mencionou o sucesso das telenovelas nacionais num texto cujo título revelava «Portugueses preferem...as portuguesas». A empresa fez uma comparação entre os *shares* de audiência de duas telenovelas brasileiras e duas portuguesas. O resultado comprovou a preferência dos portugueses pelas produções nacionais. O gráfico abaixo compara «Mulheres Apaixonadas» e «Kubanacan» (brasileiras) e «O Teu Olhar» e «Saber Amar» (portuguesas).



**Tabela 2**

O aumento das produções nacionais não é um fenómeno exclusivamente ocorrido em Portugal. À semelhança de outros países da Europa, na Itália, por exemplo, as audiências têm preferido a ficção nacional. «A produção nacional de

<sup>6</sup> Empresa de estudos de mercado e sondagens de audiências.

*dramas italianos, que havia diminuído de forma significativa na década de 1980 e começo dos anos de 1990 sob o impacto de produtos importados, aumentou muito em um período de tempo relativamente curto»* (Buonanno, 2007: 139). Milly Buonanno<sup>7</sup> elege quatro razões fundamentais para o ressurgimento da indústria televisiva italiana. O primeiro factor diz respeito a um novo modelo de regulamentação que fixou uma percentagem de receita líquida que as emissoras deveriam reinvestir na produção nacional e europeia de ficção e filme. O segundo e terceiro factores são relativos às consequências da inovação tecnológica, da penetração da TV por assinatura e da desvalorização das importações americanas<sup>8</sup>. Por último, e segundo Buonanno, o mais importante, diz respeito à identificação cultural.

(...) a evidência reveladora da «proximidade cultural» que domina o consumo de programas de TV e que, na Itália, assim como em qualquer lugar, permite que o telespectador busque e aprecie, acima de tudo, os mundos reconhecíveis e familiares, narrados em histórias de ficção produzidas no país. É claro que isso não é de forma alguma um fenómeno novo (...). (Buonanno, 2007: 145)

Neste traçar do panorama actual é preciso referir, entretanto, que nos últimos anos as mudanças do ponto de vista tecnológico também afectaram os media portugueses e a maneira como o público interage com a televisão. A inclusão do controlo remoto, apenas para citar uma das tecnologias objecto de estudos empíricos (Morley, 1986), tornou o público mais activo diante da televisão (Bryant, 1990:77). A possibilidade de fazer «zapping», torna o controlo remoto uma importante ferramenta facilitadora na escolha da programação. Como revelam algumas pesquisas (Bryant, 1990), o advento do controlo remoto não significou apenas um

---

<sup>7</sup> Socióloga italiana, pesquisadora e fundadora do Observatório de Ficção Italiana (OFI).

<sup>8</sup> Apesar de ser economicamente mais rentável importar, os “enlatados” norte-americanos não agradam a audiência em massa, especialmente durante o *prime-time*.

dispositivo técnico facilitador, mas um instrumento de orientação dos comportamentos e relações de poder dentro da família. Como refere James *et al.*<sup>9</sup> (1990) e Morley (1986), as pesquisas de recepção sobre os usos do controle remoto indicam que, no que tange o ambiente familiar, os homens adultos tendem a dominar o controlo remoto na maior parte dos lares<sup>10</sup>.

Se o controlo remoto revolucionou o modo de assistir televisão e modificou comportamentos e padrões de comunicação dentro do ambiente familiar, imagine a revolução que está a caminho com a consolidação de uma televisão «desdobrada» como refere Rui Cádima (1999)? De acordo o autor, dentro de poucos anos a televisão será de facto digital, o que significa que haverá uma evolução do paradigma de fluxo:

Os programas deixarão de obedecer ao espartilho da “grelha” e passarão a ser “declinados” sobre uma diversificadíssima gama de suportes, por sua vez conectados a um banco de programas percorrido por agentes inteligentes que organizam e direccionam os conteúdos em função do perfil do assinante. (Cádima, 1999:5)

#### **4. Um fenómeno televisivo: a telenovela.**

Há mais de 30 anos o público português mantém uma relação bastante estreita com as telenovelas. De acordo com os índices das audiências registados pela *Markttest*, a ficção nacional é actualmente um dos programas de entretenimento mais assistidos da televisão com transmissão de sinal aberto. As telenovelas nacionais chegam a ocupar os primeiros lugares no *ranking* dos programas mais assistidos durante meses consecutivos. Segundo uma pesquisa encomendada pelo OberCom<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> James R., Robert V. (1990), “Remote Control Devices and Family Viewing”, in Bryant, J. (org.) *Television and the American family*, New Jersey and London: Lawrence, pp. 75-90.

<sup>10</sup> Na parte II este assunto volta a ser abordado, durante a dimensão empírica da pesquisa.

<sup>11</sup> Observatório da Comunicação, empresa de investigação e pesquisa na área da comunicação e dos *media* portugueses.

em 2008, 81,5% dos inquiridos consideram que a qualidade dos actores nacionais é boa ou muito boa, assim como 72% para o argumento e 78,1% para os realizadores. Os dados demonstram que, para além das notícias e do futebol, o que os portugueses mais gostam de assistir na televisão são as novelas. Desde 1977, após a estreia de *Gabriela*, a cultura da telenovela começou a ser inserida nos lares portugueses e naturalmente o público começou a acompanhar as histórias, a observar os personagens e a emocionar-se com os romances. Aos poucos o país rendeu-se ao novo género e debruçou-se em frente à «caixa mágica» para acompanhar o novo fenómeno de histórias contadas em capítulos. Mas qual a origem deste género que apaixonou os portugueses?

Existem distintas hipóteses para a origem das telenovelas, desde o romance-folhetim publicado nos jornais do século XIX, passando pela literatura de cordel, pelo teatro e pelas radionovelas. De acordo com uma perspectiva histórica, Campedelli (1985), Martín-Barbero (2003), e Ortiz *et al.* (1991), concordam que o folhetim provavelmente é o mais antigo «antepassado» das telenovelas. De acordo com Ortiz, *et al.* (1991), vários estudos reconhecem o folhetim como um arquétipo da telenovela. *«No entanto, se é verdade que existe uma continuidade entre o género folhetinesco e a telenovela, não resta dúvida de que também ocorrem rupturas, descontinuidades»* (Ortiz *et al.*, 1991).

Martín-Barbero (2003: 182) explica que em meados do século XIX a demanda popular e o desenvolvimento das tecnologias de impressão vão fazer das narrativas o espaço de descolagem da produção massiva. Ortiz *et al.* (1991) refere que o século XIX vê surgir o início de uma «cultura popular de massa» que é distinta do antigo regime, no qual impera a oposição entre a cultura de elite (restrita às camadas abastadas) e cultura popular (principalmente de origem camponesa). É neste

contexto que «*Nasce então o folhetim, primeiro tipo de texto escrito no formato popular de massa*» (Martín-Barbero, 2003). Fruto dos leitores de rodapé<sup>12</sup>, o folhetim é um fenómeno cultural muito mais que literário, pois aproveita um espaço privilegiado para estudar a emergência não só de um meio de comunicação dirigido às massas, mas também de um novo modo de comunicação entre classes (Cfr. Martín-Barbero, 2003). Costa (2000) afirma que o folhetim «*vai reestruturar a narrativa tradicional, prendendo a atenção dos leitores por meio de ganchos no final de cada capítulo publicado no jornal*». Ortiz et al. (1991:14) e Moreira (2000:3) acrescentam que em Outubro de 1836 o *La Presse*, jornal criado por Émile Girardin, publica um romance inédito de Balzac, e desde então esta forma seriada de literatura torna-se cada vez mais aceita.

Émile de Girardin, empresário da imprensa francesa, cuja visão e sentido de oportunidade, ou mesmo oportunismo, fizeram dele o precursor dos actuais magnatas dos media, foi, a partir de 1836 e das páginas do seu jornal *La Presse*, o grande impulsionador dessa moderna mistura de publicidade, folhetins e política. Até ao final do século o “roman-feuilleton” iria, então, conhecer um desenvolvimento florescente, não apenas na França (logo com *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, publicado em 1842-43, ou com *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas pai, de 1845), mas também nos restantes países da Europa (...). (Moreira, 2000:3)

De acordo com Ortiz et. al., entre os romances-folhetim, que deixaram de fazer sucesso, já no final do século XIX, e o aparecimento das radionovelas entre nós<sup>13</sup>, há um período muito longo de pausa que pode ser preenchido se deixarmos o solo europeu e viajarmos para as Américas. Assim como Ortiz et. al. (1991), Cádima (1995) e Costa (2003) referem que a história da telenovela tem a sua origem em meados dos anos 40 e nasceu especificamente em Cuba, inspirada na estrutura dramática das

---

<sup>12</sup> Nesta época, em meados dos anos 1830, os leitores procuravam os capítulos dos romances nos rodapés dos jornais, um modelo criado pelos jornais franceses (Cfr. Campedelli, 1985: 19).

<sup>13</sup> Ortiz refere-se ao contexto brasileiro.

radionovelas americanas. Este género era especialmente popular nos EUA, onde era chamado de «*Soap Opera*».

Não deixa de ser curioso ver o que significa *soap opera*. Quer dizer, à letra, “ópera de sabão”...Trata-se, com efeito, de uma designação que não é inocente. Deriva do patrocínio que nos anos 40, 50 e 60 as empresas multinacionais de detergentes – como a Lever, a Procter and Gamble e a Colgate-Palmolive – davam à produção de radionovelas e, mais tarde, também, de telenovelas (...) (Cádima, 1995:35)

Como refere Ortiz *et al.* (1991), é nos Estados Unidos onde pela primeira vez o rádio é explorado em toda sua potencialidade, como veículo de irradiação de histórias seriadas (1991:18). Na sociedade americana dos anos 30, o rádio era um bem de consumo popular e, em 1934, quase 90% da população urbana possuía um aparelho. Por isso, as emissoras de rádio tornaram-se um eficaz meio de driblar a recessão económica e, através da publicidade nos intervalos das *soap operas*, vender os produtos para as donas-de-casa (Ortiz *et al.*, 1991). Como menciona João Paulo Moreira, as *soap operas* das rádios americanas eram produtos modestos, de curta duração com

(...) segmentos de quinze minutos de ficção diária, com poucas personagens e ainda menos actores a dar-lhes voz, entrecortados por uma banda sonora incipiente e com um enquadramento assegurado pelos comentários intimistas do narrador (Moreira, 2000: 4-5).

A principal diferença entre as *soap operas* americanas e as novelas latino-americanas é a duração. Enquanto o enredo deste género nos EUA pode ser desenrolado durante anos, as novelas brasileiras ou portuguesas<sup>14</sup>, por exemplo, geralmente perduram cerca de 7 a 9 meses. Nas *soap operas*

não há verdadeiramente uma história principal, que funcione como fio condutor guiando a atenção do «leitor»; o que existe é uma comunidade de personagens fixados em determinado lugar, vivendo diferentes dramas e acções diversificadas (Ortiz *et al.*, 1991: 19).

---

<sup>14</sup> Que acabaram por seguir os padrões latino-americanos, por razões provavelmente históricas e culturais.

A proximidade comercial entre Cuba e os EUA colaboraram para a introdução das radionovelas nas rádios cubanas e, sequencialmente, para outros países latino-americanos. No Brasil, a chegada das radionovelas nos anos 40 fez rapidamente sucesso. Na década seguinte, com o aparecimento da primeira emissora de televisão no Brasil, a TV Tupi, as radionovelas foram adaptadas para uma realidade audiovisual. Obviamente, a adaptação das novelas do rádio para a televisão não foi tarefa fácil, sobretudo porque a televisão era uma tecnologia recente e inexistiam profissionais com experiência. Nas primeiras telenovelas, os atores passavam o dia ensaiando e à noite entravam ao vivo para gravar o capítulo que iria ao ar. Nota-se, portanto, que de início as telenovelas também sofreram forte influência das produções teatrais.

De acordo com Campedelli, «*uma telenovela se assemelha a um novelo se desenrolando*» (Campedelli, 1985:18). Note-se que, em termos etimológicos, verificamos que o termo «novela», possui o mesmo significado do termo «novelo», sinónimos de «enredo». Ao verificar a semântica da palavra, notamos que «novela» significa «história curta», como atesta, por exemplo, o inglês *short story*, o que não confere verosimilhança ao verdadeiro significado do termo. «*Não é o caso da telenovela que é história longa, se desenrolando, quase sempre, por mais de cem capítulos*» (Campedelli, 1985:18). A autora refere que a semântica medieval da palavra seria a mais adequada para a designação moderna de «telenovela». «*Na Idade Média, o termo foi usado como substantivo sinónimo de ‘entrecho’, ‘enredo’, ‘narrativa traçada’.* Aplicava-se às novelas de cavalaria, que faziam jus a essa última significação» (Campedelli, 1985:20). Entretanto, a autora conclui que nenhuma destas explicações satisfaz o verdadeiro significado das telenovelas actuais,

e menciona o que os demais autores disseram anteriormente, que o mais adequado seria chamar a telenovela de «folhetim».

“Folhetim eletrônico” é a expressão mais comum de se ouvir, embora o mais das vezes, pejorativamente. Considerada como um subproduto da literatura, do mesmo modo como se enxerga o folhetim, a telenovela é um tipo especial de ficção. Desenrola-se segundo vários traçamentos dramáticos, apresentados aos poucos – história parcelada. Tem um universo pluriforme, exigindo hábil manuseio para a construção dos desdobramentos da fábula – cada pedaço tem seu próprio conflito a ser trabalhado. (Campedelli, 1985: 20)

A arte de contar uma história em pequenas doses é referida por João Paulo Moreira como característica fundamental para o êxito das telenovelas. O autor chama a atenção para a surpreendente longevidade do gênero, em especial no que diz respeito às *soaps* nos EUA, e para a eficácia do efeito de continuidade. Em relação a este último, Moreira refere que o efeito «Xerazade»<sup>15</sup> contribui eficazmente para que o público permaneça atento à história e queira descobrir o que vai acontecer no capítulo seguinte.

Contadora competente, Xerazade pinta a cena com pormenores vivos: “O génio, sempre de sabre erguido...” E é nesse exacto ponto do clímax que ela interrompe a narrativa, com a promessa de a retomar no dia seguinte. Estava inventada a telenovela, ou pelo menos os seus dois ingredientes técnicos fundamentais: a segmentação e (para usar a designação brasileira) o “gancho”. (Moreira, 2000: 1)

Evidentemente, a obra vinda do Oriente apenas ilustra a reflexão de Moreira, pois seria exagero afirmar que a narração seriada surgiu dos contos de *As Mil e Uma Noites* (Moreira, 2000), mas de acordo com o autor, é inegável o impacto exercido pela matriz metanarrativa vinda da Índia e da Persa. Moreira enumera os factores para o sucesso do gênero ficcional ao longo dos anos:

---

<sup>15</sup> João Paulo Moreira utiliza a conhecida obra clássica da literatura Persa «As mil e uma noites» para ilustrar suas reflexões a respeito da sequencialidade das telenovelas.

Sequencialidade narrativa; múltiplos fios de acção, habilmente entrelaçados; uma dosagem parcimoniosa, através de breves episódios diários; um elenco de personagens relativamente vasto, e desse modo multiplicador das possibilidades de identificação (Moreira, 2000: 6)

Esta relação de poder entre o narrador e o ouvinte é referida também por Cristina Costa (2000), numa analogia semelhante, utilizando os contos das Mil e Uma Noites. A autora pontua outros elementos dos processos narrativos humanos que incentivam a contínua atenção do público, como a narrativa construindo uma identidade, a inscrição do narrar no tempo natural – introduzindo uma nova modulação temporal, e a ruptura do fluxo natural da vida para um mergulho no tempo ficcional ou narrativo (Costa, 2000: 53). Portanto, Xerazade<sup>16</sup> estabelece um pacto temporal com o sultão, o tempo de narrar, que é introduzido no quotidiano: todas as noites ela e o sultão se encontram para dar continuidade à história. Estes elementos ajudam-nos a compreender o sucesso da introdução das narrativas ficcionais no universo audiovisual.

Policarpo (2006), também a este respeito, define três implicações fundamentais deste género. Segundo a autora, a telenovela é um produto que se destina essencialmente a preencher o imaginário do seu público. «*Pode definir-se a telenovela como narrativa dramatizada de situações imaginadas; esta natureza ficcional é apontada como uma das causas do seu sucesso*» (Baccega apud Policarpo, 2006: 36). Desta forma, a telenovela assume o papel do «contador de histórias» contemporâneo. Outra característica da telenovela é exploração de emoções. «*O seu objectivo é, em primeiro lugar, fazer o seu público sentir: comover-se, revoltar-se, chorar, rir, envolver-se emocionalmente na trama*» (Policarpo, 2006: 36). A proximidade dos tempos ficcionais aos tempos da vida real (estrutura seriada)

---

<sup>16</sup> Crista Costa (2000) opta pela transcrição do nome «original» da personagem «Sheherazade».

também é citada pela autora como uma particularidade que explicaria a adesão dos telespectadores a este género.

## **5. A telenovela, o público português e o nascimento da paixão: *Gabriela* inaugura o género**

As telenovelas chegaram a Portugal em 1977 com a estreia da produção brasileira *Gabriela, Cravo e Canela*, da Rede Globo de Televisão. A primeira transmissão ocorreu em 16 de Maio daquele ano e obteve grande sucesso e adesão pelos telespectadores portugueses. Nesta época, o género era desconhecido no país e a história do romancista brasileiro Jorge Amado invadiu os lares e conquistou os portugueses. «*Gabriela seria responsável pela introdução do género e não só, mas também pela consequente proliferação do mesmo em nosso país*» (Costa, 2003). De facto, a notável recepção da telenovela denota que o público cedeu aos encantos da personagem protagonizada pela actriz Sonia Braga. *Gabriela* dominou, pouco a pouco, o imaginário dos telespectadores e elevou os índices de audiência da RTP1, na altura, única estação de televisão portuguesa a operar no país.

De acordo com Cunha (2003b), em 1977 inicia-se uma reestruturação da televisão com a reformulação de programas, o que culmina no surgimento de duas novas apostas: *A visita da Cornélia*<sup>17</sup> e a telenovela *Gabriela, Cravo e Canela*. A mudança marca o início da trajectória das telenovelas nas redes de televisão portuguesas, um longo percurso que passa por diversas fases no decorrer da história dos *media*. Podemos apontar a estreia de *Gabriela* como um marco para o início da inserção da ficção televisiva em Portugal. «*Quando Gabriela faz a sua estreia em*

---

<sup>17</sup> Um concurso transmitido na altura, aos moldes dos *reality shows*.

*Portugal, em Maio de 1977, a única tradição folhetinesca conhecida do grande público era a da radionovela»* (Moreira, 2000: 9). Os efeitos provocados por esta telenovela nos telespectadores e o impacto originado em toda esfera da sociedade portuguesa foram notícia na época. Cunha reflecte sobre este fenómeno:

(...) A exibição da telenovela *Gabriela, Cravo e Canela* (...) alfabetizou o país num novo género e numa nova estética, após quarenta anos de ditadura propagandística e dois anos de revolução manipuladora televisiva. Simultaneamente, inaugurou aquilo que alguns críticos, comentaristas e jornalistas designaram por *país televisivo* ou seja, o início, em Portugal, dos fenómenos inerentes à indústria cultural e à massificação das audiências centrada na televisão. (Cunha, 2003b: 18)

A partir de *Gabriela*, os anos que se seguiram marcaram o sucesso da exibição de telenovelas brasileiras em Portugal. Em 1977, apenas uma telenovela foi transmitida pela RTP1. Na década seguinte, houve um aumento significativo de exibições deste género, totalizando três a quatro novelas por ano, emitidas nos dois canais de televisão públicos, a RTP1 e 2 (Cfr. Costa, 2003). Podemos caracterizar este período, portanto, como a primeira fase deste percurso de êxito, como comprovam os índices de audiências da época.

Durante a década de oitenta, as telenovelas conquistaram audiências cativas em Portugal, fenómeno que perdura até hoje. Neste período, os portugueses viram-se envolvidos por sucessos como *Escrava Isaura* (1978), *Dancing Days* (1979/80) e *Roque Santeiro* (1987/88). Os personagens protagonizados por actores brasileiros e as histórias envolvendo a cultura de outro país nada impediram a inserção das telenovelas nos lares portugueses. Mostra disso, foi a opção de ceder prioridade à exibição de telenovelas brasileiras no *prime-time* dos dois canais de televisão públicos. «*O prime-time, considerado o horário mais importante em termos de audiência, foi tradicionalmente ocupado pelas telenovelas brasileiras*» (Costa, 2003: 89).

## 6. Estudos sobre as telenovelas em Portugal

Em Portugal, o número de estudos académicos a respeito do papel social das telenovelas, portuguesas ou estrangeiras, é, actualmente, incipiente perante a dimensão tomada pela televisão no panorama mediático português nos últimos 15 anos (Cunha, 2008; Policarpo, 2006). Como refere Ferin Cunha (2008), existem três prováveis justificativas para o afastamento da produção universitária destes fenómenos mediáticos.

(...) os cursos de Ciências da Comunicação e Jornalismo foram concebidos com base em matrizes disciplinares das Ciências Humanas, nomeadamente Filosofia, Estudos Literários e Linguística, o que dificultou o desenvolvimento de instrumentos metodológicos capazes de estudar e interpretar fenómenos sociais. (Cunha, 2008: 6-7)

Os novos fenómenos televisivos, fomentados principalmente a partir da entrada das televisões privadas, tiveram uma percepção demorada por parte destes grupos académicos (Cfr. Cunha, 2008). Estes factores, somados à realidade desmotivadora no tocante à obtenção de imagens de arquivo<sup>18</sup>, ferramentas essenciais para estudos de análise empírica, compõem um conjunto de elementos responsáveis pelo escasso desenvolvimento das reflexões académicas a respeito dos géneros ficcionais (Cunha, 2008).

Numa tentativa de fazer um levantamento bibliográfico sobre os estudos nesta área, Ferin Cunha refere algumas tendências de investigação em Portugal sobre o género ficção. Entre as investigações detectadas estão os trabalhos de Nelson Traquina, Rui Cádima e Jorge Paixão da Costa, pertencentes ao campo da análise da produção. No plano de estudos de recepção, temos as pesquisas de João Paulo Moreira, Verónica Policarpo, Sara de Jesus Gomes Pereira e Catarina Valdigem. E,

---

<sup>18</sup> Cunha menciona a ausência de um depósito legal obrigatório de imagens das televisões portuguesas (2008: 7).

por último, no campo da produção – recepção – produção, estão trabalhos como de Catarina Burnay e José Manuel Leite Viegas. A pesquisa realizada por Ferin Cunha consultou diferentes sistemas de informação, como a Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação (Bocc) da Universidade da Beira Interior, o Repositorium da Universidade do Minho, a Biblioteca Nacional, o SIBUL (Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de Lisboa) e os demais sistemas existentes nas Universidades e Institutos Politécnicos do país (Cunha, 2008: 7). Policarpo (2006) refere que estes escassos estudos constituem um marco para a pesquisa científica sobre as telenovelas, levantando uma bandeira contra a concepção elitista defensora da cultura erudita como única forma de cultura legítima (Cfr. Policarpo, 2006: 26). A autora ainda ressalta que *«pela primeira vez no nosso país, a influência deste produto foi perspectivada a partir do receptor»* (Policarpo, 2006:27).

Porém, ainda há muito por avançar, pois de acordo com Ferin Cunha, este balanço dos estudos científicos da telenovela em Portugal revela resultados pífios se comparados a outras áreas do campo da comunicação.

A visibilidade do género ficção e dos seus formatos nas televisões generalistas portuguesas não tem merecido, da investigação académica, uma atenção simétrica. Quer isto dizer que apesar da importância crescente dos tempos destinados à emissão de formatos do género ficção, (...) estes não suscitam, até agora em Portugal, o interesse dos centros de investigação e dos investigadores. (Cunha, 2008: 13)

Assim, é preciso avançar neste sentido e descortinar âmbitos de pesquisa inexplorados no tocante ao impacto das telenovelas na sociedade portuguesa. A telenovela como objecto de estudo torna-se especialmente importante quando observamos o crescimento da produção nacional e a preferência do público por estes géneros de ficção. A pesquisa científica necessita abarcar, tanto a dimensão teórica,

quanto a pesquisa de campo, reflectindo os usos, efeitos e apropriações deste produto televisivo por parte de grupos específicos da sociedade.

## Capítulo II

### ASPECTOS TEÓRICOS

#### 1. Da produção à recepção: considerações teóricas

A tendência dos estudos no campo das ciências da comunicação é seguir os modelos criados por escolas de pensamento americanas ou europeias. No que tange o pensamento europeu, a Escola Frankfurt é uma das principais referências teóricas no âmbito da análise dos *media*, em especial no tocante aos estudos relacionados à produção. Seus principais representantes, Theodor W. Adorno, Max Horkeimer e Walter Benjamin, desenvolveram o conceito de «Indústria Cultural», fundamentado numa concepção radical de rejeição da cultura de massas, a partir de fenómenos associados à música e à imprensa. Para estes teóricos, a industrialização causara a falência da «cultura» e sua consequente relegação à mercadora (Cfr. Mattelart, 1995). De acordo com os frankfurtianos<sup>19</sup>, as mensagens eram transmitidas por um emissor soberano que previa algo «*de modo a que ninguém pudesse escapar*» (Mattelart, 1995:66). A concepção era de receptores passivos «à mercê» da ideologia dominante dos produtos da indústria cultural e passivos diante das mensagens e conteúdos uniformizantes.

A teoria desenvolvida por Adorno e Horkeimer só pode ser compreendida em sua totalidade quando inserida num contexto social e histórico mais amplo:

Em um mundo estilhaçado pela ameaça nazi-fascista, deturpado pela ascensão stalinista e projetado idilicamente nos espaços audiovisuais – da já competente indústria cultural americana –, torna-se justificável o surgimento de uma interpretação cujo pressuposto estético é o da negatividade e cuja perspectiva analítica revela um inequívoco tom de desencantamento. (Borelli, 1996: 29)

---

<sup>19</sup> Ideias fundamentalmente adornianas, na medida que Walter Benjamin distancia-se inúmeras vezes destas concepções (Costa, 2000: 29).

Neste contexto histórico, marcado pela perda de esperanças, a chegada dos fenómenos da industrialização e resultante serialização da produção é vista como uma ameaça à cultura, nunca como uma consequência inerente à chegada do progresso. A principal crítica de Adorno e Horkheimer é a produção de bens culturais em série, como os filmes, os programas radiofónicos e as revistas. A depreciação parte, principalmente, da ideologia radical marxista, contra a organização e planificação da gestão vigente nas grandes fábricas, como o trabalho em série. *«É, na verdade, difícil não aperceber no texto deles o eco de um vigoroso protesto letrado contra a intrusão da técnica no mundo da cultura»* (Mattelart, 1995: 67).

A concepção adorniana conduziu reflexões a respeito da existência dicotómica entre cultura erudita, superior ou refinada, e cultura baixa, de massas ou medíocre. A constituição de uma hierarquia da cultura, na análise de Umberto Eco (Cfr. Eco *apud* Borelli, 1996: 31), permitiu outras formas de percepção. A divisão em dois grupos distintos resume as principais correntes de pensamento, entre negativistas e optimistas. *«Apocalípticos, os que neste novo fenómeno vêem uma ameaça de crise para a cultura e a democracia. Integrados, os que se felicitam pela democratização do acesso da ‘multidão de milhões’ a essa cultura do lazer»* (Mattelart, 1995: 71). Na concepção de Edgar Morin, a cultura de massas é uma cultura que apresenta contradições entre as exigências produtivas da industrialização, tais como a homogeneização, a standardização e as necessidades inerentes à individualização e inovação, próprias de um mercado de consumo (Cunha, 2008: 3).

Como refere Borelli, os conceitos de hegemonia cultural e cultura popular de Antonio Gramsci contrariam a tradicional bipartição entre cultura de massa e erudita. Pelo contrário, o popular, como o folclore, está presente em todas as esferas da sociedade (Borelli, 1996: 35). Este pensamento caminha na mesma direcção

quando Umberto Eco afirma que o homem de cultura erudita pode, em determinadas horas, ouvir Bach e em outros momentos ligar o rádio e ritmar sua actividade com uma «música de uso» (Eco *apud* Borelli, 1996: 32). Esta discussão sobre as diferentes concepções de cultura não faz parte do nosso objectivo de estudo, mas julgamos importante perpassar estes conceitos para prosseguir, no item seguinte, com uma abordagem sobre os estudos de recepção.

A partir de reflexões pós-adornianas, o receptor é retirado do posto de mero «marionete» manipulado pela ideologia dominante dos conteúdos da indústria cultural. O eixo de interesse desloca-se das reflexões sobre os conteúdos dos *media* para os estudos sobre as audiências, na medida que o público já não é apenas uma massa alienada. Como resume Ferin Cunha:

A discussão teórica sobre a audiência tem oscilado ao longo destas últimas décadas entre uma concepção pessimista do papel dos *media* e das indústrias culturais – sobretudo da televisão sobre as audiências – e uma visão mais optimista que tende a ressaltar a ideia de autonomia dos receptores na criação de sentidos. (Cunha, 2006: 8)

A recepção das mensagens deixa a passividade para uma recepção activa, mediada pelos usos e apropriações do quotidiano dos indivíduos (Cfr. Cunha, 2006). A partir desta concepção, os estudos sobre os meios de comunicação seguem este novo paradigma vinculado à recepção das mensagens como acto social e articulador das práticas culturais e simbólicas. Inseridos nesta concepção de análise optimista encontram-se os princípios norteadores desta pesquisa. Deslocamos a análise dos conteúdos televisivos para uma investigação que prioriza o interior dos espaços domésticos e as relações da família.

## 2. Estudos de recepção: decifrando o fenómeno das audiências

Para estruturar a construção teórica e metodológica desta pesquisa optamos por eleger, dentro dos estudos das teorias da comunicação, duas das importantes correntes da pesquisa sobre recepção mediática: os Estudos Culturais ingleses e a pesquisa de recepção latino-americana. O processo de contextualização teórica envolve, portanto, os conceitos utilizados pelos críticos ingleses do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS<sup>20</sup>), em especial os trabalhos dos autores Richard Hoggart e Stuart Hall, associados aos estudos latino-americanos como a teoria das mediações de Jesús Martín-Barbero. Neste capítulo pretendemos destacar alguns pontos fundamentais destas perspectivas, inglesa e latino-americana, que julgamos pertinentes para nossa pesquisa.

Para reflectir sobre os estudos de recepção, podemos partir das pesquisas de Shaun Moores, sobre interpretação do fenómeno das audiências<sup>21</sup>. Em «Interpreting Audiences, The Ethnography of Media Consumption» (1993), o investigador inglês explica que uma das maneiras de compreender o fenómeno das audiências de televisão é estabelecer uma comparação entre as audiências de teatro e de televisão. Durante um espectáculo de teatro, um público determinado divide o mesmo espaço com a produção, dando-lhe especial atenção à performance que se está a passar no palco. O tempo, os sons e os actores interagem com o público da mesma forma. Diferentemente, o acto de assistir televisão é menos claro porque o consumo ocorre,

---

<sup>20</sup>Sigla utilizada por vários autores, inclusive por Moores (1993). Os membros do CCCS ficaram conhecidos como os *Cultural Studies*.

<sup>21</sup> Adoptamos as reflexões de Moores como ponto de partida, tendo em vista que no cenário internacional convencionou-se chamar os estudos dos efeitos, os de usos e gratificações e os de recepção como “pesquisa de audiência” (JACKS et al, 2005: 15).

principalmente, em locais geograficamente dispersos. Como consequência desta realidade, ao longo do tempo foram desenvolvidos diversos mecanismos de pesquisa que tentam «atravessar» as portas das casas e descobrir as práticas de consumo destas audiências disfarçadas. O que significa dizer que é difícil delimitar onde as audiências iniciam-se e onde acabam, ou seja, as condições em que este consumo ocorre, quanto tempo é dedicado à prática de assistir TV e como as interferências domésticas interagem neste processo.

Actualmente as pesquisas de audiências obedecem diferentes técnicas e interpretações. As metodologias de pesquisa da indústria televisiva contam com sofisticadas técnicas de medição, quantificação e delimitação. Estes métodos quantitativos pressupõem que as audiências são um objecto fixo que possibilita a medição e monitoração (Moore, 1993). Em contraste, os pesquisadores académicos conceituam as audiências como uma experiência viva, singular e com diferentes interesses individuais. Portanto, para analisar a recepção televisiva de maneira qualitativa, é preciso lançar mão de métodos diferentes da «simples» monitoração por aparelhos. De acordo com Moore, citado por Cunha (2006:8), a audiência dos *media* não é um entidade estável que se possa isolar e identificar, por isso é preferível a utilização do conceito no plural.

Para o estudo académico das audiências, ou seja, das formas de recepção em grupos específicos, Moore propõe um dos métodos de pesquisa qualitativa habitualmente utilizado, a pesquisa etnográfica (Moore, 1993: 3). Como refere a autora, a etnografia é um método de investigação cultural que promove a construção de um mapa dos diferentes usos e sentidos, tanto para os sujeitos sociais, como para os contextos em que estes sujeitos estão inseridos. Constitui-se num campo de pesquisas que avalia os múltiplos significados e variados contextos de recepção.

Moore defende o uso deste método, assumindo que as pesquisas etnográficas de audiência não fornecem resultados imediatos e directos sobre a realidade das audiências, mas colaboram para um avanço nos estudos qualitativos nesta área.

Não estou a sugerir que as etnografias podem magicamente dar-nos directamente acesso à realidade – isso é um discurso demagógico. O que eu estou a dizer é que elas têm um grande poder para interagir com a produção de sentido na vida quotidiana. (Moore, 1993:03, tradução livre do autor)

Através da óptica mooriana, podemos perceber que a interpretação das audiências é um processo complexo que vem sendo estudado por pesquisadores académicos. Neste sentido, a utilização do conceito de «audiências» acabou por ser substituído pelo de estudos de «recepção». Desta forma, a etnografia é utilizada hoje pelos estudos de recepção desenvolvidos por académicos de diferentes países.

Apesar de relativamente recentes<sup>22</sup>, as pesquisas sobre as práticas de recepção mediática têm suscitado diferentes problemáticas teóricas, desde o ponto de vista metodológico até a questão da conceptualização dos termos utilizados. É importante observar como a pesquisa sobre recepção mediática passou por diferentes momentos, construindo uma trajectória de reflexão baseada em diversas áreas do conhecimento. Para reflectir sobre os estudos das audiências e suas práticas, duas pesquisadoras brasileiras dedicaram-se à problemática e mapearam as investigações nesta área. Na pesquisa (Escosteguy *et al.*, 2005), as autoras descrevem o que os pesquisadores consideram como as cinco tradições sobre o tema, sendo elas, *pesquisa dos efeitos, usos e gratificações, crítica literária, estudos culturais e análise da recepção* (Escosteguy, 2005: 20). Todas estas correntes de pesquisa propõem diversas formas de análise da relação entre os meios de comunicação e os seus públicos. Nota-se que o

---

<sup>22</sup> O início das pesquisas sobre a recepção mediática data do início do século XX, quando iniciaram-se os estudos sobre os efeitos dos novos meios que surgiam pós-revolução industrial.

principal objectivo destes estudos era superar de alguma forma os limites dos modos de pesquisar o comportamento da audiência.

Até o início da década de 1960 existia por parte das correntes teóricas de comunicação uma posição conservadora com relação aos públicos dos *media*. Era uma postura focada basicamente na análise nos meios e distante de uma pesquisa aprofundada sobre os receptores. Em 1964, um grupo de investigadores ligados à Universidade de Birmingham, Inglaterra, funda o Centre for Contemporary Cultural Studies, propondo novas perspectivas para os estudos de recepção. Os pesquisadores de Birmingham, influenciados inclusive pelas perspectivas de Gramsci<sup>23</sup>, elaboraram abordagens que serviram posteriormente de modelo para as escolas europeia, norte-americana e latino-americana. O modelo de análise das audiências do CCCS propunha o estudo da articulação e interação entre os *media* e os públicos através dos diferentes usos e apropriações.

O Centro Contemporâneo de Estudos Culturais começou suas investigações fundamentalmente com os pesquisadores Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Tompson. Os três, originários das classes trabalhadoras e influenciados pelos ideais marxistas da época, observaram de diferentes maneiras os aspectos culturais do proletariado inglês. Das investigações dos pesquisadores desta primeira fase dos *Cultural Studies*<sup>24</sup>, destacamos a obra de Hoggart, tendo em vista que boa parte das pesquisas deste autor respeitam os objectivos de investigação deste trabalho.

---

<sup>23</sup> Antonio Gramsci, cientista político italiano, líder do Partido Comunista Italiano (PCI) nos anos 20. Autor de “Cadernos do Cárcere” e “Americanismo e Fordismo”, ambos fundamentados no pensamento marxista.

<sup>24</sup> Termo também concebido por Hoggart quando da fundação do Centro for Contemporary Studies, na Universidade de Birmingham.

Para analisar como as classes trabalhadoras liam os jornais e revistas e de que maneira a imprensa influenciava a cultura do proletariado, Hoggart, em primeiro lugar, começou sua pesquisa observando os aspectos do cotidiano popular. A descrição pormenorizada das características da cultura, do sistema de valores e pressupostos morais que regem a vida dos trabalhadores permitiu que fundamentasse sua investigação e percebesse com maior clareza quais os hábitos de leitura dos operários<sup>25</sup>.

Uma obra pioneira nessa direção é *The uses of literacy*, de R. Hoggart, publicada em 1957. Nela se estuda o que a cultura de massa faz com o mundo da cotidianidade popular e a forma como aquela cultura é percebida pela experiência operária. Na primeira parte Hoggart investiga por dentro, a partir da vida cotidiana da classe operária inglesa, aquilo que configura o mundo vivo da *experiência* popular.” (Martín-Barbero, 2003: 119)

Entendemos, portanto, que uma das propostas desta primeira geração dos *Cultural Studies* é analisar os indivíduos e seus permanentes conflitos. Segundo Silva (2008), a ideia dos CCCS é observar como os indivíduos retiram, selectivamente, matrizes tradicionais originárias de suas culturas e, através das formas e dos produtos culturais, como essas matrizes são novamente apropriadas e (re) significadas a partir do cotidiano vivenciado em diferentes momentos.

Da mesma forma, Escosteguy (2006) reflecte sobre o objectivo dos estudos de comunicação nesta área que, segundo a autora, se resumem ao intuito de legitimar uma esfera cultural antes desprezada e desconsiderada. Portanto, os Estudos Culturais concentram-se quase que exclusivamente na cultura dos meios de comunicação e nas formas de sua recepção, sobretudo, nas práticas populares envolvidas nesse processo.

---

<sup>25</sup> Richard Hoggart, publicou o livro “The uses of literacy: aspects of working class life” em 1957, fruto de mais de 30 anos de observação do cotidiano das classes trabalhadoras. Na obra, o autor compara o consumo da imprensa dos “antigos” pobres e da nova geração dos anos 50 e 60, apreciadores da *pin-ups*.

Ao invés de romper com a lógica da bifurcação entre cultura “alta” e “baixa”, os EC acabaram por reproduzi-la ao contrário. Isso ocorreu, principalmente, após a descoberta de que o espaço do consumo não podia ser visto como um momento de mera passividade, mas como algo que envolvia diferentes usos e apropriações. (Escosteguy, 2006:6)

Da segunda geração dos *Cultural Studies* destacam-se pesquisadores como Stuart Hall, David Morley e Roger Silverstone. Hall dirigiu o CCCS de 1968 a 1979, quando escreveu o artigo seminal «*Encoding and Decoding in Television Discourse*». Neste ensaio, escrito originalmente em 1973, ele propõe a investigação dos diferentes momentos do processo de produção e consumo televisivo. O discurso televisivo para Hall deve ser traduzido e transformado novamente em práticas sociais, pois só assim o «circuito»<sup>26</sup> estará concluído e eficaz. A lógica de análise do autor nos diz que se não há significado para se retirar (do processo comunicativo), não há consumo e se o sentido não é articulado na prática, não há efeito. A articulação do sentido das mensagens na prática provoca um efeito, com a finalidade de satisfazer uma necessidade ou ser submetido a um «uso».

Segundo o pensamento de Hall, o consumo ou a recepção da mensagem televisiva não são idênticos, mas estão relacionados, são «momentos» diferenciados dentro do conjunto formado pelas relações sociais do processo comunicativo como um todo. Neste processo comunicativo, a teoria de Hall afirma que as estruturas de radiodifusão devem produzir mensagens codificadas na forma de um discurso significativo. É deste discurso que posteriormente poderá ser produzido um «efeito» ou satisfazer uma «necessidade». Porém, antes disso, a mensagem deve primeiro ser apropriada e decodificada. Desta maneira, estes momentos novos propostos por Hall, que os designa como «determinados», estão intrinsecamente relacionados com as práticas sociais e simbólicas. Assim, a teoria de Hall incorpora os processos típicos

---

<sup>26</sup> O «circuito» de Hall refere-se à circulação do produto e distribuição para diferentes públicos.

identificados na pesquisa positivista sobre elementos isolados – efeitos, usos e gratificações – mas apresenta formas diferentes de compreender o processo de recepção. Hall propõe uma metodologia de análise baseada nos graus de simetria compreensiva entre o codificador (produtor) e o decodificador (receptor). A decodificação do autor refere-se a uma análise que tem como base os estudos semióticos dos códigos e signos, propondo uma investigação do signo «complexo»<sup>27</sup> da televisão.

Moore (1993) enfatiza os argumentos utilizados por Hall sobre as razões pelas quais existe este potencial assimétrico entre a codificação e a decodificação. A primeira razão encontra-se na natureza significativa dos textos, pois a maior parte destes textos são polissémicos. Dessa maneira, abre-se sempre mais de uma possibilidade de leitura para as mensagens televisivas. Estes argumentos foram também utilizados por Barthes citado por Moore (1993), quando disse que os signos podem ser interpretados por meio de diferentes associações e intitulou este processo como «segunda ordem» ou significado «conotativo». Portanto, assim como Barthes, Hall utilizou os estudos relacionados aos códigos para estruturar a sua teoria. A segunda razão apontada para a dissonância entre o «encoded» e o «decoded» no processo comunicativo televisivo está na natureza interrogativa e expansiva das práticas de leitura. Moore utiliza os argumentos de Umberto Eco para explicar o pensamento de Hall sobre a interpretação das mensagens televisivas.

[Eco] tem falado sobre as interpretações das imagens televisivas dependerem dos leitores em geral e de suas referências culturais...Sua ideologia, ética, e pontos de vista religiosos...Seus gostos, seus sistemas de valores, etc. (Moore, 1993:18, tradução livre do autor)

---

<sup>27</sup> Hall (1973) argumenta que o signo televisivo é um signo “complexo” por ser constituído pela combinação dos discursos visual e auditivo.

Neste mesmo artigo, Hall faz uma análise sobre os estudos de recepção televisiva e suas propostas e nos diz que a aplicação desse paradigma começou a transformar o velho conceito sobre «conteúdo» e nosso entendimento da recepção da audiência, bem como sua «leitura» e resposta. Segundo Hall, começava uma fase instigante para as pesquisas de audiência, um novo paradigma semiótico. De facto, o legado deixado pelos pesquisadores do CCCS, não apenas de Hall, mas de Hoggart e Morley, impulsionou o desenvolvimento de novas teorias para análise das audiências e do consumo televisivo.

### **3. Das audiências às mediações**

A Teoria das Mediações Culturais, desenvolvida por um dos principais intelectuais dos estudos de comunicação latino-americanos, Jesús Martín-Barbero<sup>28</sup>, é um dos exemplos do surgimento de reflexões desenvolvidas posteriormente às teorias do CCCS. De acordo com a perspectiva de Martín-Barbero (2003), era preciso superar as ideias difundidas pela Escola de Frankfurt e elaborar uma teoria a partir de algumas propostas dos *Cultural Studies*.

Não foi apenas a limitação do modelo hegemônico o que nos obrigou a mudar de paradigma. Foram os fatos recorrentes, os processos sociais da América Latina, os que estão transformando o “objeto” de estudo dos investigadores de comunicação. (Martín-Barbero, 2003: 294)

Em sua obra de referência «*De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura e hegemonia*», o autor aponta como objectivo principal investigar o processo comunicativo a partir das mediações e dos sujeitos, ou seja, a partir das articulações entre as práticas de comunicação e movimentos culturais. Desse modo, a proposta barberiana consiste em estudar o processo comunicacional através da observação do

---

<sup>28</sup> Investigador espanhol radicado na Colômbia.

«espaço»<sup>29</sup> simbólico ou representativo que medeia a relação entre emissor e receptor.

(...) Jesús Martín-Barbero propõe, através da incorporação do conceito de hegemonia de Gramsci, a descentralização da observação dos meios como aparatos técnicos para estender o olhar até a experiência da vida cotidiana. Entendendo a comunicação como práticas sociais, o autor utiliza o conceito de mediação como a categoria que liga a comunicação à cultura. (Ronsini *et al.*, 2009)

Assim, as mediações mencionadas por Barbero são dispositivos socioculturais que influenciam o receptor na forma de entender as mensagens dos meios de comunicação. Notamos, portanto, que uma das principais preocupações dos estudos de Martín-Barbero incide sobre o impacto dos meios de comunicação na sociedade, visto que a recepção mediática é o principal enfoque de sua investigação. A ideia é descentralizar o foco do pensamento na observação exclusiva dos *media*, para analisar a comunicação a partir da cultura. O autor explica a necessidade de uma concepção capaz de oferecer um marco para a investigação da comunicação/cultura a partir do popular, isto é, que nos permita uma compreensão dos diferentes modos de apropriação cultural, dos diferentes usos sociais da comunicação (Cfr. Martín-Barbero, 2003: 301).

Assim, concentra seus estudos no processo de produção de significados e na troca de sentidos. A vida quotidiana dos indivíduos torna-se importante, na medida em que se relacionam os desejos, as fantasias e os receios com a produção mediática. O autor valoriza o espaço doméstico como espaço de identificação cultural.

Na percepção popular, o espaço doméstico não se restringe às tarefas da reprodução da força de trabalho. Pelo contrário, e frente a um trabalho marcado pela monotonia e despojado de qualquer atividade criativa, o espaço doméstico representa e possibilita um mínimo de liberdade e iniciativa. (Martín-Barbero, 2003: 301)

---

<sup>29</sup> Este «espaço» entre os meios de comunicação e os receptores é intitulado pelo autor como «mediação» (Martín-Barbero, 1998).

De acordo com a perspectiva barberiana, estas posições socioculturais não são estáticas, mas inconstantes e estão sempre em movimento. Daí a dificuldade de algumas escolas aplicarem metodologicamente o conceito de Martín-Barbero nos estudos de comunicação. Como avançar neste sentido e desenvolver uma metodologia de análise dos diferentes meios e mediações?

No Brasil, um grupo de investigadores, coordenado pela pesquisadora Maria Immacolata Vassallo Lopes, aderiu à perspectiva teórica das mediações e, para além disso, colocou em prática uma proposta inovadora do ponto de vista metodológico para a pesquisa de recepção. Assim, diversos investigadores participaram de projectos<sup>30</sup> que implementam importantes experimentações metodológicas. O objectivo era avançar nos procedimentos propriamente técnicos da investigação empírica, no sentido de torná-los mais compatíveis com a complexidade da teoria das mediações (Lopes *et al.*, 2002).

A proposta partiu da observação crítica do grupo perante a produção académica brasileira, que não correspondia ao avanço das novas perspectivas teóricas desenvolvidas pela teoria das mediações. De acordo com as investigações de Lopes *et al.* (2002), a pesquisa de recepção cresceu nos últimos anos na América Latina, mas há ainda muito a se desenvolver. Se no início dos anos 1980 esta corrente era praticamente incipiente, hoje a perspectiva teórica das mediações é uma realidade no campo dos estudos sobre comunicação (Lopes *et al.*, 2002). Diversas produções académicas actuais, não apenas brasileiras, baseiam-se em propostas latino-americanas utilizando os conceitos de *mediações* de Martín-Barbero, de *hibridismo*

---

<sup>30</sup> Um grupo de pesquisadores, coordenado por Lopes, desenvolveu investigações que analisam a recepção das telenovelas em famílias brasileiras, utilizando métodos de pesquisa baseados nos conceitos da escola latino-americana.

*cultural* de Garcia Canclini e de *multimediações* de Guillermo Orozco. Entretanto, apesar do avanço no que diz respeito à incorporação destes modelos nas pesquisas de recepção, existe ainda uma lacuna no tocante a adequação às pesquisas empíricas.

(...) O que parece persistir aqui é uma inadequação metodológica nas pesquisas empíricas, em face da construção de uma problemática teórica complexa sobre os processos de recepção. Os desenhos metodológicos, tanto de observação e de coleta como de análise dos dados continuam, no geral, acanhados e podem ser resumidos na falta de uma estratégia multimetodológica cuja complexidade corresponda à do objeto e à sua teorização. (Lopes *et al.*, 2002)

Portanto, no âmbito desta pesquisa, pretendemos articular os conceitos propostos pelos *Cultural Studies* e pelas investigações latino-americanas com o objectivo de fundamentar a investigação e, igualmente, contribuir com as pesquisas nesta área.

## **PARTE II**

### Capítulo III

## NOTAS METODOLÓGICAS

Após a reflexão inicial sobre os *media* televisivos portugueses e as linhas de pesquisa adoptadas durante o percurso teórico da investigação, cabe iniciar a apresentação dos caminhos percorridos durante a pesquisa de campo. Portanto, a segunda parte deste trabalho dá conta da pesquisa empírica realizada durante a investigação. No capítulo III primeiramente compete, assim, descrever os preceitos metodológicos que guiaram o trabalho de campo.

### 1. Objectivos e hipóteses

O objectivo principal desta investigação é observar de que maneira se dá a assistência das telenovelas por um grupo de famílias portuguesas, composto por indivíduos pertencentes a um estrato social cuja ocupação dominante é a agro-indústria. E, desmembrando este primeiro ponto de partida, observar quais são os hábitos de consumo, os usos e as apropriações por parte destas famílias no que diz respeito a estes produtos de ficção. Em outras palavras, observar como as práticas sociais e simbólicas interferem neste processo de recepção. Assim, a proposta foi seleccionar um grupo de famílias portuguesas pertencentes a um determinado estrato social. Neste caso, optamos por seleccionar famílias pertencentes à classe trabalhadora, por acreditarmos ser uma investigação essencialmente exploratória, tendo em vista que poucos estudos foram realizados no âmbito da recepção de telenovelas em Portugal, especialmente com este tipo de população.

Partimos do pressuposto que aspectos culturais como *classe social, trajectória familiar, histórias de vida e género* e dos sujeitos influenciam nos diferentes modos

de assistir e se apropriar das telenovelas. Como refere Policarpo (2006), a apropriação da telenovela varia em função de diferentes indicadores de distinção. No nosso caso, questionamo-nos se os membros da classe trabalhadora, assim definida por Giddens (2005), apropriam-se de maneira particular das telenovelas em Portugal. E, dentro do espaço doméstico, se cada um dos membros da família assiste de maneira diferente as telenovelas. Esperamos que os resultados da pesquisa nos indiquem semelhanças nos modos de assistir telenovelas entre as famílias de trabalhadores com trajectórias similares. E, inversamente, hajam diferenças nas maneiras como os membros das famílias usam e se apropriam das telenovelas, resultantes dos indicadores de distinção como género, faixa etária, escolaridade e mobilidade.

## **2. Métodos e técnicas de pesquisa**

Os métodos adoptados para sistematizar a pesquisa foram essencialmente qualitativos, tendo em vista que um trabalho desta natureza não tem, nem deve ter, ambições de atingir o limiar da representatividade (Bosi, 1981). Elegemos como técnicas para o trabalho de campo parte das metodologias testadas pelo grupo de pesquisa de «*Vivendo com a Telenovela*» (Lopes *et al.*, 2002). Desta maneira, adaptamos o modelo proposto, nomeadamente com a utilização da observação etnográfica, dos questionários de consumo, dos grupos de discussão e das entrevistas. Sendo este último item subdividido em entrevistas temáticas, relatos de histórias de vida e de histórias de vida cultural. É importante citar que os autores tendem a adoptar diferentes nomenclaturas para estas técnicas, mas quase todas pertencem ao campo da pesquisa etnográfica (Moore, 1993, Casetti *et al.* 1999, Policarpo, 2006).

Como explica Lopes *et al.* (2002), a recepção é, antes de mais nada, uma perspectiva de investigação que tenta superar os impasses de uma investigação redutora do processo de comunicação. Portanto, a estratégia de investigação não deve partir a apenas da produção ou da recepção, mas das *mediações*, que segundo Martín-Barbero, (apud Lopes *et al.*, 2002: 39), é o «lugar» de onde é possível compreender a interacção entre o espaço da produção e o da recepção. No entanto, do modelo proposto por Martín-Barbero para análise do processo da comunicação e da abordagem multidisciplinar presentes na teoria das mediações, adoptamos apenas parte das técnicas testadas por Lopes *et al.* (2002). Justificamos esta escolha, conforme Ronsini *et al.* (2009: 5) «o modelo proposto por Martín-Barbero é bastante ambicioso e, em nosso entendimento, só pode ser totalmente aplicado com uma equipe de pesquisadores que dê conta de todo o circuito de comunicação, da produção à recepção». Portanto, cabe à nossa pesquisa adaptar as diferentes propostas e adequá-las ao nosso objecto de estudo.

Assim, para analisar as mediações localizadas na recepção – quotidiano e subjectividade (Lopes *et al.* 2002), utilizamos as técnicas descritas a seguir. A *observação etnográfica* consistiu em elaborar fichas de observação *espacial*, pontuando as divisões da casa e a distribuição dos objectos. De observação *temporal*, com os tempos da rotina familiar. E de observação das *práticas* das actividades da família, como o trabalho, a escola e o lazer (incluindo a assistência de televisão e telenovelas). Os *questionários de consumo* foram elaborados como instrumento de observação empírica de característica mais quantitativa, mas sem comprometimento de ordem estatística. Nos questionários, constam tópicos como descrição da moradia, caracterização da família, itens de consumo familiar, mapa individual de assistência de televisão, caracterização individual do quotidiano (como momentos de

convivência), frequência e assistência de meios e géneros, assistência de telenovela e veículos que fornecem informação sobre telenovela (Lopes *et al.*, 2002). As *entrevistas* dividiram-se em *entrevistas temáticas* que se subdividiram em *entrevistas do quotidiano* e da *subjectividade*, ambas semi-estruturadas. As *entrevistas do quotidiano* buscaram compreender o conjunto de práticas e sentidos no quotidiano familiar como trabalho, lazer, religião, sexualidade e outros dramas pessoais. As *entrevistas da subjectividade* procuraram extrair conteúdos sobre o modo como os entrevistados transitam entre a sua realidade e a realidade da telenovela. O método de *entrevistas* não-estruturadas foi o último a ser aplicado, visto que já havia maior proximidade entre pesquisador e entrevistado. O estabelecimento do vínculo fez-se por meio das visitas, que se tornaram frequentes por um determinado período de tempo. As *entrevistas* não-estruturadas, onde os entrevistados contam suas histórias de vida, assemelham-se a uma conversa confidencial entre amigos (Lopes *et al.*, 2002, p.57)

A articulação destes métodos nos permitiu maior flexibilidade, justamente pelo contacto mais próximo com o sujeito, pela possibilidade de observar as atitudes perante as perguntas, reformular questões cujas respostas não resultaram satisfatoriamente, para além de permitir a criação de uma atmosfera de confiança entre o pesquisador e os entrevistados (Bosi, 1981). Isso tornou-se realidade durante a pesquisa empírica, quando conseguimos construir uma atmosfera agradável, permitindo que realizássemos naturalmente *grupos de discussão*. Tentamos transpor a questão da subjectividade dos dados, de maneira que pudéssemos

(...) tentar objetivá-los, ou seja, levá-los à condição de *dados de confiança* e de afirmação através de um processo de *saturação de sentido* de um fato, não apenas fazendo o informante voltar a ele por meio da repetição, mas pelo preenchimento de sentido ao fazê-lo retornar ao fato através de outro ponto de vista. (Lopes *et al.* 2002: 53)

Adoptamos também o método do *diário de campo*, utilizado por Cunha, I. F. (2009), que se manifesta através do relato diário do percurso em campo da pesquisa empírica. Assemelha-se à observação participante e à técnica etnográfica de descrição dos ambientes e pessoas. Descreve as impressões a respeito da «situação de pesquisa» que está a decorrer e os acontecimentos pormenorizadamente e manifesta-se através da narração documental e datada, geralmente em primeira pessoa. Assim, como sugere Casetti *et al.* (1999), o uso integrado de diferentes técnicas de observação nos permitiu uma visão mais verosímil da realidade.

E, finalmente, destacamos que o estudo não trabalha com a análise da recepção de uma de telenovela específica, mas sobre o género em si. O estudo tem como objectivo analisar como um grupo de famílias pertencente à classe trabalhadora, detentora de baixas qualificações escolares, assiste ao género telenovela. Entendemos que a escolha de apenas um título limitaria nossa pesquisa, porque um dos nossos questionamentos iniciais era justamente sobre as preferências destas famílias. Quais telenovelas habitualmente assistem? Qual género mais gostam? Preferem telenovelas portuguesas ou estrangeiras?

### **3. A amostra do estudo de campo**

Para classificar o grupo de famílias seleccionado para a amostra do estudo de campo, optamos por utilizar o conceito de Giddens (2005) de «classe trabalhadora».

Podemos definir uma classe como um agrupamento, em larga escala, de pessoas que compartilham recursos económicos em comum, os quais influenciam profundamente o tipo de estilo de vida que podem levar. (Giddens, 2005: 234)

Escolher uma terminologia de mensuração da classe tem sido alvo de diversos estudos teóricos, devido ao conceito de classe estar longe de ser claro (Giddens, 2005:238). Como refere o autor, o termo «classe» é entendido e empregado em uma

ampla variedade de formas. No entanto, para que este conceito abstracto pudesse ser uma variante mensurável nos estudos empíricos, o termo foi operacionalizado, ou seja, definido de forma clara e concreta o suficiente para ser testado pelos investigadores da área (Giddens, 2005:238). Como os sociólogos classificam a estrutura de classes dentro da sociedade actualmente? A partir de esquemas de classes que se baseiam no acesso à educação formal e na estrutura ocupacional. Em outras palavras, os grupos de indivíduos são organizados a partir das desigualdades sociais e materiais relacionadas com o acesso aos bens sociais, por exemplo à educação, e à sua situação perante o trabalho.

As rápidas transformações económicas ocorridas nas sociedades industriais tornaram a mensuração da classe ainda mais problemática (Giddens, 2005: 239). No entanto, segundo Giddens, as divisões de classe social na sociedade ocidental obedecem à seguinte ordem decrescente: classe alta (entre eles, accionistas de corporações, capitalistas de finanças e executivos seniores), classe média (desde empregados da indústria de prestação de serviços até professores de escolas e profissionais da área médica), classe trabalhadora (trabalhadores manuais com pouca ou nenhuma qualificação) e classe baixa (desempregados há muito tempo, sem-tecto, grupos étnicos minoritários desprivilegiados).

A princípio, ponderamos utilizar o conceito de «classe operária» empregado por Hoggart e também por estudos recentes no campo da sociologia, como de Ana Nunes de Almeida<sup>31</sup>, para classificar nossa amostra. No entanto, percebemos que a utilização do termo não se adequava ao grupo de famílias da Bairrada. O conceito de

---

<sup>31</sup> Pesquisadora portuguesa da área de sociologia que estudou os grupos operários na região do Barreiro a partir de sua posição social, discutindo questões como o problema da teoria das classes sociais.

«classe operária» ou «proletariado», empregado inicialmente por Marx, diz respeito à uma classe que vende seu trabalho para os industriais ou capitalistas. Esta relação de «exploração» culmina num processo de *pauperização* da classe operária, que fica cada vez mais pobre em relação à classe capitalista (Giddens, 2005: 236). De acordo com Marx, a classe operária estava condenada a aumentar, empobrecer e gerar uma transformação revolucionária na sociedade. Porém, esta previsão não se concretizou. Actualmente a população que exerce actividades operárias diminuiu e possui variados estilos de vida. Ao contrário do que Marx previa, hoje a classe trabalhadora caminha em direcção à uma «sociedade mais classe média» (Giddens, 2005: 244). Este fenómeno do aumento do poder de consumo da classe trabalhadora gerou a *tese do aburguesamento* que pretendia avaliar se os operários mais ricos se tornam mais classe média. Esta tese acabou por ser derrubada em certos aspectos, na medida em que se observou que apesar de possuírem bens de consumo semelhantes à classe média, os trabalhadores não partilhavam dos mesmos valores dos mais ricos.

Apesar de hoje a maior parte dos trabalhadores na Europa possuir casa própria, carros, lavadoras de roupa e de louça, televisores, TV por assinatura, telefones e bens de consumo em geral, trata-se de uma classe trabalhadora em constante mutação. A título de comparação, podemos citar o estudo de Almeida (1992), que incide sobre um grupo de operários residentes numa vila que nasceu à sombra da fábrica da CUF (Companhia União Fabril). Os operários estabeleceram-se no bairro para trabalhar exclusivamente na fábrica, tanto homens, como mulheres. Estas famílias não possuem casa própria e vivem em residências alugadas ou facilitadas pela fábrica. «*Estes são, e ao contrário de extensas franjas de trabalhadores de fábricas de outras regiões industriais do país, operários sem terra e sem ligação estrutural à propriedade agrícola*» (Almeida, 1992: 31).

Se confrontarmos a realidade destas famílias do Barreiro com as famílias da Bairrada pertencentes à nossa amostra, percebemos importantes diferenças. Em primeiro lugar, a relação com os bens de consumo. As famílias de trabalhadores da Bairrada possuem, em sua maioria, casa própria, carros e um padrão de vida com aspirações à classe média. Em segundo lugar, ainda cultivam pequenos pedaços de terra para uso da agricultura de subsistência, o que lhes agrega um sentimento de «propriedade», diferentemente dos operários do Barreiro, como refere Almeida:

A grande indústria destruiu no Barreiro o meio rural, as tradicionais actividades piscatórias locais e produziu uma enorme cidade. Não encontramos aqui, como em outras regiões do país, cumplicidades dinâmicas entre o trabalho na fábrica e o trabalho no campo – mas a anulação completa deste pelo crescimento do outro. A indústria transformadora e a dos transportes impõem-se efectivamente, e durante décadas a fio, com uma supremacia absoluta sobre as restantes formas de actividade. (Almeida, 1992: 31)

Para além disso, o grupo de famílias da Bairrada não possui uma constituição homogénea no tocante aos bens de consumo e padrão da vida. Alguns possuem mais posses do que outros, investindo o rendimento de maneiras diferenciadas. Outra característica que os classifica como uma «classe trabalhadora» e não «operária» é a baixa natalidade. Cem por cento das famílias entrevistadas possui menos de dois filhos, dado que está de acordo com a média de natalidade em Portugal<sup>32</sup>. E, por último, nem todos os indivíduos dos agregados familiares trabalham exclusivamente na fábrica. Trata-se, portanto, de uma classe trabalhadora de baixa qualificação e salários mínimos, com aspirações à classe média.

---

<sup>32</sup> De acordo com o último indicador demográfico (2007) do Instituto Nacional de Estatística, o índice sintético de fecundidade (ISF) é de 1,33 crianças por mulher em Portugal.

## Capítulo IV

### A CLASSE TRABALHADORA DA BAIRRADA

O estudo dos usos nos obriga, então, a deslocar o espaço de interesse dos meios para o lugar onde é produzido o seu sentido: para os movimentos sociais e de um modo especial para aqueles que *partem* do bairro. (Martín-Barbero, 2002:281)

A partir deste capítulo passamos a descrever o percurso empírico realizado durante o trabalho. É importante referir que esta pesquisa resulta de quase dois anos de observação dos hábitos domésticos de famílias pertencentes à classe trabalhadora. Isto porque havia, por parte da pesquisadora, uma ligação pessoal com a comunidade seleccionada para a realização da pesquisa de recepção e, assim, convivência esporádica durante aproximadamente dois anos com a localidade escolhida e seus moradores. Esta proximidade tornou-se um facilitador no tocante à selecção das seis famílias participantes da pesquisa de recepção. Houve também a presença da figura de um mediador que entrou em contacto com as famílias e agendou as visitas.

#### 1.A região da Bairrada

O lugar escolhido para a realização das entrevistas foi o município ou concelho de Anadia<sup>33</sup> localizado na Beira Litoral, Região Centro de Portugal, no Baixo Vouga na sub-região da Bairrada e pertence ao distrito de Aveiro. Trata-se de uma área formada por um grupo de concelhos, entre eles, Mealhada, Anadia, Cantanhede, Águeda e Oliveira do Bairro. De acordo com a Câmara Municipal de Anadia, estas povoações começaram a ser reconhecidas a partir do século X, através de documentações medievais. De acordo com a lenda mais famosa na região, o nome do

---

<sup>33</sup>Onde reside o grupo de famílias seleccionadas para o estudo.

concelho teria derivado de Ana Dias, uma grande proprietária de vinhas da povoação que teria ficado conhecida pela qualidade do vinho que produzia. Porém, outras possibilidades mais concretas são conhecidas, como a designação *illa Nadia* (em latim), termo utilizado para demarcar limites documentos em documentos antigos desta região. «Assim *illa Nadia* não pode deixar de ser *Anadia*, isto é, *Nadia*» (Silveira, 1914: 114). Em 1514 foi formalmente criado o concelho de Anadia, por força de uma carta de foral de outorga, durante o reinado de D. Manuel I. Ao longo da sua história, o município conheceu sucessivas mutações de carácter administrativo, que acabaram por resultar na repartição do seu território nas actuais quinze freguesias<sup>34</sup> e na sua ligação ao distrito e à diocese de Aveiro. Conforme o Quadro 1, a área total do município é de 216,6 km<sup>2</sup>, e a densidade populacional é de 145,4 habitantes por km<sup>2</sup>.

**Quadro 1** – Caracterização física do Município de Anadia

Designação do Indicador	Valor	Unidade	Período
Área Total	216,6	km <sup>2</sup>	2003
Freguesias	15	n <sup>o</sup>	2003
Densidade Populacional	145,4	hab/km <sup>2</sup>	2002
População Residente HM	31 545	Indivíduos	2001
População Residente H	15 215	Indivíduos	2001
População Presente HM	30 466	Indivíduos	2001
População Presente H	14 659	Indivíduos	2001

<sup>34</sup> Aguiçã, Amoreira da Gândara, Ancas, Arcos (freguesia urbana, sede do concelho), Avelãs de Caminho, Avelãs de Cima, Mogofores, Moita, Óis do Bairro, Paredes do Bairro, São Lourenço do Bairro, Sangalhos, Tamengos, Vila Nova de Monsarros, Vilarinho do Bairro.

Nesta região, o principal motor da economia local actualmente é a produção fabril. A agricultura ainda resiste e tem como principal impulsionador o cultivo da uva para fabricação do conhecido vinho da Bairrada. Mas a produção de vinhos, mesmo como subsector com grande representatividade, segue em menor proporção em termos de manutenção de empregos na região. De acordo com um levantamento industrial realizado pela Associação Comercial e Industrial da Bairrada, a indústria transformadora do concelho de Anadia representa 4,5% do emprego no sector a nível do distrito de Aveiro, sendo que 4,2% do tecido industrial deste distrito está situado em Anadia. O sector mais representativo é o da cerâmica, contribuindo com 27% do emprego no concelho. De maneira geral, as principais fábricas que se encontram nesta área pertencem subsectores de actividade como indústria da madeira, fabricação de ladrilhos, mosaicos e placas de cerâmica, fabricação de componentes e acessórios para automóveis e seus motores, por exemplo. Assim, optamos por seleccionar para a pesquisa de campo seis famílias pertencentes à classe trabalhadora, cuja renda familiar dependesse maioritariamente do trabalho nas fábricas da região e, em menor proporção, da agricultura de subsistência.

A maior parte dos membros da classe trabalhadora da Bairrada possui casa própria e destinam parte dos terrenos das casas para o cultivo de pequenas hortas com verduras e criação de animais como galinhas ou porcos. A produção destes bens essenciais, mesmo que em pequena escala, por vezes auxilia o sustento, pois permite que estas pessoas poupem parte dos salários mínimos que recebem. Para além disso, outra prova que a agricultura de subsistência ainda resiste nesta região é que há famílias que trabalham nas fábricas, mas continuam a cultivar pequenas vinhas. No início do Outono fazem a vindima para vender aos grandes produtores de vinho da região, tirando algum dinheiro extra desta prática. Ao contrário do espaço doméstico,

onde a mulher sozinha é responsável por todas as tarefas, para além da porta de casa, na área externa, as tarefas agrícolas são divididas entre os maridos e as esposas. Enquanto elas são responsáveis geralmente por alimentar os animais, eles cuidam das limpezas e da manutenção da terra.

A maior parte da população da região da Bairrada reside com os familiares, sendo difícil encontrar pessoas que morem sozinhas. Os agregados familiares geralmente são nucleares, formados por pais e filhos, que muitas vezes continuam a residir em casa dos progenitores depois de atingirem a idade adulta. Este estudo debruçou-se sobre esta instituição que ainda é, em Portugal, regida de acordo com valores de união. Utilizamos a classificação familiar proposta por Saraceno (1995: 38), para nomear os grupos de entrevistados da região da Bairrada. De acordo com a autora, as estruturas familiares são divididas em «núcleo familiar» ou «família nuclear» (pais e filhos), «famílias monogitoriais» (único progenitor – mãe solteira), «famílias alargadas ou múltiplas» (avós, e outros parentescos a coabitar), «famílias reconstruídas» (único progenitor, casado novamente), «famílias de convivências» (casais não casados), «comunidades» (grupo de amigos).

Moore (1993: 32) refere que o ponto central dos estudos etnográficos de recepção é entender as experiências de vida dos consumidores. Ele utiliza o termo «contexto» para referir especificamente os lugares físicos onde ocorre a rotina de recepção, como o espaço doméstico. De acordo com Policarpo (2006:24), a família surge como contexto mais indicado para estudar as práticas de recepção e televisão, na medida em que é um universo onde podemos observar diferentes práticas simbólicas e relações de poder. Da mesma maneira, Lopes *et al.* (2002:72) refere o quotidiano familiar como uma «dimensão» onde diferentes papéis se entrecruzam e interagem conferindo novos sentidos para as leituras da televisão. Assim, utilizamos

como amostra qualitativa de nosso estudo de recepção as famílias trabalhadoras da indústria da região da Bairrada.

## **2. Estudo de campo: famílias de Anadia**

Durante os meses de Julho e Agosto de 2009 entrevistamos seis famílias residentes no concelho de Anadia. O contacto inicial foi estabelecido por meio de um mediador de nacionalidade portuguesa, também morador da região. A busca dos entrevistados realizou-se aleatoriamente. No entanto, a selecção obedeceu ao critério de escolha do mesmo grupo social. A renda familiar de todas as famílias escolhidas depende, maioritariamente, do trabalho fabril e não ultrapassa o limite dos 500 euros mensais por membro do agregado familiar. A aplicação das entrevistas ocorreu directamente na casa das famílias, sempre no período da noite, quando as pessoas estavam reunidas ao redor da televisão. A duração média foi de duas horas, sendo que a mais curta durou uma hora e meia e a mais longa cerca de três horas. Houve a preocupação de pré-estabelecer dias e horários fixos para as visitas, sendo assim elaborado um roteiro de assuntos/dias para cada agregado familiar. A cada semana uma das técnicas de trabalho era aplicada nas diferentes residências. Estabelecemos um tempo de duração de quatro semanas para a aplicação das entrevistas. Como refere Casetti (1999), durante o estudo etnográfico, a participação do observador não pode ser nem demasiadamente curta, para não ser visto como estranho, nem muito longa, para não ter demasiada intimidade. «*O manual do bom observador prevê, em primeiro lugar, os limites do período de duração da observação. Na etnografia do consumo televisivo, o tempo de observação oscila entre 3 e 7 dias*» (Casetti, 1999:

223<sup>35</sup>). Geralmente, as entrevistas ocorriam no cómodo mais movimentado da casa, a sala. Por conta disso, normalmente todos os membros da família participavam da entrevista e respondiam a todas as questões, compondo um ambiente de descontração. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A presença do gravador não representou nenhum constrangimento, tampouco a utilização de material fotográfico, especialmente nas últimas visitas.

### **3. Um lugar de pertença**

O primeiro contacto com a região, em termos de observação etnográfica, ocorreu algumas semanas antes de agendarmos as visitas às casas das famílias seleccionadas. Mesmo conhecendo a região do concelho de Anadia há dois anos, a proposta era estabelecer um novo olhar sob a localidade e descrever as impressões do lugar. Observamos o comportamento dos moradores fora do espaço doméstico e a interacção social na povoação. Desta maneira, dirigimo-nos a um dos «pontos de encontro» dos moradores, num lugar chamado Famalicão. Literalmente Famalicão é um «lugar» pois não está inserido na divisão política-geográfica-territorial portuguesa. Sabemos apenas que é um lugar, pertencente à freguesia de Arcos, no concelho de Anadia. Assim como constatou Silva Tranquilin sobre outro «lugar» em Portugal

Mesmo Vila Pouca possuindo a designação “vila” como parte de sua nomenclatura, ela não se constitui formalmente como tal, e, portanto, seus residentes a chamam pelo vago substantivo de “lugar”, pois o que não chega a ser nem uma vila é simplesmente um “lugar” (Silva Tranquilin, 2008:7)

---

<sup>35</sup> Tradução livre do autor.

Lá, em Famalicão, encontra-se uma concentração de pequenos comércios, para além das casas de moradores. Esta localidade é formada apenas pelo cruzamento de quatro ruas que se encontram no cruzeiro, próximo à Igreja, que fica numa espécie de praça central. Estes comércios, como os cafés, a loja asiática e a peixaria, provavelmente se estabeleceram ali por conta da localização estratégica. As ruas que se entrecruzam (rua da Cameira, viela dos Reis, rua do Chafariz e rua da Taipá) dão acesso às principais freguesias e lugares, como o centro de Anadia, Mogofores, Avelãs de Caminho (onde estão localizadas algumas das principais fábricas da região) e Alfeolas. Estas ruas são passagem quase obrigatória para quem quer circular pelo concelho sem passar pela Estrada Nacional. Foi neste lugar que sentamos e tomamos nota do que pudemos presenciar. Também tomamos a liberdade de descrever algumas particularidades comportamentais dos moradores, fruto de análises anteriores, conversas informais, idas às festas da região, idas aos cafés e realização de imagens fotográficas. Como refere Silva Tranquilin (2008), é importante entender de onde os receptores retiram



1. Homem sentado em frente ao café. Ao centro, fundo da Igreja.



2. Duas jovens caminham pelas ruas estreitas de Famalicão.



3. Cruzeiro em frente à peixaria: "centro" de Famalicão.



4. Via principal que liga o centro de Anadia à Famalicão.

seus repertórios para estabelecer diálogos com aqueles advindos da novela. Desta forma, buscamos compreender as particularidades do universo dos moradores de Anadia. Tomamos como referência e inspiração o livro de Hoggart (1973) «*As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*» para esta breve descrição.

Notamos que a vida nas antigas aldeias é essencialmente pacata. Ouvem-se os passarinhos a cantar. Um gato perambula pelas ruelas em busca de diversão. As pessoas olham quem vem ao longe. Desconfiam se avistam um forasteiro. Entram em suas casas para não serem incomodadas. São barulhos no vazio os que se ouvem nesta região. Uma abelha pousa na janela próxima ao gerânio plantado na varanda virada para a rua. Um cão rosna atrás do portão e sacode a corda que lhe aperta o pescoço. Um homem dorme em seu carro após o almoço à espera de retornar o trabalho na fábrica. Ouve-se o som de uma televisão com volume muito alto vindo do interior de um casebre. Os homens aposentados falam dos últimos acontecimentos do bairro, sentados nas cadeiras do café. Alguns sentam-se do lado de fora e observam o pequeno movimento durante toda a tarde. Nestas localidades é comum ver-se bancos ao redor das capelas, local favorito dos observadores do cotidiano. Os carros atravessam os cruzamentos, sempre seguindo o mesmo ritmo. Nos horários de entrada e saída das fábricas o fluxo é maior. Mas há também o movimento do «pós-almoço» quando os trabalhadores encarregados da parte de logística saem com as «carrinhas» das empresas para buscar os materiais de reposição. As senhoras que ficam em casa e tratam da «lida» doméstica saem com suas bicicletas para comprar a broa que estará na mesa do jantar logo à noite. Um homem encosta a «carrinha» da fábrica para cumprimentar um conhecido sentado no banco da capela. O mesmo

homem não se preocupa que o reconheçam e, porventura, digam ao patrão que ele «anda no paleio» em horário de trabalho.

Os membros das classes trabalhadoras costumam ter o receio natural de ficar sem emprego, mas o medo de perder o sustento não os impede de gozar os pequenos prazeres que a dura vida ainda lhes oferece. A conjuntura económica não costuma interferir no quotidiano dos trabalhadores. Para estes trabalhadores, «está tudo muito mal» independentemente de haver crise económica. Conformam-se com a vida que conhecem, pois «é assim a vida», «tem que ser». As preocupações com o trabalho são de cunho prático, afinal «o importante é ter trabalho», pois «nada se consegue sem trabalho». Caso sejam demitidos, não se preocupam em reflectir quais razões levaram o ocorrido porque «tinha de ser». Normalmente, os trabalhadores pouco qualificados compram pequenos artefactos para a casa, como bibelôs e objectos em plástico nos pequenos comércio. *«Estas modas não se reduzem a uma simples imitação daquilo que fazem os vizinhos. São objectos que contribuem para manter os valores domésticos, valores ricos e importantes»* (Hoggart, 1973a: 44).

A bicicleta é de facto um meio de transporte bastante utilizado por estas pessoas, especialmente pelas mulheres. Vê-se senhoras «livres», indo e vindo, pedalando pelas ruas, rumo ao trabalho, à escola dos filhos ou até ao mercado mais próximo. Na sequência dos meios dos transportes mais comuns estão as pequenas motos. Para conduzir as «motorizadas» muitas vezes não é preciso habilitação. Os membros das classes trabalhadoras menos qualificadas, em Portugal, para além da bicicleta e da «motorizada», geralmente possuem o carro como principal meio de transporte. É raro encontrar uma família desprovida deste bem durável e existem diversas razões para este acúmulo de veículos. A ausência de transportes públicos nestas pequenas localidades portuguesas é uma delas. Inexiste uma oferta de meios



5. Mulher circula de bicicleta pela via que liga o centro de Anadia à Famalicão.



6. Tractores nas ruas de Famalicão.



7. Homem caminha pelas ruas de Famalicão.



8. Uma das ruas principais de Famalicão.

de transporte públicos que levem os trabalhadores até a fábrica. Segundo dados da Câmara Municipal de Anadia, só a freguesia de Arcos, onde reside a maior parte dos nossos entrevistados, abarca uma área total de 12,3 km<sup>2</sup> com uma densidade populacional de 451,1 habitantes por quilómetro quadrado. Se somarmos a área total de todas as 15 freguesias do concelho de Anadia – cerca de 200 km<sup>2</sup> - notamos que é uma área relativamente extensa para os moradores realizarem todas as actividades do quotidiano a pé. Note-se que hoje a classe trabalhadora já compartilha das actividades da classe média, frequenta supermercados e faz pequenas viagens para a praia, conforme Giddens:

(...) houve um grande aumento na renda dos trabalhadores manuais desde esta virada de século. Esse padrão de vida ascendente expressa-se na maior disponibilidade de bens de consumo para todas as classes. Hoje em dia, cerca de 50% dos operários têm casa própria, e é bastante grande a proporção de famílias que possuem carros, lavadoras de roupa, televisores e telefones. (Giddens, 2005: 244)

Os preços dos veículos médios estão ao alcance do poder aquisitivo destas pessoas. Os planos de pagamentos em parcelas facilitam a obtenção destes bens duráveis. O crédito a juros é uma constante na vida das classes trabalhadoras. As facilidades para conseguir empréstimos de valores até 15 mil euros são convidativas. As pessoas «pedem empréstimos» para as necessidades, como para comprar um carro ou parte de

uma casa, mas também para algum lazer, como uma viagem de verão. Conforme a análise de Hoggart, «*Há milhares de outros pormenores colhidos na experiência quotidiana que contribuem para definir melhor a vida das classes trabalhadoras, como seja o hábito de pagar as coisas em pequenas prestações, mês após mês*» (Hoggart, 1973a: 25). É interessante assinalar que, apesar de solicitarem dinheiro emprestado para as instituições de crédito, as classes trabalhadoras evitam os cartões de crédito, pois dizem que os bancos «só querem levar dinheiro» e afirmam que é difícil gerir um cartão de crédito. Muitas mulheres não sabem manusear qualquer tipo de tecnologia digital, inclusive as caixas multibanco. Por isso, deixam a encargo do marido a conta no banco.

A morte é encarada pelos membros da classe trabalhadora portuguesa como um acontecimento trágico. Apesar de manterem um discurso de conformidade, «*todos temos que morrer um dia*», existe uma discrepância entre o discurso e o confronto com a realidade. Quando um familiar próximo morre, a família entra num longo processo de luto. Durante o procedimento fúnebre, os familiares choram muito e expressam a dor através de ruídos de sofrimento. Durante os meses seguintes muitos visitam constantemente o túmulo dos falecidos e cultivam o luto por um ano ou mais<sup>36</sup>. Por isso, não frequentam festas durante este período de tempo e não podem ouvir música ou televisão com volume alto, pois receiam «o que os vizinhos vão pensar». Fazem-no muito mais pelo que as outras pessoas pensam do que pelo que sentem.

De facto, o «senso comum do bairro» rege muitos comportamentos dos trabalhadores. O espaço onde vivem é um lugar sagrado onde não é permitido

---

<sup>36</sup> As viúvas podem guardar o luto eternamente, especialmente se forem idosas.

macular a imagem que se preserva. Os comportamentos iniciais dentro da comunidade são os mais importantes, pois são eles que irão formular a imagem «de si» perante os membros do bairro. Os membros das classes trabalhadoras costumam estigmatizar os seus companheiros. Um homem visto bêbado, por vezes seguidas, será sempre «o bêbado». No entanto, uma pessoa que demonstre comportamento «exemplar» será sempre bem vista pelo grupo. O importante para estes trabalhadores é «conhecer alguém». Existe um receio de estar-se num local público «sozinho», ser um desconhecido, «de fora». Receber bem um forasteiro é apresentá-lo ao maior número de pessoas possível, na tentativa de inclui-lo, pois «sempre é bom conhecer alguém». Sobre este sentimento de comunidade, Hoggart expõe:

Vimos já como o forte sentido de grupo que se manifesta nas classes proletárias pode dar origem a uma exigência de conformidade. O grupo banha numa atmosfera de amizade e calor humano; ajuda a tornar a vida mais fácil e mais agradável. Mas, por outro lado, usa métodos severos para com aqueles que, integrando-se nele, pretendem criticar os seus valores. (Hoggart, 1973b: 21)

No geral, os membros das classes trabalhadoras gostam de conversar com os conhecidos, não se preocupam demasiado com horário, excepto as horas de entrada e saída do trabalho. Observam e comentam a vida alheia. Em resumo, vivem dentro do bairro, que é um «espaço de pertença» (Morley, 2001). Sobre estes comportamentos, Hoggart argumenta que

Quanto mais atentamente consideramos a vida das classes proletárias, e tentamos compreender o que há de essencial nas atitudes que assumem, mais nos salta à vista que este elemento essencial consiste num sentido pessoal, do concreto, do local: daí a importância das ideias de família e de bairro. (Hoggart, 1973a:41)

Os membros das classes trabalhadoras, em geral, não cultivam o hábito de caminhar. As poucas pessoas que caminham nas ruas das pequenas localidades são os adolescentes e jovens que transitam para ir à escola ou encontrar os amigos. O restante da população trabalhadora prefere a comodidade do transporte motorizado



9. Família reunida para jantar durante a festa de Anadia.



10. A chouriça assada é servida pelos restaurantes e preparada na mesa.



11. Pessoas se reúnem para esperar o show.



12. Mulheres dançam ao som do cantor Quim Barreiros.

para circular pelo povoado, inclusive para deslocações curtas. Este hábito, somado à falta de exercícios físicos e aos costumes alimentares, leva esta população a desencadear doenças cardiovasculares muito cedo. Apesar de trabalharem com a força braçal, o exercício diário no trabalho não é o suficiente para liquidar o alto teor de gorduras ingeridas pela alimentação. O cardápio das classes trabalhadoras de renda baixa em Portugal é constituído quase sempre por comidas regadas a muito molho à base de óleo, azeite e batatas. Os cereais são ingeridos com pouca regularidade e as carnes, especialmente a suína, são preferidas com gordura. As frituras são ingeridas várias vezes por semana. A comida grelhada e sem «molhos» é vista com estranheza e quase sempre associada às «dietas».

A Feira da Vinha e do Vinho de Anadia é um dos principais acontecimentos culturais para os moradores do concelho. A feira popular ocorre anualmente na altura do início do verão e costuma ter a duração de uma semana. Normalmente o cartaz da feira é distribuído pelo concelho um mês antes do acontecimento e a partir daí torna-se o principal motivo de conversa das mulheres que se encontram na rua ou dos maridos que se reúnem no café. Os custos

da festa são subsidiados pela Câmara Municipal, que normalmente cobra apenas uma quantia simbólica de entrada. Ao passar o arco de entrada na festa, nota-se que as principais atrações são as barracas de comida e bebida. No aspecto alimentar, a prova do vinho e do espumante produzidos na região é a prática mais apreciada, especialmente pelos homens. Geralmente os restaurantes da região preocupam-se em oferecer os pratos mais populares, como o chouriço assado no álcool. Algumas famílias reúnem-se na festa para jantar, no horário em que o movimento começa a aumentar. Enquanto o comércio local se esforça para expor seus produtos em pequenas tendas, os transeuntes passam descontraidamente e se reúnem para ouvir um pouco de música popular que algum grupo está a apresentar. Após o jantar, as crianças correm para se divertirem nos brinquedos que muitas vezes só vêm uma vez por ano. Os adolescentes, reunidos sempre em grupos, transitam de um lado para o outro com sorrisos nervosos diante das poucas horas de liberdade para interação social. Todos aguardam a principal atração da festa: os shows. As apresentações de cantores populares alegram as famílias no final de cada dia. Geralmente são convidados cantores como Quim Barreiros e Roberto Leal, e também alguns grupos de sucesso meteórico que atraem os jovens. Quando os cantores de



13. Mulheres se divertem ao dançar.



14. Os grupos da região também apresentam suas canções em palcos menores.



15. Os homens assistem ao show principal, sem dançar.

música «pimba» se apresentam, as mulheres dançam. Muitas vezes é única oportunidade que têm de sair da rotina do trabalho e desfrutar um momento de diversão. Elas dançam sozinhas ou acompanhadas, quase nunca por seus maridos, mas por outra mulher. Os homens não costumam dançar, talvez por vergonha ou falta de jeito. Preferem segurar o copo de vinho na mão e conversar com os amigos.

## Capítulo V

### **SEIS FAMÍLIAS: UM ESBOÇO DE DEFINIÇÃO**

Após apresentar o lugar escolhido para a pesquisa, descrever as observações etnográficas deste espaço e delimitar alguns pontos de vista pertencentes ao senso comum da classe trabalhadora pouco qualificada residente na região da Bairrada, passamos a apresentar quem são os entrevistados da amostra. Foram seis famílias que gentilmente cederam seus depoimentos para nosso estudo, permitindo a visita ao espaço doméstico e a observação dos seus hábitos de consumo televisivo. Em primeiro lugar é importante dizer que todos os entrevistados foram simpáticos e mostraram sinceridade em seus depoimentos. E em segundo, lamentamos o facto de que, num estudo como este, por mais que tentemos utilizar todos os dados recolhidos, não conseguirmos expor a totalidade dos depoimentos, a dimensão das expressões e dos silêncios do que não foi dito.

#### **1. Primeiros indicadores: diferenças e semelhanças**

Para auxiliar a compressão das diferenças e semelhanças entre as seis famílias pesquisadas, construímos quadros com variáveis referentes às *mediações* individuais de cada família (Lopes *et al.*, 2002), como número de membros, renda familiar, religião e itens de indicação do padrão de vida dos trabalhadores.

Notamos nos dados do Quadro 1, a existência de homogeneidade não apenas no padrão, mas no estilo de vida dos entrevistados. A opção por ter poucos filhos é uma delas. Das seis famílias, quatro têm apenas um filho. Para compreender este indicador, precisamos considerar que vida familiar em Portugal regista um movimento de «modernização», mais ou menos tardio em relação aos outros países

européus, mas com características próprias (Conde, 1998:51). Os dados dos últimos recenseamentos revelam que a família portuguesa actual possui índices de natalidade radicalmente inferiores às famílias dos anos 60, ou seja, ao longo das décadas as famílias sofreram importantes transformações. «A baixa natalidade que num espaço de duas décadas se instalou e que ainda não deixou de diminuir constitui uma das principais evidências dessas mutações familiares» (Conde, 1998: 74).

**Quadro 2** – Indicadores do padrão de vida

Famílias	Nº Membros	Renda Familiar (€)	Condição Moradia	Nº Veículos	Nº Quartos	Religião
Família 1	3	1000	Própria	3	2	Católica
Família 2	3	600	Própria	3	3	Católica
Família 3	3	1000	Própria	2	3	Católica
Família 4	3	1000	Própria	3	3	Católica
Família 5	2	1000	Arrendada	2	2	Católica
Família 6	4	1700	Própria	3	3	Católica

A renda familiar de todas praticamente não ultrapassa o limiar do salário mínimo nacional – 450 euros – por membro da família. Contudo, apenas uma das famílias que entrevistamos reside em casa alugada, as demais possuem imóvel próprio. Geralmente a edificação das casas é fruto do esforço dos próprios moradores, construídas com ajuda de amigos e familiares. O número total de veículos motorizados no quadro inclui as motos, vistas com bastante frequência nas garagens. Normalmente a família tem um carro e uma moto ou dois carros e uma moto. Todos

assumem-se como católicos, mas poucos dedicam-se a participar das actividades da igreja, demonstrando paradoxalmente uma relação longínqua com a religiosidade.

**Quadro 3** - Relações com a TV

Famílias	Nº TVs	TV por assinatura	Cómodo de assistência TV*	Nº horas TV fica ligada**	Quais telenovelas estava a assistir	Quem define a programação H/M
Família 1	3	Sim	Quarto	6	Sentimentos	Ambos
Família 2	4	Não	Sala	4	Caminho das Índias Três Irmãs	Homem
Família 3	3	Sim	Sala	6	Sentimentos Deixa que te leve Flor do Mar	Homem
Família 4	3	Sim	Sala	6	Sentimentos Deixa que te leve	Ambos
Família 5	2	Não	Quarto	4	Sentimentos	Homem
Família 6	3	Sim	Sala	7	Morangos com Açúcar Sentimentos Deixa que te leve Flor do Mar	Homem

\* Maior frequência.

\*\* Em média.

Os dados do Quadro 3 representam a relação que cada família mantém com a televisão. Podemos observar que o número de televisões em cada residência e o

número de horas em que a TV fica ligada denotam uma relação de afinidade. No entanto, estas horas de aparelho ligado podem não corresponder, de facto, ao de volume de assistência atenta, pois, muitas vezes, a televisão permanece ligada apenas com a finalidade da «companhia». Como refere Policarpo

Em geral, a televisão desempenha um papel central na vida dos Portugueses. Crê-se que, em média, estes passem cerca de três horas a consumir os mais variados programas [Marktest/Media Monitor (1999-2004)]. A televisão é vista, essencialmente, como uma «companhia» e, muitas vezes, ela serve mais para ser ouvida do que vista, substituindo-se parcialmente à rádio. (Policarpo, 2006: 41)

Percebemos também a dimensão da importância do aparelho de televisão no universo doméstico destas famílias quando comparamos o número de TVs e o de quartos. Podemos verificar, assim, que em todas as casas a quantidade de aparelhos é igual ou superior ao número de quartos. O papel da televisão na vida destes portugueses parece estar consolidado, pois os depoimentos nos revelaram que os entrevistados consideram importante haver várias televisões na casa. E, inclusive, durante o trabalho etnográfico observamos que na maior parte das casas visitadas existe, realmente, várias televisões na casa, totalizando quase uma por cómodo.

Um estudo sobre o consumo dos *media* e as práticas culturais dos portugueses, realizado em 2008 pelo ISCTE (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa) e pela ERC (Entidade Reguladora para os Meios de Comunicação), revelou que 99,5% dos portugueses têm o hábito de ver televisão, sendo que 88,9% assiste diariamente. Os dados da pesquisa indicaram também que 76,5% dos entrevistados costuma ver televisão na sala – para além do quarto e da cozinha – e 59,8% diz assistir televisão com os familiares.

As duas últimas variáveis do Quadro 2 nos indicam assuntos que iremos discutir em pormenor nos próximos capítulos. No tocante aos títulos de telenovelas

mais assistidos, podemos notar que cinco das seis famílias entrevistadas preferem assistir as novelas nacionais em detrimento dos produtos estrangeiros. Resultado semelhante aos dados da Marktest/Media Monitor, relativos às preferências dos portugueses pelas novelas exibidas na TVI, como mostra a tabela a seguir com o top dos programas mais assistidos em Agosto de 2009.

Top Programas Agosto 2009						
#	Canal	Dia	Hora início	Programa	Rat%	Shr%
1	RTP1	31	20:08:40	Liga Sagres: Benfica x V. Setubal	16.1	42.0
2	RTP1	26	19:37:22	Liga dos Campeões: Pre-Elim.: Fiorentina x Sporting	16.1	46.6
3	TVI	24	21:10:43	Deixa Que Te Leve	15.0	38.3
4	RTP1	18	19:35:45	Liga dos Campeões: Pre-Elim.: Sporting x Fiorentina	13.8	44.2
5	TVI	4	22:54:54	Sentimentos:	13.3	43.7
6	RTP1	9	20:42:27	Supertaça Cândido de Oliveira: Fc Porto x P. Ferreira	13.3	39.1
7	RTP1	22	21:10:58	Liga Sagres: Sporting x Sp. Braga	13.2	41.8
8	TVI	4	19:40:59	Liga dos Campeões: Pre-Elim.: Twente x Sporting	12.7	41.0
9	SIC	8	21:18:06	Jornal da Noite	12.6	36.2
10	RTP1	31	22:09:10	Liga Sagres: Flash Interview	11.8	28.3
11	SIC	8	18:55:12	Eusébio Cup: Benfica x Ac Milão	11.7	47.0
12	RTP1	24	20:00:00	Telejornal	11.6	33.0
13	SIC	1	21:43:34	Salve-Se Quem Puder: Especial	11.2	33.9
14	SIC	4	21:30:53	Salve-Se Quem Puder	11.1	29.6
15	TVI	12	19:25:07	Jogo Preparação Selec. A: Liechtenstein x Portugal	11.0	40.3

Fonte: MediaMonitor

**Tabela 3**

Como podemos observar, a tabela revela que, depois do futebol, a preferência da maioria dos portugueses por assistir telenovelas é evidente. *Deixa que Te Leve* ocupa o terceiro lugar com 38,3% do share<sup>i</sup> de audiência e *Sentimentos* ocupa quinto lugar atingindo 43,7% de share<sup>37</sup>. De acordo com o que acompanhamos nos últimos anos, as telenovelas da TVI vêm ocupando este *ranking* dos programas mais assistidos com facilidade. Os entrevistados nos disseram exactamente o mesmo, que nos últimos anos têm assistido muito mais telenovelas portuguesas e, inclusive, seus televisores têm permanecido a maior parte do tempo no canal 4.

<sup>37</sup> Medição de audiência baseada nos televisores ligados. Segundo a Marktest/ Media Monitor, esta quota é calculada a partir do tempo total despendido a ver um canal/suporte/programa relativamente ao tempo total despendido a ver televisão.

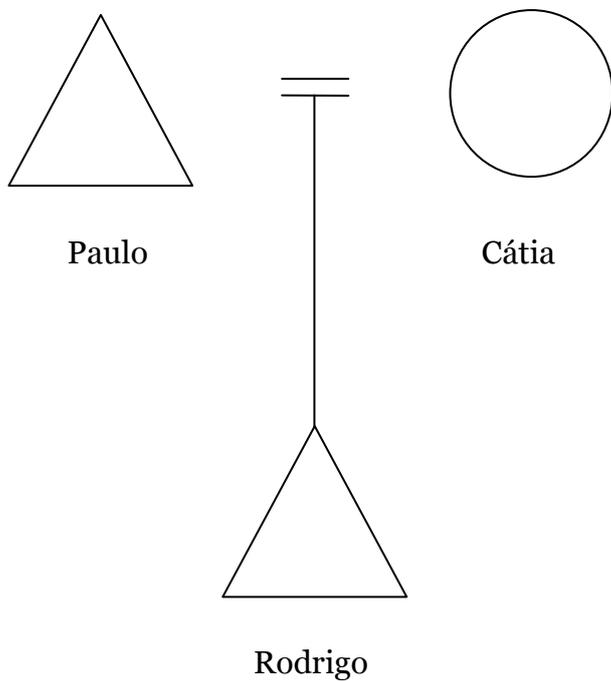
Por último, um indicador que revela muito da realidade do espaço doméstico das famílias, em especial no tocante às relações de poder e disputa entre os géneros. Muito mais do que um objecto electrónico facilitador, o controlo evidencia-se no ambiente familiar como um instrumento de domínio. Note-se que, dos seis grupos familiares, em apenas dois a mulher decide junto com o marido o que ambos vão assistir. E, em nenhum lar, a mulher – sozinha – assume o papel de decisão da programação a ser assistida.

## **2. Perfil familiar e aspectos culturais**

Ao iniciar o percurso do estudo de caso, a primeira pergunta que permeou a pesquisa foi descobrir quem são estas famílias? Como são seus estilos de vida? Quais são os valores que regem seus comportamentos? Como encaram instituições como a família, a escola e o trabalho? Precisávamos primeiramente descobrir estas características e traçar minimamente um perfil destes sujeitos.

Sistematizando o pensamento, partimos para o traçar da composição das famílias, a descrição da moradia e do padrão de consumo familiar, as condições socioeconómicas e a trajectória familiar, seguindo a metodologia já mencionada de Lopes *et al.* (2002).

**Família 1 – Paulo, Cátia e Rodrigo**



Legenda:

== Aliança

| Filiação

— Consanguinidade

○ Mulheres

△ Homens

△ Ausentes

Na residência da família, que intitulamos como família 1, moram Paulo, 29 anos, sua esposa Cátia, 29, e o filho do casal, Rodrigo, de 2 anos. Paulo e Cátia são casados há 4 anos e desde então sempre moraram na mesma casa. Os três são portugueses, brancos, nasceram e cresceram na região da Bairrada. A família se diz católica, mas raramente vai à missa e o filho Rodrigo não foi batizado porque os pais acreditam que ele deverá escolher sua própria religião.

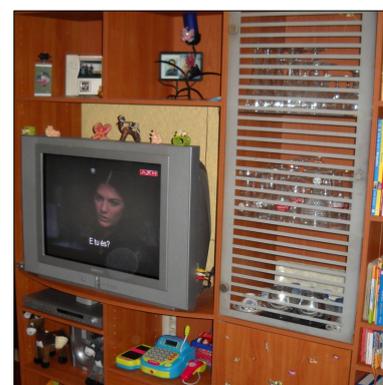
A moradia do casal é simples, especialmente nos acabamentos e no mobiliário. O terreno e parte da construção pertenciam ao pai de Paulo, que viveu sempre na casa, desde que nasceu. Aos poucos Paulo, com suas próprias mãos, aumentou a moradia, construiu novas divisões, uma horta, uma ampla garagem e um canil. Na altura das nossas visitas, o pai da família andava a trabalhar na construção de uma segunda sala de estar. Pareceu-nos que a casa passava por um processo de eterna construção. A entrada principal fica virada para a rua e deste lado não possui qualquer tipo de muro ou portão. Antes da porta de entrada há um recuo que abriga alguns vasos e objectos decorativos. Ao entrar, observamos uma sala de estar com pequenos sofás de pouca qualidade. Uma estante



16. Vista da parte externa da casa da família 1.



17. Família reunida no sofá: Cátia pega Rodrigo ao colo, ao lado de Paulo.



18. A estante com a televisão é o principal móvel da sala.



19. Cozinha: lareira e fogão de um lado, televisão, mesa e geladeira do outro.



20. Cozinha vista de outro ângulo.



21. Quarto reservado para Rodrigo, quando ele conseguir dormir sozinho.



22. Quarto do casal: berço de Rodrigo ocupa parte do espaço de circulação.



23. Detalhe da parede: diversos objectos decorativos coloridos.

suporta a televisão de 29 polegadas com tela plana, para além de bibelôs, porta-retratos, livros infantis, brinquedos, álbuns de família e uma parte que serve como cristaleira com taças e xícaras. Nas paredes, mais objectos decorativos e uma colecção de borboletas que chama a atenção pelo colorido. A cortina da sala também tem estampa de borboletas e no armário, vários autocolantes com o mesmo motivo. Os tapetes e os móveis são de pouca qualidade e piso de revestimento do chão é frio, em cerâmica escura. Da sala, vemos as entradas para os dois quartos da casa. Um deles futuramente será de Rodrigo, que ainda dorme com os pais. O quarto do casal não conta com muito espaço justamente por conta do berço de Rodrigo. No geral, os quartos são pequenos em relação aos outros cômodos da casa. A cozinha é bastante ampla, com uma lareira ao fundo, para além dos outros aparelhos electrodomésticos como uma geladeira com vários imãs e fotografias de Rodrigo, um fogão de quatro bocas, uma mesa de quatro lugares e uma televisão pequena. O restante da casa – «nova» sala, área de serviço e terraço – ainda está em fase de acabamento.

Paulo trabalha por turnos como serralheiro numa fábrica do ramo de cerâmica. Numa semana seu horário é das 7h às 14h e noutra das 14h às 22h. Este horário não lhe permite estabelecer muitas rotinas planejadas, como levar e buscar o filho na creche, por exemplo. Seu salário ronda os 700 euros mensais. Paulo possui o 5º ano de escolaridade e depois que parou nunca mais sentiu vontade de retornar. Sua rotina é praticamente voltada para o trabalho na fábrica e as reformas na casa.

Cátia, na altura das nossas visitas, estava desempregada e estudando num curso profissional através de um programa oferecido pelo governo. Durante sua vida, exerceu diversos ofícios, como operária fabril e cozinheira, mas sua vontade é trabalhar como educadora infantil. O curso de formação oferecido pelo governo para pessoas em situação de desemprego como Cátia fornece apoio social no valor de um salário mínimo. Cátia estudou até o 12º ano, actual escolaridade mínima obrigatória do país<sup>38</sup>.

**Quadro 4** – Família 1 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade

Indicadores	Cátia (mãe)	Paulo (pai)	Rodrigo (filho)
Idade	29	29	2
Profissão	Desempregada*	Serralheiro	----
Escolaridade	12º	5º	----
Horário de trabalho	----	Turnos (7h-14h/14h-22h)	----

\* Passou por diversos empregos, como operária fabril, cozinheira e educadora infantil.

<sup>38</sup> Uma lei promulgada pelo Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva, em 2009, estabelece o regime de escolaridade obrigatória até o 12º ano.

Paulo nasceu, como a maioria dos moradores desta região, na maternidade de Coimbra. Passou sua infância e adolescência em Famalicão. Aos 12 anos, seus pais divorciaram-se e ele ficou a morar com o pai. O relato de Paulo revela alguma mágoa neste sentido «*a minha mãe abandonou o meu pai e a mim...*». Dois anos após a separação, seu pai veio a falecer. Paulo ficou a morar com a avó, já idosa, que também morreu poucos anos depois. Órfão, o adolescente ficou ao encargo de um senhor vizinho. Estudou até aos 14 anos, mas depois da morte do pai, trocou a escola pelo trabalho e sempre morou na casa onde vive actualmente. Paulo admite não se interessar por nenhum tipo de leitura. Após os 18 anos, emancipado, ele conta-nos que começou uma «*vida de vagabundo*», saindo todos os dias à noite com os amigos. No entanto, adverte que começou a trabalhar desde cedo, com 16 anos, porque almejava a independência financeira, já que não podia contar com o apoio dos pais. Desde então, nunca mais parou de trabalhar, como pedreiro inicialmente e depois como serralheiro. Conheceu a actual esposa quando tinha 25 anos, namoraram 3 anos antes do casamento. De acordo com seu relato, a esposa o afastou da vida de «ilusões» que mantinha junto aos amigos.

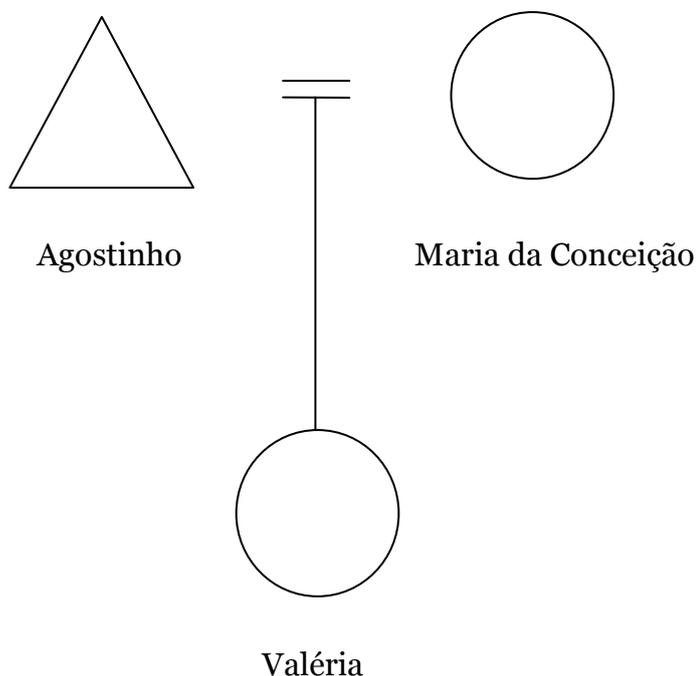
Cátia é natural de Aveiro, onde passou sua infância, junto à mãe, cozinheira de um parque de campismo na praia da Costa Nova. Seus pais também se separaram durante a sua infância. Durante a adolescência, viveu com a mãe no litoral do distrito, até aos 14 anos. Nesta altura, sua mãe decidiu mudar do litoral para o interior, após casar-se novamente. Enquanto adolescente, Cátia afirma que não aceitou a nova relação e permaneceu no litoral, em casa de uma tia. As saudades fizeram Cátia repensar e decidir morar em Sangalhos<sup>39</sup>, junto à mãe, ao padrasto e ao novo irmão.

---

<sup>39</sup> Uma das 15 freguesias do concelho de Anadia.

Depois de terminar o 12º ano, partiu para o mundo do trabalho. Seu primeiro emprego foi como animadora infantil numa escola pública, na mesma época em que começou a namorar com Paulo. Quando o contrato com a escola acabou, não efectivada, Cátia sequencialmente passou por diversos empregos, como operária fabril, secretária e cozinheira. O casamento ocorreu apenas pelo civil e em seguida foram morar na casa onde vivem actualmente. O filho Rodrigo nasceu 3 anos depois. Em seu depoimento, fica clara a insatisfação com sua condição, em especial no tocante à instabilidade no trabalho. O principal lamento é derivado da impossibilidade de conseguir um emprego bem remunerado, com uma carga horária menor, que lhe permita cuidar da casa e do filho com mais dedicação.

**Família 2** – *Agostinho, Maria da Conceição e Valéria*

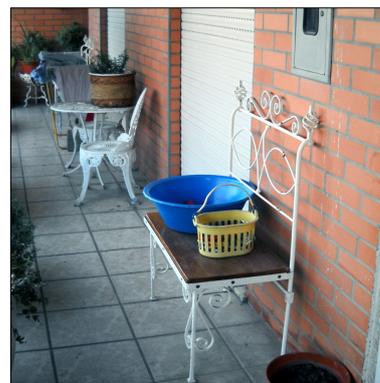


A família 2 também é nuclear, composta pelo casal Agostinho, de 42 anos, e Maria da Conceição, 39 anos, e pela única filha Valéria, 14 anos. Ambos são portugueses e brancos. Agostinho e Conceição são casados há 20 anos e desde 1994 residem em casa própria. Nota-se que a maioria dos casais da classe trabalhadora portuguesa tem a preocupação do planeamento familiar. No caso deste casal, segundo os depoimentos, só após 5 anos de casados decidiram ter um filho, quando já tinham um imóvel próprio. Quanto à religião, os três são católicos e selaram todos os sacramentos da igreja. Conceição e Valéria costumam ir à missa frequentemente, mas Agostinho fica em casa, não pratica. A relação com a religiosidade é mais próxima, especialmente se compararmos com os depoimentos das demais famílias entrevistadas.

A casa da família 2 é notavelmente mais ampla e sofisticada em relação à casa da família 1. Os acabamentos como pavimentação e revestimento são superiores, notando-se a exigência pela qualidade na compra dos materiais. A edificação da casa também é fruto do esforço braçal de Agostinho, que trabalha na construção civil. De acordo com seu depoimento, a casa demorou para ser construída, mas está da maneira como o casal imaginava. Notamos este cuidado logo à entrada. Há um muro baixo com um pequeno portão em ferro que marca o início da casa, rodeado por roseiras e outras plantas ornamentais. No terraço, outros vasos, bancos e mesinhas com cadeiras trabalhadas em ferro. Pela porta principal, entramos para uma grande sala de estar, mas com espaço reduzido pela quantidade de móveis e objectos decorativos. A mobília tem materiais de qualidade, como o couro e a madeira, sempre seguindo um padrão repleto de formas e contornos. Existe uma certa desordem na arrumação dos objectos por toda a casa, mas uma constante de estilo. Tudo parece ser inspirado no movimento Barroco. Os demais cômodos dividem-se em três quartos, duas cozinhas – uma quase inutilizada, um banheiro e um sótão imenso, onde parece haver outra casa, com dois quartos, sala e banheiro.



24. Vista externa da casa da família 2.



25. Mesas e bancos enfeitam o terraço de entrada.



26. Vista geral da sala: muitos objectos decorativos.



27. Família 2 reunida na sala: Mãe, Da Conceição e Valéria deitadas, Agostinho sentado no sofá.



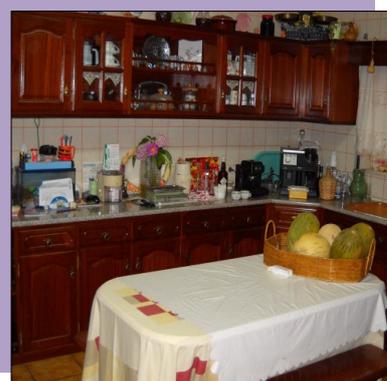
28. Valéria coloca a fita VHS não aparelho videocassete para gravar a telenovela *Caminho das Índias*.



29. Quarto da filha Valéria: mesmo estilo de decoração.



30. Televisão do quarto do casal.



31. Cozinha principal: moveis escuros e de boa qualidade.

Agostinho trabalha como pedreiro na construção civil. Actualmente não está ligado a nenhuma empresa, trabalha por conta própria. Os problemas na coluna têm o impedido de exercer seu ofício e por isso tem lutado para conseguir uma reforma por invalidez. Agostinho sempre trabalhou na construção civil desde adolescente e em seu depoimento fez questão dizer que gosta de seu trabalho.

Maria da Conceição é operária em uma fábrica do ramo da cerâmica. Trabalha na mesma linha de produção há 20 anos. Assim como seu marido, diz que gosta de sua profissão, pois é a única que sabe exercer. Seu horário de trabalho, diferente da maior parte das operárias, é fixo e não possui turnos de alternância. Portanto, inicia sua jornada às 8h e termina às 17h. Este horário permite que leve e busque a filha na escola e planeje os serões. Seu salário é de cerca de 450 euros mensais, mais subsídios e horas extras que eventualmente faça.

A filha Valéria tem dificuldades de aprendizado na escola. Os pais pretendem matriculá-la em um curso profissionalizante. De acordo com eles, se a filha «*não tiver cabeça para continuar, ao menos que tenha um curso profissional*».

**Quadro 5** - Família 2 - Indicadores: idade, profissão e escolaridade

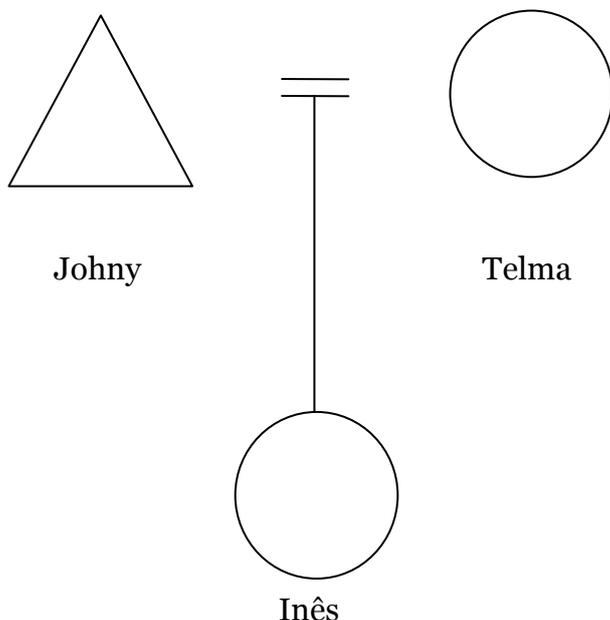
Indicadores	Maria da Conceição (mãe)	Agostinho (pai)	Valéria (filha)
Idade	39	42	14
Profissão	Operária fabril	Construção civil - pedreiro	Estudante
Escolaridade	6º	4º	9º
Horário de trabalho	8h – 17h	Flexível	8h-18h

Agostinho nasceu e passou sua infância no norte do país, numa casa simples da freguesia de Gove, no concelho de Baião. Na região em que nasceu, até hoje há o predomínio da ruralidade, num lugar bastante ermo e afastado. A vinda para esta região ocorreu na década de 70. Agostinho começou a trabalhar na construção civil na adolescência. Na juventude, comprou uma moto para se deslocar da região e manter alguns «namoros». Quando conheceu a actual esposa, conta que namorava mais duas moças, uma no Porto e outra em Aveiro. Notamos que Agostinho sente-se bem ao contar seu percurso amoroso. Um dos grandes marcos de sua vida foi o acidente que sofreu quando tinha 17 anos. Foi atropelado por um caminhão quando andava de bicicleta pelo concelho de Anadia. Esteve em coma durante alguns dias. O acidente deixou algumas sequelas na coluna vertebral e, por conta disso, Agostinho teve sempre problemas em seu trabalho neste aspecto.

Maria da Conceição nasceu na aldeia do Travasso, na freguesia de Vacariça, concelho da Mealhada – região que também pertence à Bairrada. Durante toda sua infância e juventude esteve naquelas terras, trabalhando com seus pais no campo.

Ainda na adolescência, aos 14 anos, saiu para trabalhar como empregada doméstica em casas de famílias da região. Trabalhou também em restaurantes como ajudante de cozinha e empregada de mesa. Maria da Conceição passou a adolescência quase completa longe da casa dos pais. Percebe-se em seu relato o reconhecimento deste percurso sofrido. No entanto, existe um orgulho por ter levado uma vida «de muito trabalho». Aos 19 anos, conheceu Agostinho num baile da região. Namoraram cerca de 9 meses e depois casaram-se civilmente e também pela igreja. Depois de casada, começou a trabalhar como operária na mesma fábrica em que está até hoje. A filha, Valéria, nasceu quando a vida do casal estava mais ou menos estabilizada. Os anos que se seguiram foram sempre na mesma casa, seguindo a rotina do cotidiano de trabalhadores, sem muito tempo de lazer. O casal demonstra satisfação perante a condição quem vivem e aparentam uma felicidade simples e humilde.

### Família 3 – *Johny , Telma e Inês*



A família 3 pode ser classificada como uma família reconstruída, formada por Johny, 28 anos, Telma, 26 anos, e Inês, 6 anos. Telma e Johny não são casados oficialmente, mas moram juntos há 1 ano e meio. Inês é fruto do primeiro, e curto, casamento de Telma. Johny é filho de portugueses emigrantes, por isso nasceu e viveu parte de sua infância na Venezuela. Telma e Inês nasceram e viveram sempre em Portugal. Os três são brancos e católicos, mas não têm o hábito de ir à missa. Inês frequenta actualmente a catequese.

A casa onde a família reside pertence à Telma. De acordo com seu depoimento, a casa é



32. Vista externa da casa da família 3.



33. Metade da sala é tomada por um largo sofá preto.



34. Sala: móveis com linhas rectas e modernas.



35. Lareira, na sala.



36. Telma e Johny sentados no sofá da sala.



37. Quarto do casal: mesmo estilo de decoração.

herança de uma avó e teve de ser totalmente reconstruída. Na altura em que estávamos a fazer o estudo empírico, as paredes externas da casa estavam a ser pintadas, numa das últimas etapas da reforma. A residência possui formas simples e rectas, com acabamentos e móveis de qualidade. Os cômodos são bastante amplos e possuem uma decoração moderna. Na parte externa, pequenos muros e um portão electrónico cerca o terreno. Há um pequeno relvado à entrada, antes da porta principal que dá acesso à sala. Ao entrarmos, vemos um largo sofá em tecido preto que ocupa boa parte da sala. Há poucos móveis, apenas uma mesa de centro e uma pequena estante escura que suporta uma televisão LCD de mais ou menos 29 polegadas. Um dos cantos é ocupado por uma lareira. Nota-se a jovialidade do casal morador pelos materiais e formatos escolhidos para a decoração. Aqui, nada lembra o Barroco. Muito pelo contrário, as linhas planas e as cores frias seguem as tendências de decoração actuais. As demais divisões da casa seguem o mesmo padrão, amplas, com móveis pretos e linhas rectas. Há mais três quartos, uma cozinha, duas casas de banho e uma lavandaria.

Johny trabalha como vendedor na empresa de distribuição de alimentos congelados pertencente a seu

pai. Em seu depoimento, nos relatou que não gosta do ofício de vendedor, mas infelizmente tem de o exercer porque a empresa necessita de pessoas de confiança neste cargo. Johny não participa da distribuição dos lucros da empresa e seu pai oferece-lhe um salário que ronda os 600 euros. Johny disse-nos que também está insatisfeito com o trabalho por conta dos horários da empresa. Costuma chegar ao trabalho às 7h e voltar ao armazém de distribuição às 20h30. Como a empresa é da família, sempre permanece até mais tarde, chegando por volta das 22h à casa. De acordo com ele, seria bom ter mais tempo para a família. Johny é segundo entrevistado (homem) com maior escolaridade, pois completou o 12º ano.

Telma trabalha como operária numa fábrica de capacetes. Sua rotina não é submetida pelos turnos, pois possui horário fixo, das 8h30 às 17h30. Assim, como todas as esposas deste estudo, Telma também ganha o salário mínimo nacional. Ela é uma das entrevistadas que aparenta ter maior escolaridade, especialmente por conta de seu discurso. Durante o relato sobre o trabalho, disse-nos que gosta do que faz porque trabalha produzindo um objecto que salva vidas.

**Quadro 6** - Família 3 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade

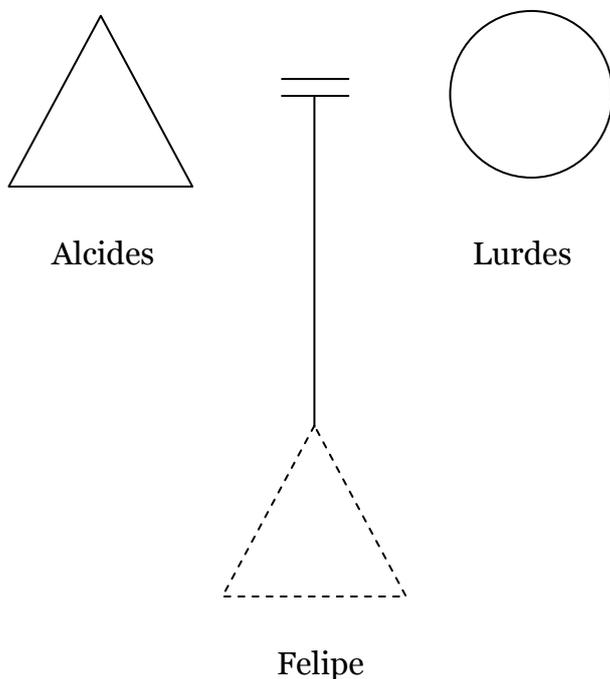
Indicadores	Telma (mãe)	Johny (marido)	Inês (filha)
Idade	26	28	6
Profissão	Operária fabril	Vendedor	Estudante
Escolaridade	7º	12º	2º
Horário de trabalho	8h30-17h30	7h-20h30	8h-18h

Johny nasceu e viveu até aos setes anos na Venezuela, na cidade Maracay, à 100km da capital do país, Caracas. Johny conta com satisfação estampada nos olhos os tempos de infância vividos naquele país. Seu pai sempre foi dono do próprio negócio e passou pelo ramo das panificadoras até decidir montar uma empresa de distribuição de congelados quando retornou a Portugal. Johny contou-nos que seu percurso escolar foi bom, pois nunca teve notas negativas. Nota-se o apoio dos pais nesse sentido. Pelo que pudemos perceber, a família de Johny nunca atravessou muitas complicações financeiras. A liberdade veio após de obter a carta de condução, como todos os entrevistados nos disseram. Aos 18 anos, trabalhou numa empresa como técnico de logística. Dois anos depois, começou a trabalhar na empresa do pai. Há dois anos decidiu que iria sair de casa e financiou a compra de um apartamento. Na mesma época, conheceu Telma e decidiram ir morar juntos.

Telma nasceu e viveu sempre na localidade da Curia, na freguesia de Tamengos, concelho de Anadia. Filha de um casal de agricultores, sua infância foi marcada por um acidente que sofreu aos 3 anos, quando caiu de uma escadaria e fracturou a clavícula e desenvolveu um estrabismo agudo. Passou por diversas cirurgias, mas nunca recuperou a visão perfeita. De acordo com seu depoimento, devido a este problema, não conseguiu prosseguir os estudos até aonde gostaria. Desistiu de estudar quando cursava o 8º ano, porque não conseguia acompanhar o volume de leituras exigido. Telma tinha medo de perder a visão, pois anualmente os exames oftalmológicos indicavam a diminuição do nível de visibilidade. No mesmo ano, aos 14 anos, começou a trabalhar com limpezas em escritórios. Telma relata que nesta época aproveitou a liberdade que nunca teve para fazer o que suas amigas faziam, como ir às compras ou ao cabeleireiro. Passou também por outros empregos, como em uma pastelaria e um hotel, até pedir emprego, aos 15 anos, na fábrica onde

trabalha até hoje. Aos 18 anos, decidiu casar-se com o rapaz que namorava há dois anos, mesmo não estando preparada, apenas para obter a liberdade da família. Pouco antes de casar, descobriu que estava grávida. Por tratar-se de uma gravidez de risco, mesmo depois do casamento, decidiu continuar em casa dos pais. Telma relatou que a decisão pelo casamento foi um erro, pois durante o namoro sofria problemas com a agressividade do namorado. Após o nascimento da criança e da saída da casa dos pais, a agressividade transformou-se em violência doméstica. A decisão pelo divórcio ocorreu um ano depois. Telma voltou a viver na casa dos pais, com sua filha. Desde então viveu sempre como mãe solteira, atravessando diversos problemas de cunho psicológico por parte da filha. Há 3 anos conheceu Johny. O relacionamento novo foi uma surpresa para Telma, que não namorava há 4 anos. Hoje Telma vive um «casamento» feliz com Johny, que assumiu a figura de padrasto da pequena Inês.

**Família 4 – Alcides e Lurdes**



A família 4 é nuclear, formada por Alcides, 53 anos, por Lurdes, 49 anos e pelo filho do casal, Felipe, de 28 anos. Os três são portugueses, brancos e católicos. Nenhum dos membros da família vai aos compromissos religiosos com frequência. Lurdes assiste a missa pela televisão nos domingos pela manhã. O filho emigrou para Inglaterra há 6 anos em busca de trabalho. Felipe teve um filho há dois anos com uma moça francesa e o neto do casal vive actualmente com a mãe em França. O casal conhece o neto pessoalmente, das vezes que a mãe o trouxe para Portugal. Alcides e Lurdes também foram para Inglaterra algumas vezes para as festas de final de ano.

Desde que casaram, Alcides e Lurdes residem na mesma casa. A ampla residência fica numa rua com pouca iluminação. A construção é simples e tem aspecto de inacabada. Metade das paredes externas não recebeu pintura. A casa possui duas entradas principais: uma que dá acesso a um *hall* e à escadaria e outra que conduz a uma sala de estar. Uma parte das paredes da casa é revestida por azulejos, seguindo a antiga tendência portuguesa de cobrir metade das paredes com este material. Os móveis também denotam o gosto pelas tendências antigas de decoração. Assim como a família 2, aqui tudo lembra o Barroco. Há uma lareira no canto da pequena sala. A iluminação da casa é escassa e há no ar um cheiro desagradável de objectos antigos. Ao contrário da família 2 e 3, os móveis e objectos são de pouca qualidade. A casa possui uma sala, 3 quartos, uma cozinha, duas casas de banho. Com excepção da sala, estes cômodos são todos amplos. Nos depoimentos notamos que o casal só utiliza a parte inferior da casa, servindo-se da parte de cima apenas quando o filho vem de férias ou quando há visitas.

Alcides é funcionário da Câmara Municipal e trabalha como jardineiro. Apesar do excesso de peso,



38. Vista externa da casa da família 4.



39. Hall da entrada principal.



40. Estante da sala: televisão e objecto decorativos.



41. Alcides e Lurdes na sala de estar.



42. Lurdes mostra os troféus da corrida das «cantarinhas».



43. Lurdes ao lado da lareira, na poltrona onde assiste TV na sala.



44. Parte da cozinha: televisão e electrodomésticos.



45. Cântaras (jarros) enfeitam a cozinha.

consegue desempenhar suas funções perfeitamente. Para quem circula com frequência pelo concelho de Anadia, provavelmente já o viu de joelhos a escavar a terra dos canteiros da cidade com a equipa da Câmara Municipal. Alcides recebe o salário mínimo mensal e está satisfeito com seu ofício. Trabalha das 8h às 17h da tarde.

Lurdes trabalha há 34 anos como operária numa fábrica do ramo da cerâmica. A rotina do emprego por turnos não permite que ela planeje certas actividades. Numa semana trabalha das 7h às 14h e noutra das 14h às 22h. Assim como todas as famílias entrevistadas, desloca-se de carro para a fábrica. Nas semanas em que chega às 14h em casa, costuma cuidar da pequena horta que matem ao lado da casa. Muitas destas famílias mantêm ainda ligação com a ruralidade, por isso reservam parte do terreno da casa para manutenção de uma pequena horta e/ou criação de animais, galinhas. Em seu depoimento, Lurdes disse que está satisfeita com seu quotidiano e não gostaria de ter uma diferente.

Descobrir a história de vida de Alcides foi uma tarefa bastante árdua. Por conta, provavelmente, de timidez e inibição com a nossa presença, ele deteve-se a falar muito pouco sobre sua vida. Alcides tem grandes dificuldades para formular frases coerentes. O que

pudemos descobrir foi relatado por sua esposa. Lurdes gentilmente nos contou como foi sua infância. Semelhante à maioria dos entrevistados, Alcides teve uma infância curta e começou a trabalhar cedo, especialmente depois da morte da mãe. Como filho de agricultores da região do concelho de Anadia, sua adolescência foi também suprimida, primeiro pelo trabalho no campo e depois pelo emprego fora de casa. Aos 12 anos começou a trabalhar numa fábrica de serração de madeiras e num acidente perdeu um dos dedos. Passou também por uma empresa de blocos de cimento. Conheceu Lurdes já na idade adulta, namorou durante 2 anos e depois casou-se. Sobre a vida de casados, quase nada foi dito.

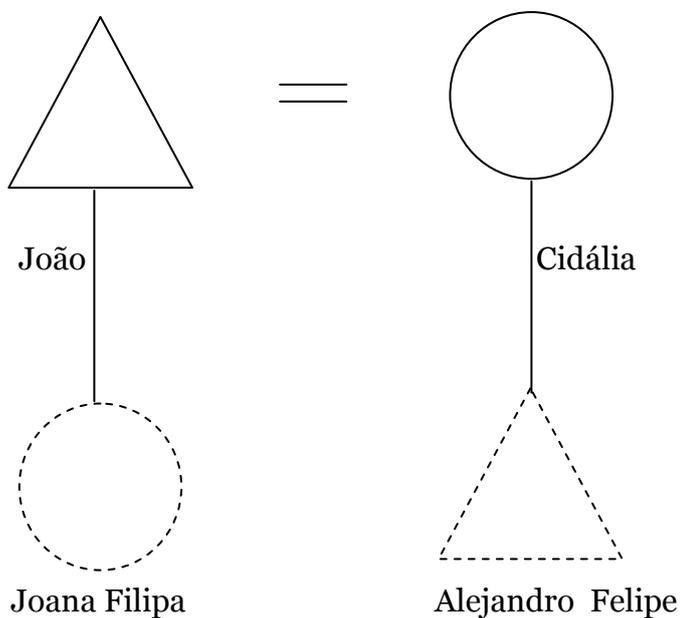
**Quadro 7-** Família 4 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade

Indicadores	Lurdes (mãe)	Alcides (pai)	Felipe (filho)
Idade	49	53	28
Profissão	Operária fabril	Jardineiro	Construção Civil - pedreiro
Escolaridade	3º	2º	7º
Horário de trabalho	Turnos (7h-14h/ 14h-22h)	8h-17h	Flexível

Lurdes também nasceu e viveu sempre na freguesia de Arcos, no concelho de Anadia. Durante a sua infância ajudava os pais nos serviços domésticos e rurais. Na adolescência, aos 13 anos, começou a trabalhar fora, na casa de uma família cuidando de crianças. Depois, foi cuidar de uma senhora idosa. Aos 15 anos começou a trabalhar na fábrica que trabalha hoje. Na mesma época conheceu Alcides e começou um namoro durou até aos 17 anos, quando se casaram. Lurdes, assim como os outros entrevistados, conta-nos todas estas experiências resumidamente e de maneira

natural. A sensação é que relatam com tanta trivialidade como se estivessem fazendo um bolo, especialmente as mulheres. Isso denota como aparentemente não há reflexão sobre a própria existência. Em seu depoimento, Lurdes contou-nos experiências muito marcantes, como os filhos que morreram quando ainda eram recém-nascidos. Lurdes engravidou cinco vezes e apenas um dos filhos sobreviveu. Os dois primeiros tiveram problemas de má formação e faleceram logo após o parto. Em seguida nasceu Felipe, o único filho do casal que nasceu saudável. Lurdes ainda tentou engravidar mais uma vez, mas nasceram dois meninos gêmeos prematuros que morreram 24 horas após o parto. Estas experiências não lhe amarguraram, pelo contrário, Lurdes é bem-humorada. Quando mudamos de assunto, ela não tem dificuldades em relatar as boas lembranças, como a «corrida das cantarinhas», actividade típica da região, onde Lurdes participa anualmente. A atracção consiste numa corrida, na qual as participantes têm de correr com os cântaros (jarros) na cabeça. São estes pequenos prazeres que alegram as mulheres das classes trabalhadoras.

### Família 5 - João e Cidália



A família 5 é uma família de convivência. O casal Cidália, 45 anos, e João, 44 anos, convivem na mesma casa há 5 anos, mas não são casados. Ambos são divorciados e têm filhos do primeiro casamento. A filha de João, Joana Filipa, tem 17 anos e o filho de Cidália, Alejandro, tem 28 anos. Nenhum deles mora com o casal.

João e Cidália têm um percurso de vida diferente, mas ambos são portugueses, brancos e católicos, mas raramente vão à missa.

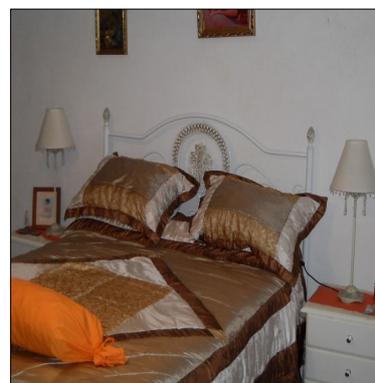
A família 5 é a única que não possui domicílio próprio. O casal aparenta estar despreocupado com a questão da habitação. Residem numa moradia partilhada, ou seja, trata-se de uma casa que foi dividida pelos proprietários em vários apartamentos. João e Cidália alugam o apartamento do rés-do-chão, mantendo um estilo de vida bastante peculiar. O terraço do apartamento é ocupado por diversos vasos com plantas e objectos decorativos. Do lado de fora, criam animais domésticos como pássaros e cães. Dos moradores do «prédio», João e Cidália são os únicos que transformaram o terraço numa extensão do apartamento. Ao entrar, percebemos que o apartamento não possui muitas divisões. Há apenas uma ampla cozinha, uma casa de banho e dois quartos. O casal nos contou que pagam um preço bastante acessível (180 euros mensais), por isso escolheram morar naquele local. Pelo acúmulo de humidade em algumas paredes do apartamento, notamos que a residência é bastante fria. O casal nos revelou que sentem muito frio no inverno e têm de manter aquecedores eléctricos ligados, pois não há nenhum tipo de aquecimento adicional. Há pouca mobília no apartamento e uma quantidade menor de



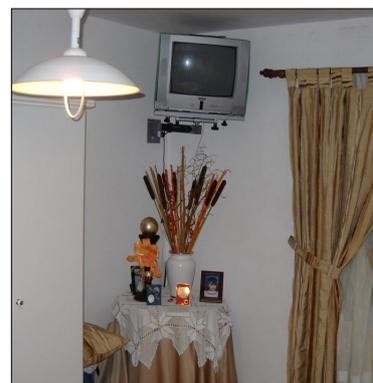
46. Vista externa da «casa» da família 5.



47. Vista geral da cozinha.



48. Quarto do casal.



49. Televisão no quarto do casal.

objectos decorativos, comparativamente às casas das outras famílias entrevistadas.



50. João e Cidália sentados à mesa da cozinha.



51. Assistir televisão na cozinha: pouco conforto.



52. João mostra sua colecção de discos.

Cidália, durante a primeira visita, fez questão de avisar-nos a respeito da simplicidade da casa, «*não temos possibilidades para mais*».

João trabalha como electricista numa fábrica de cerâmica. Seu horário de trabalho é fixo, das 7h20 às 16h20. João relatou que gosta muito de seu ofício, que aprendeu sozinho, sem auxílio de cursos técnicos. Estudou até ao 4º ano. Em casa, há uma pequena oficina onde costuma trabalhar como autónomo, fazendo pequenos consertos. João gosta de inventar algumas «engenhocas» como uma patinete que ele próprio instalou um motor. Geralmente vai para o trabalho de moto, pois não possui carta de condução para automóveis.

Cidália é operária na mesma fábrica de cerâmica. Aliás, o casal se conheceu no local de trabalho. Cidália trabalha por turnos, numa semana entre as 7h e às 14h e noutra das 14h às 22h. Costuma se locomover até à fábrica de carro. O ofício que exerce não é exactamente o que gostaria de fazer, pois possui vários certificados de diferentes cursos, como cabeleireira e pasteleira. De

acordo com Cidália, na fábrica «*não se aprende nada de novo*». Cidália também tem apenas o 4º ano de escolaridade.

João nasceu na localidade de Alféloas, freguesia de Arcos, concelho de Anadia. Trabalhava no campo com seus pais durante a infância e adolescência. Começou a trabalhar fora de casa aos 13 anos, como ajudante de electricista. Assim, aprendeu o ofício. Aos 24 anos casou-se, mas sobre este primeiro relacionamento deteve-se a dizer apenas que a filha «*foi a única coisa boa*». Viveu 7 anos com a primeira mulher. A separação ocorreu porque a esposa «fugiu» para o Algarve sem lhe dar satisfações. Recentemente conheceu Cidália na fábrica e decidiram viver juntos. Dos seus hábitos de consumo musicais, chamou-nos a atenção uma particularidade. João, diferente da maioria dos nossos entrevistados, não gosta de música «pimba» portuguesa. Por isso, fez questão de nos mostrar sua colecção de discos de vinil de bandas de rock dos anos 70/80. Fizemos uma sessão de fotos que o deixou bastante contente.

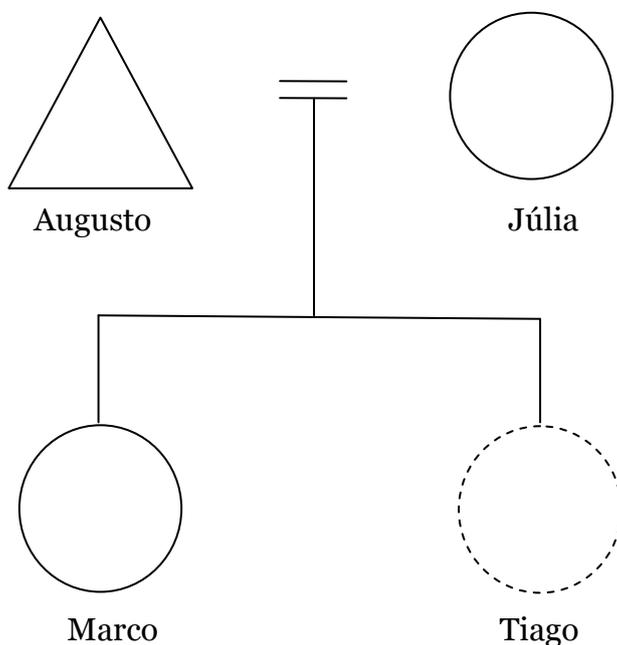
**Quadro 8** - Família 5 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade

Indicadores	Cidália (mãe)	João (pai)
Idade	45	44
Profissão	Operária fabril	Electricista
Escolaridade	4 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>
Horário de trabalho	Turnos (7h-14h/ 14h-22h)	7h20-16h20

Cidália nasceu no concelho de Mortágua, região que pertence ao distrito de Viseu. Sobre sua infância pouco nos disse, limitando-se a relatar que a educação dos seus pais foi exigente e eficaz. A adolescência foi bastante curta porque casou-se muito jovem e foi morar em outro país, na Venezuela. Aos 16 anos, nasceu seu único filho, Alejandro. Viveu por 12 anos na Venezuela e durante o tempo que viveu lá,

viajou por todo o país e recorda-se com satisfação das praias que frequentava. Quando voltou a Portugal, viajou também até a Suíça e esteve na ilha de Palma de Maiorca. Cidália recorda que o relacionamento com seu marido era desgastante, mas estas viagens que fizeram juntos foram muito agradáveis. Na Venezuela, trabalhou na área da alimentação, em restaurantes. Quando voltou para Portugal, ela e o ex-marido estabeleceram-se na região da Bairrada e ela começou a trabalhar como operária na fábrica que está hoje. Aos 38 anos, decidiu terminar o casamento, mas não menciona exactamente a razão. Após 2 anos de separação, conheceu João e desde então vivem juntos, vivendo uma «relação mais madura», segundo Cidália.

**Família 6** – Augusto, Júlia, Marco e Tiago



A família 6 é nuclear, formada pelo casal Augusto, de 53 anos, e Maria Júlia, 52, e por seus filhos, Marco, 30 anos, e Tiago, 23 anos. Os quatro vivem juntos na mesma casa, são portugueses, brancos e católicos. Nenhum dos membros da família pratica a religião com assiduidade.

A casa onde vivem possui várias divisões. Está localizada em frente à Estrada Nacional, no concelho de Anadia. A porta de entrada principal encontra-se em frente e muito próxima à estrada e não há muros de divisão. Ao entrar, deparamo-nos com um pequeno *hall* que divide a cozinha e a sala de estar. O bolor nas paredes revela uma casa bastante húmida. O mobiliário é bastante simples na maior parte das divisões da casa. Apenas na sala notamos uma preocupação maior com a decoração. Uma vez mais encontramos a semelhança com o Barroco, mas em menor proporção. A casa possui três salas – sendo uma quase utilizada como depósito de materiais, três

quartos, uma casa de banho, uma cozinha e uma divisão chamada de «bar». Há pouca iluminação externa, tornando-se uma casa muito escura e sem ventilação.

Augusto, o pai, trabalha como condutor de veículos e máquinas industriais para a Câmara Municipal de Anadia. Recebe o salário mínimo nacional e gosta de seu ofício. Estudou até o 4º ano e, segundo ele, fugiu da escola. Era um péssimo aluno e estudou apenas até aonde seus pais obrigaram. Desde a maioridade, trabalhou sempre como condutor de máquinas.

Maria Júlia, a mãe, trabalha como operária numa fábrica de serração de madeira há 25 anos. Seu percurso no mundo do trabalho e na escola são semelhantes às outras pessoas da sua faixa etária e classe social. Estudou poucos anos – até ao 3º ano – e começou a trabalhar desde a adolescência. Apesar de operária, trabalha com horário fixo das 8h às 17h e, como relata, consegue organizar os afazeres domésticos conforme uma rotina diária. De acordo com Maria Júlia, o trabalho também é um convívio, por isso gosta de seu ofício e do quotidiano de trabalhadora fabril.



53. Vista externa da casa da família 6.



54. Sentados: Maria Júlia e Augusto. Em pé: Tiago e Marco.



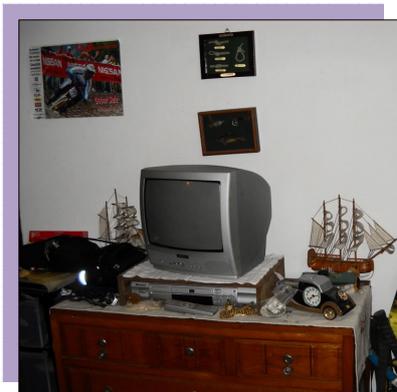
55. Augusto na poltrona onde gosta de assistir TV.



56. Maria Júlia senta para ver TV.



57. Vista geral da sala de estar.



58. Televisão do quarto de Marco.



59. Marco no computador do quarto.

Marco e Tiago, os filhos, têm um nível de escolaridade maior do que os pais. De acordo com o que pudemos observar, há uma relação de disparidade entre a idade e o nível de escolaridade dos membros destas classes trabalhadoras. Quando maior o número de anos na escola, menor a idade dos sujeitos. Marco e Tiago são os únicos filhos adultos que entrevistamos. Marco estudou até o 9<sup>o</sup> ano e Tiago completou o 12<sup>o</sup> ano. Marco actualmente está desempregado, devido a um corte de funcionários ocorrido na época da crise económica mundial de 2008. Ele trabalhava como operário numa fábrica de capacetes. Tiago trabalha como adegueiro e seu horário de trabalho é das 8h45 às 18h45. Uma vez por semana, acorda mais cedo para estar às 4h na adega, na época da vindima, para receber o material vindo da colheita.

**Quadro 9-** Família 6 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade

Indicadores	Maria Júlia (mãe)	Augusto (pai)	Marco (filho)	Tiago (filho)
Idade	52	53	30	23
Profissão	3º	4º	9º	12º
Escolaridade	Operária fabril	Condutor de veículos e máquinas	Operário fabril (desempregado)	Adegaireiro
Horário de trabalho	8h-17h	8h30-17h	----	8h45-18h45

Augusto relatou sua história de vida com bastante bom humor. Ele nasceu na freguesia de Ferral, no concelho de Montalegre, distrito de Vila Real. Esta localidade fica região norte do país, conhecida por Trás-os-Montes. Seu pai tinha uma empresa no ramo da construção civil e deslocava-se em busca de trabalho, reformando residências. Por isso, ele conta que mudou de cidade muitas vezes e cada um dos seus irmãos nasceu em uma localidade diferente. Aos 14 anos, começou a trabalhar com seu pai como servente de pedreiro. Desta época, relatou-nos muitas histórias engraçadas. Augusto conheceu Maria Júlia na região da Bairrada, quando já trabalhava como condutor de máquinas. Casaram-se quando Augusto tinha 22 anos. Depois de casado, a rotina de trabalho continuou a mesma, mas deixou de viajar e conseguiu um emprego na Câmara Municipal.

Maria Júlia nasceu na freguesia de Casal de Comba, no concelho da Mealhada. De sua infância, segundo ela, pouco se recorda, senão o facto das constantes

mudanças por conta do ofício do pai, que percorria o país como «latoeiro»<sup>40</sup>. Sobre o percurso na escola, relata «*fui burra, estive até aos 14 anos para fazer a 4ª classe*». Na adolescência trabalhou na agricultura. Aos 21 anos casou-se e aos 27 começou a trabalhar na fábrica onde está até hoje. Maria Júlia conta que seus filhos nunca foram para creche, pois sempre ficaram em casa da avó paterna. Demonstra ser uma mãe coruja e descreve os filhos como «bons meninos».

Durante as nossas visitas, Tiago esteve ausente na maior parte do tempo. A timidez e o desconforto com as nossas perguntas o impediram de contar sua história de vida detalhadamente. Em seu depoimento, disse-nos que não era bom aluno, mas terminou os estudos obrigatórios. Depois disso, entrou para um curso técnico de viticultura e enologia. De lá, conseguiu o emprego na adega onde trabalha actualmente.

Marco e Tiago foram criados pela avó, nasceram e viveram no concelho de Anadia. As lembranças de infância e adolescência de Marco estão relacionadas com as brincadeiras no campo e com as criações de animais dos avós. Aos 17 anos, terminou o 9º ano e, por conta das dificuldades de aprendizado, saiu da escola para o mundo do trabalho. Começou como jardineiro da Câmara Municipal, depois foi para a fábrica de capacetes que trabalhava até 2008, como operário. Marco teve alguns problemas com obesidade e por isso começou a praticar desporto com frequência. Escolheu o BTT (Bicicleta Todo Terreno ou Mountain Bike) e desde então nunca parou de pedalar, inclusive participa em competições. Para além do desporto, a internet também é uma das paixões que compartilha com o irmão.

---

<sup>40</sup> De acordo com Maria Júlia, um ofício que existia antigamente em Portugal, de pessoas que concertavam objectos em lata.

## Capítulo VI

### TERRITÓRIOS DE RECEPÇÃO

«Ao longo dos tempos, foi se criando aquele pensamento de que os homens gostam de futebol e as mulheres gostam de novelas. Com a vinda dos novos tempos isso foi mudando porque os homens não deixaram de se entusiasmar pelo futebol, pelo contrário, as mulheres começaram a gostar de futebol e os homens começaram a misturar os gostos e neste momento eu acho que é misto. Tanto há muitas mulheres que gostam de futebol, como há muitos homens que se interessam por telenovelas» (Telma)

Quando partimos para um estudo que define como espaço interlocutório de pesquisa o ambiente familiar, estamos a observar um espaço que parte da esfera pública para a esfera privada dos indivíduos. É importante perceber como os membros da família se comportam neste ambiente privado, em especial no que tange o relacionamento com a telenovela, os horários de preferência, os gostos e as escolhas. O espaço doméstico é um território de recepção, mas, para além disso, é também um espaço onde interagem diferentes identidades no quotidiano familiar. Este capítulo pretende dar conta deste processo de interação dentro do ambiente familiar, descrevendo como as relações de poder e de género interferem neste território de recepção da telenovela. Iniciamos, no entanto, descrevendo a articulação entre o espaço do quotidiano familiar e o universo da telenovela.

#### **1. Quotidiano familiar e telenovela**

O ambiente doméstico das seis famílias entrevistadas parece ser um espaço de convivência pacífico, sem maiores problemas de relacionamento entre os membros. No entanto, notamos que os problemas normalmente não são discutidos entre os indivíduos, transferindo as relações bastante veladas da esfera pública para o ambiente familiar. Quando perguntamos, durante os grupos de discussão, quais eram

os problemas enfrentados no quotidiano da familiar, as respostas foram unânimes sobre a situação financeira, mas nenhuma das famílias mencionou, por exemplo, problemas com bebidas alcoólicas<sup>41</sup>.

Este comportamento contraria o conceito de família proposto por Saraceno como um espaço de espontaneidade e de relações naturais.

Espaço ao mesmo tempo físico, relacional e simbólico aparentemente mais conhecido e comum, a ponto de ser usado como metáfora para todas as situações que têm a ver com a espontaneidade, com a naturalidade, com o reconhecimento sem necessidade da mediação - «somos como uma família», «uma linguagem familiar», uma «pessoa da família» -, a família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais. (Saraceno, 1995:12)

Sabemos que a presença do pesquisador inibe os entrevistados, no entanto, comprovamos esta relação silenciosa quando perguntamos se o relacionamento com a esposa/marido era positiva ou negativa. As reacções foram díspares, ao ponto de conseguirmos provocar discussões entre os casais. Notamos que algumas informações, naquele momento expressas, nunca haviam sido compartilhadas entre os membros da família antes da nossa intervenção.

«Ultimamente está muito chata...Agora tem sido um bocado complicado para 'o paz e amor' [risos] ... Conflituosa...» (Cátia)

«A minha é boa...Deixo-a falar...Porque ela fala, fala, fala e depois chega uma certa hora ela fica mais calminha [risos] ...» (Paulo)

«É uma relação estável. Não digo boa, boa, porque a vida é feita de altos e baixos» (Maria da Conceição)

«É boa...» (Agostinho)

«É boa... A gente entende-se bem...Também estamos muito pouco tempo juntos, basicamente só aos fins-de-semana. De manhã, tomo pequeno-almoço sozinha, no almoço, almoço sozinha e janto sempre sozinha, porque ele chega depois e eu tenho que comer com a Inês. O marido é mais *part-time* (risos)» (Telma)

«É boa, é muito boa... É a minha cara-metade» (Johny)

«É boa... Às vezes há umas zangas, mas isso é o dia-a-dia, mas damo-nos muito bem» (Lurdes)

«Tem coisas contraditórias e tem coisas boas...Só que agora eu não sei contrabalançar, se calhar, o que é melhor ou que é pior...Se há mais mal...risos. É estável...» (Cidália)

---

<sup>41</sup> No Diário de Campo relatamos que o marido da família 5 estava constantemente alcoolizado durante as nossas visitas.

«Eu respondo! 75% boa...» (João)

«É boa! A gente não é de discutir... É a maneira de falar alto... Mas não andamos zangados... (...) Eu respondo por ele, senão ele vai dizer mal de mim! [risos] ...» (Maria Júlia)

“É boa” (Augusto)

Estas relações, de harmonia ou de conflito, traduzem-se nas práticas de consumo dos meios de comunicação e da telenovela. Estas práticas devem ser interpretadas como sinais de uma disputa cultural entre homens e mulheres no ambiente doméstico, mas devem ser vistas também como momentos de verdadeira harmonia (Morley apud Moores, 1993: 50). Quando analisamos as relações familiares com as telenovelas, percebemos que cinco das seis famílias assistem aos títulos nacionais da TVI e partilham o mesmo horário e local de assistência, após o jantar.

O Quadro 9 mostra algumas semelhanças nos gostos e escolhas das seis famílias. No tocante ao hábito de assistir telenovelas, dos 17 indivíduos membros das 6 famílias, apenas 2 não assistem este género de ficção, sendo que um deles é Rodrigo, de 2 anos. Dos 15 entrevistados que assumem assistir telenovelas frequência, apenas 3 assistem títulos brasileiros. A telenovela mais assistida na altura da realização das entrevistas era a produção da TVI *Sentimentos*, vista por 10 dos entrevistados. Os demais títulos nacionais mencionados foram *Deixa que te Leve*, *Flor do Mar* e *Morangos com Açúcar*. Entre os títulos brasileiros, *Caminho das Índias* e *Três Irmãs* (ver Quadro 11).

#### **Quadro 10** – Hábitos de consumo de telenovelas

Famílias	Telenovela	Horário	Cómodo	Local	
Família 1	Cátia	Não assiste	----	Quarto	Cama
	Paulo	<i>Sentimentos</i>	Após as 22h	Quarto e cozinha	Cama e cadeira
	Rodrigo	----	----	Sala	Sala
Família 2	Agostinho	<i>Caminho das Índias</i> <i>Três Irmãs</i>	Entre 18h e 22h	Sala e cozinha	Sofá
	M <sup>a</sup> . Conceição	idem	idem	Sala e cozinha	Sofá e em pé
	Valéria	idem	idem	Sala, quarto e cozinha	Sofá e cadeira
Família 3	Johny	<i>Sentimentos</i> <i>Deixa que te leve</i> <i>Flor do Mar</i>	Depois das 21h30	Sala e cozinha	Sofá e cadeira
	Telma	Idem	idem	Sala, quarto e cozinha	Sofá e cadeira
	Inês	<i>Morangos com Açúcar</i>	Entre 18h e 20h	Sala e cozinha	Sofá e cadeira
Família 4	Alcides	<i>Sentimentos</i> <i>Deixa que te leve</i>	Depois das 21h30	Sala	Sofá
	Lurdes	idem	idem	Sala	Sofá
Família 5	João	<i>Sentimentos</i>	Depois das 23h	Quarto	Cama
	Cidália	idem	idem	Quarto	Cama
Família 6	Augusto	<i>Sentimentos</i> <i>Deixa que te leve</i> <i>Flor do Mar</i>	Depois das 21h	Sala	Sofá
	M <sup>a</sup> Júlia	idem	idem	Sala	Cadeira
	Marco	idem	idem	Sala	Sofá
	Tiago	<i>Morangos com Açúcar</i>	Depois das 19h	Sala	Sofá

## Quadro 11 – Sinopse das telenovelas

Títulos	Nacionalidade	Horário	Síntese	Divulgação
<i>Sentimentos</i>	Portuguesa	22h10	Trata-se da história de Leonor, uma filha adoptiva que decide descobrir e ir em busca de sua mãe verdadeira. Esta telenovela desenvolve-se em Portugal continental, Macau e Tailândia, porque a mãe biológica de Leonor está em Macau e sua nova irmã, Thai, está presa na Tailândia.	
<i>Deixa que te Leve</i>	Portuguesa	21h10	História de uma duquesa que foge do assédio dos paparazzi na Itália para refugiar-se em Portugal na propriedade de um tio materno. Quando Luz chega à Arcos de Valdevez, um ambiente bucólico, se apaixona por Pedro, um homem da serra, amigo dos lobos e da natureza. Pedro está prestes a casar com outra moça, mas também se apaixona por Luz.	
<i>Flor do Mar</i>	Portuguesa	23h10	A história se passa na Madeira e conta a trajetória de irmãos que se odeiam por conta de uma tragédia de família. Quando um dos irmãos morre num assalto planejado por sua filha adoptiva (Salomé), na África do Sul, algumas revelações e o testamento provocam uma série disputas pela herança.	
<i>Morangos com Açúcar</i>	Portuguesa	19h15	Trata-se de uma série voltada para o público jovem. A cada temporada (de mais ou menos um ano) o elenco é renovado. As histórias das personagens principais são estabelecidas durante o ano lectivo e resolvidas nas Férias de Verão.	
<i>Caminho das Índias</i>	Brasileira	23h00	A história se passa no Brasil e na Índia. O núcleo indiano é formado por famílias ricas e pobres, onde a divisão por <i>castas</i> é um dos valores mais evidenciados. Algumas histórias de amor proibido entre <i>castas</i> são os principais motores da trama. O núcleo brasileiro se passa no Rio de Janeiro, ao redor da história de dois irmãos que lutam pelo domínio financeiro da empresa da família.	
<i>Três Irmãs</i>	Brasileira	19h00*	A telenovela se desenvolve numa cidade do litoral e conta com o cenário de bonitas praias e uma vila de pescadores. A história conta a trajetória de três irmãs que moram neste lugar e são belas, jovens e estão procura de um grande amor.	

\*Horário de estreia. Esta telenovela mudou de horário algumas vezes, sendo transmitida inclusive no meio da tarde, às 15h00.

Os horários de maior assistência são o *prime-time* e o noturno, especialmente depois das 21h30, quando termina o telejornal. Dos hábitos de consumo quotidianos, notamos que a televisão costuma ficar ligada a partir as 18h, quando pelo menos um dos membros da família chega à casa. No entanto, a assistência atenta começa na hora do jantar, por volta das 20h30, quando todos estão reunidos em redor da mesa. Geralmente as conversas à mesa são escassas e os sons provém da televisão ligada com volume alto. Após o término do jornal, a esposa, sozinha, retira a comida da mesa e vai para a cozinha lavar a louça. O marido e/ou os filhos permanecem na sala, assistindo as telenovelas, que começam na TVI a partir das 21h30 e terminam à meia-noite. Quando a mulher termina os afazeres domésticos, junta-se ao marido e/ou filhos para assistir as telenovelas.

«A *Três Irmãs* é que se vê todos os dias. A Caminho das Índias, como dá muito tarde, esta é que fica a gravar. A *Três Irmãs* eu vejo, mas não estou aqui sentada. Eu já estou a fazer a minha vida, a lavar a loiça ou fazer proveito. Faço o jantar, comemos enquanto está a dar a novela. Se depois eu tiver que fazer alguma coisa, como estender roupa ou ir lá fora à horta ou assim, eu vou depois...» (Maria da Conceição)

O cómodo onde os entrevistados costumam assistir televisão com maior frequência é a sala. Notamos, inclusive, a diminuição do número de títulos vistos pelas famílias 1 e 5. No caso da família 1, a sala quase sempre está «ocupada» com os brinquedos do agitado filho, Rodrigo. Já a casa da família 5, não possui sala e o casal nos revelou que a cozinha é um lugar bastante desconfortável para assistir TV, especialmente no inverno. Portanto, as condições da casa também contribuem para um número maior de horas dedicado à assistência de telenovelas. Percebemos que nas casas onde a sala era ampla, quente – muitas vezes por conta da presença da lareira – e confortável, as famílias assistiam mais horas de televisão e mais títulos de telenovelas.

«É mais fácil, por norma, ficarem os quatro lá em cima, no verão. No inverno, como na sala há lareira, ficamos em baixo» (Marco)

O quarto e a cozinha ocupam o segundo lugar nos cômodos preferidos. Assim como a sala é a divisão predilecta da casa para assistir telenovelas, o sofá também ocupa posição de destaque. E são os homens que geralmente ocupam maior espaço no sofá, preferindo assistir televisão sempre com os pés suspensos, numa posição de total relaxamento. Quando não há espaço para isso, preferem assistir na cama, deitados.

«Na semana que saio às 22h é que consigo mesmo apanhar [as novelas]. Porque quando eu saio às 14h a gente entretém-se mais aqui, come mais tarde e vamos para a cama mais tarde. Eu quando chego às 22h, eu gosto de ver na cama» (Paulo)

Este conjunto de comportamentos e práticas, contraídos em sociedade, são denominados por *habitus* (Bonnevitz, 1998 *apud* Barone, 2002: 169). O conceito central de Bourdieu se refere à incorporação dos hábitos de classe, às lógicas de acção correspondente à classe de pertença, ou seja, o grupo que partilha dos mesmos hábitos (Cfr. Barone, 2002:170).

De acordo com Lopes *et al.* (2002), as tradições e experiências de vida das famílias são características culturais ligadas ao modo de ler e interpretar os sentidos das telenovelas. Neste aspecto, paramos para reflectir se os hábitos de consumo televisivo destas famílias são influenciados pelos percursos de vida individuais. Nas famílias há indivíduos que nunca saíram do mesmo lugar, alguns que viajaram muito e foram imigrantes, outros que têm vidas recompostas. Estes exemplos demonstram as diferentes trajectórias destes trabalhadores.

**Quadro 12** – Caracterização por tipologia familiar e mobilidade

Famílias	Estado civil	Tipologia familiar	Lugar onde nasceu	Países por onde viajou ou morou	
Família 1	Cátia	Casada	Nuclear	Portugal - cidade de Aveiro	Nunca saiu da região onde nasceu
	Paulo	Casado		Portugal - Região da Bairrada	Nunca saiu da região onde nasceu
	Rodrigo	----		Portugal - Região da Bairrada	----
Família 2	Agostinho	Casado	Nuclear	Portugal - Região de Trás-os-Montes	Nunca saiu da região onde nasceu
	M <sup>a</sup> . Conceição	Casada		Portugal - Região da Bairrada	Nunca saiu da região onde nasceu
	Valéria	Solteira		Portugal - Região da Bairrada	Viaja por Portugal com a escola
Família 3	Johny	União de facto	Reconstruída	Venezuela	Portugal, Venezuela, França
	Telma	União de facto		Portugal - Região da Bairrada	Viajou por Portugal com Johny
	Inês	-----		Portugal - Região da Bairrada	----
Família 4	Alcides	Casado	Nuclear	Portugal - Região da Bairrada	Nunca saiu da região onde nasceu
	Lurdes	Casada		Portugal - Região da Bairrada	Nunca saiu da região onde nasceu
Família 5	João	Divorciado/ União facto	Convivência	Portugal - Região da Bairrada	Nunca saiu da região onde nasceu
	Cidália	Divorciada/ União facto		Portugal - Concelho de Viseu	Venezuela, Suíça, Espanha
Família 6	Augusto	Casado	Nuclear	Portugal - Região de Trás-os-Montes	Viajou por vários lugares dentro de Portugal
	M <sup>a</sup> Júlia	Casada		Portugal - Região da Bairrada	Nunca saiu da região onde nasceu
	Marco	Solteiro		Portugal - Região da Bairrada	Nunca saiu da região onde nasceu
	Tiago	Solteiro		Portugal - Região da Bairrada	Nunca saiu da região onde nasceu

O Quadro 12 revela que, da amostra, 8 indivíduos são casados, 4 vivem em união de facto (3 são divorciados) e 3 dos filhos jovens ou adultos são solteiros. Destas famílias, 4 são nucleares e 2 reconstruídas ou de convivência. Apenas 2 pessoas já viajaram para fora do país e ambas foram imigrantes na Venezuela. Os demais nunca saíram do território português e a maioria conhece muito pouco para além da região onde nasceram e cresceram. Das 6 famílias, 4 têm apenas um filho e as outras duas têm 2 filhos, sendo que em uma delas, os filhos são de casamentos diferentes.

Se compararmos os Quadros 10 e 12, percebemos que os maridos das famílias 3 e 6 são os únicos homens que têm percursos de vida semelhantes no tocante ao deslocamento. Ambos viajaram, seja por Portugal ou por outros países, por conta do trabalho da família de origem. As famílias de Johny e Augusto possuem o hábito de assistir todas as telenovelas transmitidas pela TVI diariamente. Estas são as famílias que assistem mais títulos de telenovelas. Nos depoimentos dos dois maridos, percebemos que se emocionam bastante com as histórias e personagens.

A família reconstruída e a de convivência, formada pelos casais Johny e Telma (faixa dos 20 anos) e João e Cidália (faixa dos 40 anos) possuem vidas recompostas. Cidália, assim como Johny, também morou na Venezuela. A diferença é que Johny retornou a Portugal quando ainda era criança, com seus pais. Já Cidália emigrou com seu primeiro marido na idade adulta. Johny, como mencionamos, assiste três telenovelas diariamente e se emociona com as histórias. Cidália em seu depoimento revelou assistir telenovelas apenas antes de dormir e, conforme o cansaço, a história é o que menos lhe interessa. Notamos que a maneira como as duas famílias interpretam os sentidos das telenovelas é bastante diferente. Enquanto a família recomposta mais jovem (3) assiste mais títulos, com maior frequência e se emociona

mais, a família 5, mais velha, assiste menos títulos, com a mesma assiduidade, mas desinteressada.

Das famílias nucleares (1, 2, 4 e 6), uma delas, a mais jovem, assiste apenas um título, após as 22h. As demais acompanham dois ou mais títulos diariamente. A família 2 difere das demais por que prefere as novelas brasileiras. Ao contrário das famílias recompostas, o horário de assistência entre as nucleares cresce conforme a idade dos membros. Quem assiste durante mais horas é a família 6, seguido da família 4, 2 e 1.

## **2. De quem é o controlo remoto?**

Para além da trajectória familiar, interessa-nos reflectir também sobre as questões de género. A sociologia da família portuguesa nos ajuda a compreender que, se por um lado a família é, independentemente dos conflitos, uma unidade social estruturada, as relações dentro do espaço doméstico são permeadas pelas assimetrias entre as figuras masculina e feminina (Amâncio, 1994:21). A manutenção do equilíbrio desta estrutura depende, justamente, da distinção de papéis no seio familiar.

Sobre esta distinção, Morley (apud Moores, 1993, Casetti *et al.*, 1999) identificou diversas características no estilo de ver televisão entre homens e mulheres. Em primeiro lugar, os significados do espaço doméstico variam consideravelmente entre maridos e esposas. Para o homem, a casa é, essencialmente, um local de lazer, em oposição ao lugar de trabalho. Para a mulher, a casa representa um espaço onde ela raramente está de «folga». Estas diferentes interpretações a respeito do «lar», interferem também na assistência da televisão e da telenovela. Através do depoimento de nossos entrevistados, pudemos perceber que nossa pesquisa empírica

parece corroborar com o estudo de Morley e também de Policarpo, ou seja, que os maridos e esposas vêem telenovelas de maneira diferente. Do total de lares visitados, apenas uma das mulheres disse que quando assiste telenovelas não efectua nenhuma actividade em paralelo.

«Eu quando sento-me aqui [sala], gosto de ver só a novela. Ele às vezes chama ‘oh Lurdes, já está a dar’... E pronto, eu venho da cozinha pra aqui e vejo» (Lurdes)

As demais esposas consideram «perda de tempo» assistir apenas televisão, em especial telenovelas, pois estão sempre ocupadas com o trabalho doméstico. No entanto, o dado mais interessante é que mesmo não tendo nenhuma tarefa doméstica para fazer, procuram efectuar outras actividades como bordados para se distraírem enquanto assistem a novela. Esta «liberdade relativa» (Morley apud Moores, 1993:51) de participar no entretenimento doméstico amplia a dimensão de diferença entre o masculino e o feminino, no assistir televisão atentamente ou distraidamente. De acordo com Casetti *et al.* (1999), o masculino caracteriza-se por uma implicação mais emotiva e intensa, seu consumo é lúdico, atento e desfruta-o plenamente. O consumo feminino, contrariamente, é disperso, impaciente e partilhado. Foi exactamente isso que a etnografia revelou e os depoimentos confirmaram.

«Eu não me sento aqui a ver a novela...Isso é que era bom...Aqui sentada uma hora a ver a novela! (...) Porque eu gosto de ver a novela e estar a fazer alguma coisa, ele não! Ele, está aqui sentado [a ver televisão] mas está sempre a petiscar, nem que seja uma chouriça!» (Maria da Conceição)

“Tu [esposa], as novelas não vê, só ouve!” (Agostinho)

« (...) as mulheres sempre que estão a ver a novela estão entretidas com outras coisas e eles não, estão a 100% a assistir...Se tiver uma mosca à frente até os está a incomodar porque quando estão concentrados a ver a novela, se seguem a novela desde o início, estão a viver a história a par com o que está a passar» (Telma)

Quando perguntamos sobre quem assiste mais telenovelas em casa, as respostas foram unânimes: os homens.

«Acho até que os homens – a maior parte das pessoas não nota isso – mas falo por aquilo que me rodeia: os homens são capazes de estar mais entusiasmados com o conteúdo das telenovelas do que propriamente as mulheres...» (Telma)

«Homens ainda são piores que as mulheres ao ver as novelas! Há um vizinho que se senta e é fanático por novelas!» (Lurdes)

Durante a pesquisa, o que nos surpreendeu foi o facto de os maridos assumirem que assistem com frequência e gostam de novelas, sem o menor pudor. Percebemos, portanto, que os homens trabalhadores da agro-indústria em Portugal não orientam seus comportamentos segundo a ideia do senso comum de que «homem não vê novelas».

«Tem histórias porreiras...Mas também, pronto, eu gosto de uma novela, mas também gosto de andar a acompanhá-la...Agora ver só aos bocadinhos...Há situações que avançam muito rápido e há outras que...demoram mais.» (Paulo)

«As vezes eu começo assim a dizer, já não vou mais ver novelas à noite... Porque é muito tarde...Mas está a dar aquela e já estão a meter outra que a gente conhece os artistas, sabemos que eles são bons...E toca a ver outra vez outra novela!» (Agostinho)

«Ela diz que as novelas são todas a mesma coisa...Para mim ver novela é um passatempo... (...) Gosto das maneira das coisas enrolarem... Há novelas boas...» (João)

«Este [aponta para o pai] quando vê uma gaja mais ou menos descascada já fica todo tolo...Ela [a mãe] gosta mais de ver a vida dos outros... Meu pai não, é para ver as gajas!» (Marco)

«Eu dantes gravava a novela...Quando era vídeo...» (Alcides)

Ao contrário de seus maridos, das 6 mulheres entrevistadas, 3 mostraram-se descontentes com as histórias das telenovelas actuais. Cátia e Cidália disseram que os enredos são muito semelhantes e que perderam o estímulo para acompanhar diariamente. Contrariando alguns estudos sobre a preferência e a identificação feminina com as histórias de amor, Maria da Conceição prefere o suspense ao romance.

«Antigamente gostava das histórias das novelas, mas agora é tudo repetido. Eu gosto das [novelas] brasileiras, mas dá muito tarde. Por incrível que pareça, no curso onde eu estou são só mulheres, mas ninguém fala de novelas... Eu gosto de terror, suspense... Não há nada disso nas novelas» (Cátia)

«Se tivesse uma novela boa, bonita, num canal, as pessoas viam aquela, mas não, são muitas...Vê-se agora aqui um bocadito, depois vê-se outra no outro canal, acaba por fazer confusão e eu não sei qual é qual!» (Cidália)

«Gosto de ver o suspense... Não sou muito dos romances... Já se torna cansativo... Já estou velha para ver estas coisas, cenas de romance» (Maria da Conceição)

Assim, notamos que estas mulheres, em geral, não correspondem ao que Burnay (2005) observou em seu estudo:

(...) as mulheres sentem-se emocionadas perante a *força dos sentimentos* (Vilches, 1998: 151-162) e perante a *catarse emocional* (Mattelart et al., 1990: 7) propostas pelo estilo melodramático (Burnay, 2005: 104).

Da nossa amostra, apenas Telma revelou que gosta de assistir histórias que envolvam algum tipo de romance. Ela possui uma história de vida com alguns percalços como a gravidez na adolescência e um casamento mal sucedido por conta da agressão física do ex-marido. Em seu depoimento, notamos esta relação de preferência com histórias que se aproximam do que vivenciou:

«As mulheres, acho que é a parte mais romântica, acho que é mais juntar os casalinhos, ou quando um se chateia...Sentem-se mais entusiasmadas com as histórias de crianças ou com problemas ou violência doméstica» (Telma)

Percebemos que Telma é a que mais se diferencia do grupo de inquiridas, assumindo que a novela pode ser, para além de um entretenimento saudável, um espaço de aprendizagem. Telma também é a mais jovem das entrevistadas, o que nos leva a reflectir sobre a relação entre a faixa etária e a apropriação das telenovelas. Se pusermos as entrevistadas por ordem cronológica de idades temos Telma (26), Cátia (29), Maria da Conceição (39), Cidália (45), Lurdes (49), Maria Júlia (52). Telma e Cátia são as entrevistadas mais jovens e com maior escolaridade. No entanto, as duas têm opiniões muito diferentes em relação à ficção televisiva. Enquanto Telma gosta de assistir e se emociona com as telenovelas portuguesas, Cátia diz preferir os

produtos de ficção americana dos géneros terror e suspense, como séries, porque as telenovelas «*não prestam para nada, são todas a mesma coisa*». Maria da Conceição, Cidália, Lurdes e Maria Júlia possuem mais de 40 anos<sup>42</sup> e dizem assistir telenovelas todos os dias. No entanto, Cidália se diferencia das demais mulheres com a mesma faixa etária, porque é a que menos gosta dos enredos das novelas. Do grupo feminino, é quem possui a história de vida mais diferenciada em termos de deslocamento, pois emigrou para a Venezuela com seu ex-marido e viajou por diversos lugares. Percebemos em nossa amostra que não podemos desassociar a faixa etária ao percurso de vida destas mulheres. No entanto, se fizermos uma análise geral das apropriações conforme a faixa etária, observamos que enquanto as mais jovens possuem uma opinião definida em relação ao consumo televisivo, ou seja, «*assisto porque quero e gosto*» ou «*não assisto porque acho que não me agrega em nada*», as falas das mais velhas revelaram uma posição hesitante e contraditória, «*assisto, mas não deveria assistir*».

O que não ocorre quando analisamos as falas dos maridos. Encontramos muito mais homens que se identificam e preferem histórias de amor romântico do que mulheres, tanto os mais jovens, quanto os mais velhos. Dos 8 homens inquiridos, 5 disseram que gostam bastante de assistir as histórias de amor, de acompanhar os pares românticos e, ainda, preferem os finais felizes aos trágicos.

«Quando é uma história de amor proibido, já demora mais e, pronto, é a que eu vejo»  
(Paulo)

«Gosto de ver aquela mulher e aquele homem que durante a vida deles acontecem várias dificuldades, mas que no final ficam sempre juntos... E fico triste quando não ficam juntos no final. Quando acaba mal a gente pensa 'fogo, devia ter ficado com aquela!'» (Johny)

«Depende da história que a novela conte...Eu gosto de ver um desenrolar que chama a atenção...Eu gosto...»

---

<sup>42</sup> Maria da Conceição ia completar 40 anos no mês seguinte às nossas visitas.

«Gosto de ver um romance porque começam ali e tal... Aquela novela que deu, dos cavalos...*Feitiço de Amor*...Para mim, foi espectacular...No final ficarem juntos...Tinha ali um fio espectacular...Lá na *Flor do Mar* é o Alex e a Flora...Aquilo ali é um enredo...E a miudinha gosta de um, gosta de outro...Isso acontece na vida real... (Augusto)

Outro dado interessante é a maneira como os homens das classes trabalhadoras sonham com as atrizes das novelas.

«Eu era apaixonado por uma mulher das novelas, eu era solteiro...Aquela mulher...A Vera Fischer...Ó pá...Quando era novo tinha um quadro dela no meu quarto! Linda, mais linda.» (Agostinho)

«Eu gosto de ver os ‘aços’ [mulheres bonitas]...» (Augusto)

«Acompanhamos aquela novela da TVI, *Ninguém Como Tu*, e depois fomos a Sintra e estavam a fazer gravações no Tribunal...E eu vi quase o pessoal todo... A Alexandra Lencastre...» (Paulo)

Assim, podemos retirar algumas conclusões a respeito do que observamos durante o trabalho etnográfico e na análise dos depoimentos. Primeiramente, vimos que as mulheres e os homens assistem, interpretam e apropriam-se das novelas de maneira bastante diferente. As mulheres destas classes trabalhadoras com pouca qualificação, especialmente as que trabalham por turnos, não conseguem acompanhar a serialidade das telenovelas, desinteressam-se pelo desenrolar da história e não romantizam juntos com seus maridos. Como escutamos diversas vezes, para elas, «assistir novela é um vício», um passatempo que leva a dependência e deve ser ao máximo evitado porque «há mais coisas para se fazer». Este pensamento feminino pode ser explicado por uma componente histórica. Segundo Ferin Cunha:

O tempo não produtivo, entendido como ócio, era na antiguidade clássica um privilégio de poucos, dedicados à reflexão e contemplação do mundo natural e sobrenatural. A ociosidade, enquanto situação estigmatizante, vincula-se à emergência dos valores burgueses e à concepção de que não há cidadania sem actividade económica produtiva. (Cunha, 2008:5)

Apesar de condenarem esta prática, das 6 entrevistadas, 4 assistem as telenovelas todos os dias e justamente por isso consideram que é um «vício». Contrariamente, os homens assumem que gostam de assistir e acompanhar as telenovelas e dizem não ver problema nenhum nisso. Eles se emocionam com as histórias, em especial com os encontros e desencontros dos pares românticos e, para além disso, preferem os finais felizes. Homens e mulheres da classe trabalhadora interpretam o sentido do quotidiano no universo doméstico de maneira diferente. Para os maridos, o espaço doméstico é muito mais prazeroso, um lugar de descanso e lazer diante das histórias agradáveis das telenovelas. Para as esposas, é um lugar de cumprimento de responsabilidades, onde não há espaço para o «sonho» e o relaxamento, pois têm de cumprir duas ou três jornadas de trabalho entre a casa, a fábrica e a horta.

Após observarmos como esposas e maridos assistem as telenovelas, partimos para a análise de como estas mulheres e homens interagem e negociam seus espaços dentro do ambiente familiar durante o consumo televisivo. De acordo com James *et al.* (1990), as pesquisas norte-americanas sobre o significado do *Remote Control* no quotidiano da família revelam a importância da análise destas interações mediadas pelo RC. O estudo de Morley (1986) revelou que, entre as 18 famílias entrevistadas, o controle masculino era quase universal. Nenhuma das mulheres, da amostra de Morley, utilizava o controlo remoto com frequência (Morley, 1986:148). Baseados nestes estudos qualitativos (Krendl *et al.*,1993; Morley, 1986; Walker, 1996) sobre a importância do controlo remoto no estabelecimento das relações de poder no quotidiano familiar, perguntamos aos nossos entrevistados quem na casa escolhia a programação, ou em outras palavras, quem manuseava o comando da televisão com maior frequência.

«Ah é o pai!» (Marco, Tiago e Maria Júlia)

«Até adormece com ele [o controlo]!» (Maria Júlia)

«O primeiro que estiver a ver televisão é que manda» (Paulo)

«É ele! Mas nós os três é que decidimos o que é que queremos ver» (Maria da Conceição)

«É assim... Quando é para ver a novela, toda a gente vê. Só uma coisa se eu quiser ver que é o futebol (...) Mas se não quiser, elas vêm o que elas quiserem. Mas quem manda sou eu!» (Agostinho)

«É o Johny! [risos]» (Telma).

«Sou eu! Estou sempre com o comando na mão! O comando é meu! [risos]» (Johny)

«Sou eu é que mando! Eu tiro-lho [o controlo] ... [levanta-se e tira o controlo do lado do marido]» (Lurdes)

«E eu... Pumba [muda o canal manualmente] ... Quando há futebol é sempre aqui uma guerra!» (Alcides)

«Sou eu... Mas eu aceito a ideia dela também» (João)

«Às vezes quero ver qualquer coisa e ele diz 'pronto está bem, toma vira lá'... Às vezes, não é sempre...» (Cidália)

Assim, os depoimentos comprovaram a hegemonia masculina no domínio do controlo. Das 6 famílias, apenas em 2 (famílias 1 e 4) as mulheres decidem junto com o marido a programação televisiva e em nenhuma delas o controlo remoto é usado com maior frequência pela mulher. De acordo com o que pudemos observar durante a pesquisa etnográfica, nas famílias 1 e 4, a mulher exerce um papel de maior liderança nas decisões domésticas. Cátia e Lurdes possuem idades diferentes (29 e 49, respectivamente), mas a postura de chefia e autoridade parece reflectir no tocante aos meios de comunicação, pois são as únicas que demonstraram «disputar» o controlo remoto. Para além da idade, possuem percursos de vida também diferentes, a única semelhança que encontramos foi nas histórias de vida de seus maridos. Ambos enfrentaram o abandono materno. As mães de Paulo e Alcides decidiram, quando seus filhos ainda eram pequenos, deixar o lar. Nota-se carência familiar nos

depoimentos destes homens, o que parece se reflectir na postura dentro do ambiente doméstico. A relação de Cátia e Paulo é semelhante à de Lurdes e Alcides, onde a mulher comanda as decisões dentro de casa com maior frequência do que o homem.

## Capítulo VII

### TELENOVELA E SUBJECTIVIDADE

Uma das mediações localizadas na recepção, de acordo com o modelo proposto por Martín-Barbero, é a subjectividade. Interpretar a maneira como os sujeitos interagem com os assuntos abordados no espaço ficcional é a proposta deste capítulo. O que os portugueses da classe trabalhadora pensam sobre o que assistem nas telenovelas? Tendo conhecimento do facto de, em Portugal, os indivíduos, de maneira geral, não comentarem na esfera pública os assuntos abordados nas telenovelas, especialmente os mais polémicos, tentamos desvendar este universo de silêncio que domina a sociedade portuguesa. Assim, gentilmente, pedimos para os nossos entrevistados reflectirem sobre seus valores e os valores transmitidos pelas telenovelas e nos revelarem o que pensam.

#### **1.Comentando...Telenovelas**

Os assuntos transmitidos nas telenovelas em algumas sociedades são objecto de discussões na esfera pública. No Brasil, quando um capítulo aborda um assunto polémico, especialmente durante o *prime-time*, no dia seguinte à sua veiculação transforma-se em conteúdo para conversas, seja entre os funcionários de uma grande empresa, os trabalhadores da linha de produção de uma fábrica ou os estudantes em horário de intervalo. De acordo com Almeida (2001: 37), a conversa sobre telenovelas e os conteúdos da televisão são compartilhados por muita gente, formando um repertório comum. Em Portugal, este fenómeno ocorre em muito menor escala. As pessoas preferem restringir suas opiniões apenas ao seio familiar. Quando perguntamos sobre o que os membros da família pensam sobre os comportamentos e

atitudes dos personagens das telenovelas que assistem, as esposas foram as primeiras a manifestarem-se, seja pelo desconforto ou pela identificação. Em contrapartida, os homens comentaram com maior distanciamento, encarando as histórias apenas como parte de um universo ficcional.

«(...) eles deturpam as coisas... Na [novela] da 4, há lá um casal que o filho agora foi jogar futebol não sei para onde...Ele trata-a mal, mas na rua parece sei lá o que...E sai à rua e ela trabalha normalmente...Quem sofre de violência doméstica, eles nem as deixam sair de casa sequer... E ele e ela fazem uma vida normal» (Cátia)

«Há assuntos que não...Não vamos concordar com tudo, mas não somos nós que temos que decidir...Um assunto que me deixa assim um bocado...É o da Maia, o facto dela mentir...Ele [Raj] está a ser sincero demais para ela...Ela está a esconder uma coisa...Esta parte é que me intriga» (Maria da Conceição)

«Eu acho que se ela [Maia] lhe dissesse logo ao princípio acho que passava...Acho que ele [Raj] perdoava logo... É como o Raul, aquele que fez que morreu, eu para mim ele estava a fazer aquilo...Ai tão burro...Ela vai lhe fazer qualquer coisa...Eu não sabia nada...Parecia que estava a sonhar... Pronto, logo ela fez aquela 'suíngada' para ficar com o dinheiro dele...» (Agostinho)

«Falando por mim, eu me identifico muito com a violência doméstica, eu senti isso na pele...Quando há histórias de mães solteiras...A parte romântica, aquelas histórias de casais perfeitos, que nada corre mal, que está tudo bem...A mim toca-me porque eu tive muitas experiências. Ao fim, ao cabo, aquilo é ficção, mas na vida real acontece em muitos casos e em muitas famílias» (Telma)

« (...) agora gosto de ver que a Leonor anda a descobrir...Porque que está presa... Quem é que lhe pôs a droga? Ela está quase a descobrir...O outro perdeu foi a memória, mas acho que vem à si, e ela está quase a descobrir... Na Tailândia eles são maus e empurram-nas e violam-nas... Gosto porque acho que está mal... 'Ai olha o que aquele chinês está a fazer àquela...' Gosto para ver a realidade do que se passa por lá! Aquilo deve ser horrível na Tailândia e em Macau...Nas prisões... Que horror!» (Lurdes)

«(...) Gosto da Luz...É a única que está a sofrer mais...Esta ali no meio do sofrimento...Gosto do papel que ela está a fazer... (...) Já se um casal estiver a baterem-se, eu não concordo» (Maria Júlia)

«Eu gostava de ser igual ao Manuel, andar com duas gajas ao mesmo tempo!» (Marco)

De acordo com a amostra do estudo de recepção de Burnay (2005), os portugueses assistem televisão para aprenderem ensinamentos que possam aplicar às suas vidas, especialmente sobre realidades que desconhecem, e também com o objectivo de se entreter.

(...) os entrevistados procuram preencher as suas necessidades de “vigilância” e de “entretenimento” (McQuail, 2000), ou seja, a telenovela

ajuda-os a apreender novas informações e a adoptarem uma forma de escapismo das situações do quotidiano. (Burnay, 2005: 103)

Uma vez mais, os nossos entrevistados dividiram opiniões mediante as diferenciações de género. Os homens apontaram ser possível retirar aprendizados dos conteúdos das telenovelas e conhecer outras realidades inatingíveis. As mulheres acreditam que a telenovela representa apenas um entretenimento, uma prática inútil. As esposas afirmam isso tanto sozinhas, quando na presença de seus maridos. As mulheres com mais de 40 anos ainda disseram que pode ser uma «má influência» para os jovens por conta dos conteúdos inapropriados, como exibição de cenas de sexo e utilização de drogas, por exemplo. No entanto, diferentemente do estudo de Burnay, todos os indivíduos das 6 famílias assumiram comentar com seus parceiros e/ou filhos sobre os conteúdos das telenovelas.

«Ah eu comento...Normalmente comentamos uns com o outros. Ele é logo o primeiro!»  
(Maria da Conceição)

«Comento. Normalmente em casa de colegas que estejam a ver novela comento com os meus colegas ou então com o Johny. Até a Inês costuma comentar...» (Telma)

«Quando víamos a novela juntos, comentávamos...» (Paulo)

## **2. Preferência nacional**

Ainda sobre as preferências dos membros das famílias, durante a realização do Questionário de Consumo, pudemos averiguar quais as preferências dos inquiridos no tocante aos títulos de telenovelas mais assistidos na altura da realização da pesquisa. Das 6 famílias, apenas uma delas prefere assistir às novelas brasileiras. As demais disseram manter o hábito de assistir às telenovelas portuguesas. Podemos interpretar vários significados e formular algumas hipóteses para explicar estas preferências, de acordo com os depoimentos. Em primeiro lugar, alguns membros

das famílias nos disseram que preferem assistir às telenovelas portuguesas por conta da proximidade cultural.

«Gosto porque mostra as paisagens, algumas coisas...A gente está em Portugal, né? Eu gosto mais, neste momento, das de Portugal, as portuguesas... Porque mostra, por exemplo, a parte de Sintra que eu já conheço, as paisagens...» (Paulo)

«Eu acho que o tipo de história da novela portuguesa identifica-se mais com o povo português. Nós sentimos mais na pele o que se vive na telenovela, porque se nós formos reparar, a história da telenovela brasileira não se identifica tanto com o nosso povo português, embora não digamos que não gostamos. Há milhares de portugueses que se identificam com as [novelas] brasileiras, mas porque gostam de ver e conhecer outro tipo de história e de paisagens...Para mim, as telenovelas portuguesas chamam a atenção porque, enquanto as brasileiras mostram o Brasil, as portuguesas vão mostrando um pedacinho de Portugal, um aqui outro acolá...» (Telma)

«A história das novelas portuguesas acho que chama mais a atenção...Identifica-se mais conosco» (Johny)

«Gosto de ver as paisagens de cá, gosto de ver aquelas coisas...Os Gerês, Coimbra...Tem novelas que tem sítios que é um sonho...Aqui em Portugal, gravadas em sítios que é um espectáculo...Terras muito lindas... Temos coisas muito lindas em Portugal! Adoro ver... Gosto de ouvir as músicas portuguesas, dos cantores que eu conheço...Os actores também gosto mais dos portugueses» (Lurdes)

Em segundo lugar, percebemos que em algumas casas, todos os membros da família assistem as novelas portuguesas porque cultivam o hábito de manter o aparelho de televisão sintonizado no canal 4 (TVI).

«Eu gosto das portuguesas, mas gosto das brasileiras...Só que é assim: antigamente dava mais brasileiras, agora dá mais as portuguesas, mas para mim é indiferente. Novelas, gostava das brasileiras, mas agora começou a dar as portuguesas... Pronto... Uma que deu antes desta... Nos Açores... Eu estive nos Açores e vi aquilo, depois via as paisagens na novela... As novelas têm paisagens espectaculares... E conforme vai andando... É como o vinho do Porto... Quando mais velho melhor, aqui é igual [as novelas portuguesas]» (Augusto)

Por outro lado, tanto os que assistem telenovelas portuguesas, quando os que assistem as brasileiras, concordam que as produções do Brasil possuem melhor técnica de trabalho do que as nacionais. Alguns depoimentos também revelam que as novelas brasileiras são mais «divertidas» e por isso mais agradáveis, denotando a preferência pelo género comédia.

«As brasileiras são mais alegres... Agora se não fosse o horário preferia as brasileiras. Para ver paisagens eu vejo o *Travel Channel* [risos]» (Cátia)

«Em termos de gravação e de trabalho...Da maneira com que as pessoas trabalham...Eu acho que os brasileiros ainda estão acima de nós. Temos aqui portugueses que parecem que estão a fazer...cinema...Não está a sair real...Nas brasileiras eu vejo que há personagens que encaixam com a pessoa...Parece que é real...Os actores brasileiros trabalham melhor» (Cidália)

«As [novelas] brasileiras são mais naturais...» (Marco)

«Os brasileiros fazem novelas melhores, mais... São mais experientes» (Maria Júlia)

«Eu sou sincera, não gosto de ver as novelas portuguesas...Acho que eles não têm tanta graça como os brasileiros» (Maria da Conceição)

«Ainda ontem tive a dizer à São [esposa], estás a ver porque é que eu gosto das [novelas] brasileiras? Às vezes até podem se enganar e tudo, mas fica bem! Já as portuguesas...Não gosto» (Agostinho)

Assim, podemos mencionar duas razões principais correspondentes às preferências pelas novelas portuguesas. Em primeiro lugar, a questão da identificação com o produto nacional. De acordo com Castells (2003), entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo. Estas fontes de significado como nomes, idiomas e culturas identificam e diferenciam um povo dos demais, ou seja, são formas de distinção entre o eu e o outro. Conforme Castells, na sociedade actual, estes significados organizam-se em torno de uma «*identidade primária (uma identidade que estrutura as demais), auto-sustentável ao longo do tempo e do espaço*» (Castells, 2003: 23). Entre outras palavras, o autor defende a existência de uma «identidade colectiva». Assim, quando observamos as falas dos entrevistados, percebemos que se identificam de maneira colectiva com os produtos nacionais, a partir dos conteúdos simbólicos veiculados pelas telenovelas. Segundo Castells, as identidades colectivas são *construídas* a partir de matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, pela memória colectiva e por fantasias pessoais (Castells, 2003: 23). Assim, a identificação da maioria dos portugueses pelo produto nacional é *construída* por um processo específico alimentado pelos sentidos transmitidos pelas telenovelas portuguesas. Por meio de apelos como os espaços de gravações externas,

paisagens, trilha sonora e recortes históricos, é possível criar uma reafirmação das identidades nacionais.

E em segundo lugar, o hábito de assistir televisão apenas em um determinado canal, neste caso a TVI – mais popular entre o público das classes trabalhadoras, também influencia a opção por assistir as produções nacionais veiculadas pela emissora. Estes comportamentos mais ou menos automáticos incorporados pelos sujeitos sociais também são manifestações decorrentes do *habitus* (Barone, 2002:171).

«Eu penso que é assim também...Chegou um ponto que eu me habituei só a ligar a TVI e uma pessoa acaba por começar a apanhar a história e depois quer continuar a seguir a história...Há pessoas que gostam mais de ver as notícias na SIC e acabam por apanhar outra história, mesmo sendo brasileira...» (Telma)

### **3.Memória da telenovela.**

Este último item tem o objectivo de perceber de que maneira a telenovela como género faz parte da história de vida dos membros da classe trabalhadora da Bairrada. Pudemos sentir, isso porque quando se parte para um estudo etnográfico, o pesquisador para além de observar, ele precisa «sentir» a atmosfera do lugar para compreender muito do que os entrevistados não disseram, mas que se ficou dito nas «entrelinhas», que as telenovelas brasileiras fazem parte das memórias destas pessoas. Os olhos dos entrevistados brilharam quando perguntamos sobre os personagens e histórias que marcaram suas lembranças individuais. Agostinho, inclusive, guarda um álbum com fotografias de actores e actrizes das novelas brasileiras.

«Gabriela, O Casarão...que novela! Eu era pequenino...Quando ele foi lançar a estátua da carolina... Fera Ferida...Alma Gémea... Outra que eu gostei foi aquela que entrava o Guma... A América também... 'É na sola da bota, é na palma da mão...'» (Agostinho)

«Eu lembro-me daquela do Jorge Tadeu...Ele depois morreu...» (Paulo)

«Quem comesse a flor ele aparecia [risos]...» (Cátia)

«Uma novela que foi muito marcante e que eu gostei muito de ver foi as Páginas da Vida. América também...» (Maria da Conceição)

«A primeira novela que eu me lembro... Era brasileira...Ele era camponês e ela era uma da classe alta...E eles viveram um grande amor... Era o Petríquio... Eu fartava-me de rir... E aquela situação do pobre e do rico, aí se mostra que não há separação das coisas... Porque quando o amor tiver que acontecer, não escolhe...Acontece!» (Telma)

«Eu lembro-me de uma novela na Venezuela que nunca mais esqueci...Chamava-se Ligue a Helena... Eu lembro-me disto...Trabalhávamos na terra...Foi no tempo de descascar o milho...Nós vínhamos uma hora mais cedo para ver a novela!» (Cidália)

«Senhorzinho malta! Roque Santeiro! Gostei também daquela, que ela foi presa e mandava matar as pessoas... A Favorita...» (João)

De maneira geral, nossos entrevistados relembram com maior frequência os personagens marcantes das novelas dos anos 70 e 80, quase sempre de produções brasileiras como *Roque Santeiro*, *Gabriela*, *O casarão*, *Escrava Isaura* e *Tieta do Agreste*. Das telenovelas mais recentes, dos anos 90 para cá, os enredos são mais recordados do que os personagens. As tramas brasileiras de *Pedra sobre Pedra*, permeada por mistérios como a história de um homem que após a sua morte, «ressuscitava» quando as mulheres comiam a flor de uma árvore nascida no centro da cidade, e de *Fera Ferida*, onde um homem misterioso – «alquimista» que transformava pó de ossos humanos em ouro – retorna à cidade natal para se vingar de seus inimigos, são as narrativas mais citadas.

Quando questionamos quais seriam as melhores telenovelas, as actuais ou as «de antigamente», notamos certo tom de nostalgia nas falas das pessoas que, nos anos 80, assistiam novelas brasileiras:

«Antigamente era assim...A escravatura e assim né? Agora não...é mais o ódio das pessoas por causa do dinheiro...» (Paulo)

«É uma grande diferença...Hoje há mais modernidade... Os personagens já são mais novos...Mas não há nada como os antigos... E a gente gosta mais de ver os artistas conhecidos do que os que aparecem agora. As de antigamente eram mais...sei lá...» (Maria da Conceição)

«Antigamente eram melhores na parte educativa» (Marco)

«Naquela altura não havia tantas...Naquela altura a história marcou. Agora como são tantas, com histórias diferentes...Não há uma história que marque...» (Cidália)

Os entrevistados que responderam que preferem as novelas actuais, referiram-se às novelas portuguesas:

«A qualidade é muito melhor...A própria encenação dos actores, acho que é mais verídico. Antes nós olhávamos e víamos aquilo como mais teatral, agora até a próprio texto, a própria história é mais verídica, nota-se mais que é tirado de histórias reais» (Telma)

«Eu acho que agora tem cenas mais bonitas...Elas agora andam mais descascadas e tudo, os gajos e tudo... Agora há novelas muito boas... E agora há muito mais que antigamente!» (Lurdes)

Os elementos simbólicos mais referidos foram os personagens caricatos como *Senhorzinho Malta* – imortalizado por Lima Duarte e os actores e as atrizes conhecidas da TV Globo como Tony Ramos e Vera Fischer. As trilhas sonoras também fazem parte da memória destes trabalhadores, assim como as paisagens bucólicas do interior ou as praias do nordeste brasileiro. Por meio dos depoimentos, notamos que as telenovelas portuguesas ainda não fazem parte das memórias dos nossos entrevistados, ou seja, apesar de preferidas actualmente, não acompanharam o passado televisivo destas pessoas.

«Antigamente eram só as brasileiras que haviam...» (Augusto)

Durante as entrevistas sobre as lembranças, alguns entrevistados tiveram bastante dificuldade em conversar sobre o passado, porque julgam ter «muito pouca memória». Quando a família toda estava reunida, durante os grupos de foco, conversar sobre as recordações televisivas era sempre mais fácil, porque os membros da família faziam questão de lembrar os demais sobre os detalhes dos enredos das telenovelas. Assim, pudemos perceber com maior clareza como a telenovela enquanto

gênero faz parte não apenas do espaço doméstico e do cotidiano familiar destes trabalhadores, mas também de suas memórias.

## CONCLUSÃO

Nas considerações finais, interessa-nos descrever os resultados encontrados na análise do estudo empírico. Durante a pesquisa de campo, entrevistamos seis famílias, totalizando 17 indivíduos, sendo 8 homens, 6 mulheres e 3 crianças/adolescentes. Por meio dos depoimentos, estabelecemos dois tipos de análise diferenciadas.

Primeiramente, tencionávamos saber quais eram as histórias de vida e as trajetórias familiares destas pessoas, para, conseqüentemente, articular estes indicadores com a maneira como elas assistem telenovelas dentro do espaço doméstico. Neste aspecto, descobrimos que as trajetórias das seis famílias são bastante semelhantes. Quase todos os sujeitos tiveram infâncias e adolescências marcadas pelo trabalho doméstico ou rural, juntamente com seus antepassados agricultores. Normalmente, aos 14 anos saíam para trabalhar fora, substituindo a vida no campo pelo trabalho nas fábricas que começavam a chegar na região da Bairrada na década de 70. Os entrevistados mais jovens – entre os 20 e 30 anos – também seguiram o mesmo percurso dos pais, tendo em vista que a educação que receberam lhes apontava que esta maneira de viver é a correcta, indicando trajetórias onde praticamente não há mobilidade social, conforme Bourdieu (apud Vasconcelos, 2002), são trajetórias de «reprodução». O casamento, igualmente, ocorre muito cedo, antes dos 20 anos.

O percurso escolar destas pessoas geralmente foi curto, não passando dos 5 anos, especialmente para os indivíduos com mais de 40 anos. Notamos que os mais velhos estudaram menos e os mais novos, mais. No entanto, dos 7 indivíduos adultos com menos de 40 anos, apenas 3 completaram a actual escolaridade obrigatória.

Sobre este assunto, notamos nas falas dos entrevistados que a classe trabalhadora em Portugal, diferentemente do Brasil, não almeja a ascendência intelectual e não vêem na obtenção da instrução um caminho para uma vida melhor. Nos depoimentos, percebemos que este fenómeno ocorre por conta da realidade que os rodeia, pois actualmente nota-se muitos jovens licenciados nesta região a trabalhar em ofícios que exigem pouca ou nenhuma qualificação. Para além disso, nota-se que estes indivíduos possuem, no geral, poucas ambições à mobilidade social. Quando perguntamos se eles gostariam obter bens de consumo ou um estilo de vida semelhante aos personagens «ricos» das novelas, a maioria absoluta respondeu que não. Nos depoimentos, observamos que estas pessoas consideram que o «bem-estar» que têm é o suficiente. Apesar de alguns reclamarem da situação financeira, são «conformados» com sua realidade. Percebemos, assim, pouca ou nenhuma ambição, tanto social, quanto intelectual.

O índice de leitura acompanha a escolaridade dos trabalhadores. Nenhum dos entrevistados lê livros com frequência e a maioria leu apenas um ou dois livros durante a vida. No tocante à leitura de jornais e revistas, apenas os homens disseram ler esporadicamente quando vão ao café e apenas um deles assume ler diariamente (Johny, que terminou o 12º anos de escolaridade). As mulheres assumiram que às vezes compram revistas femininas ou sobre telenovelas, mas apenas para «ver as figuras».

Assim, percebemos que estas famílias possuem trajectórias familiares semelhantes. Quando observamos a maneira como elas assistem televisão, notamos que esta assistência ocorre de maneira parecida. Os horários em que a televisão fica ligada geralmente coincidem com a chegada à casa depois do trabalho e a hora de dormir. Já os horários de assistência de telenovelas iniciam-se durante o jantar (por

volta das 20h30) e só terminam quando os indivíduos vão para o quarto. A sala é o local onde os membros familiares mais assistem telenovelas, geralmente acompanhados, ou seja, quase nunca é uma prática solitária. Quando assistem alguma cena cujo conteúdo não concordam, comentam com o familiar que está ao lado. Notamos que o casal que não possui sala assiste menos telenovelas, isso porque, justificam, não possuem um lugar «adequado» para esta prática. Portanto, a sala pode ser classificada como um ambiente destinado ao consumo televisivo atento. Quando um dos membros da família aprecia um determinado título, os outros conseqüentemente assistem junto.

O padrão de vida deste grupo de trabalhadores é razoavelmente bom. As casas onde residem são todas amplas e com dois ou mais quartos. A mobília varia de acordo com a idade do moradores. Os casais mais jovens possuem móveis e objectos decorativos com contornos simples e rectos. Os mais velhos seguem um padrão decorativo inspirado no estilo Barroco, com muitos contornos, peças em louça e estátuas religiosas. Há geralmente três televisões por residência, sendo uma maior na sala, e as demais nos quartos ou na cozinha. A televisão ocupa um lugar de destaque no cómodo, sendo notada com facilidade logo à entrada. Os sofás geralmente ficam voltados para a televisão, bem como a mesa do jantar ou a cama. Geralmente existe uma emissora de preferência da família, permanecendo as TVs sempre sintonizadas neste mesmo canal. Inclusive quando a família utiliza o serviço de canais por assinatura, estes são vistos apenas nos finais de semana, após as telenovelas ou nos dias dos jogos de futebol.

Diante destes indicadores, notamos, como prevíamos, que os membros das famílias pertencentes à mesma classe social e com trajectórias familiares parecidas, tendem a possuir os mesmos hábitos de consumo televisivo.

Em segundo lugar, a análise revelou, contrariamente, que homens e mulheres se apropriam dos conteúdos televisivos de maneira diferente. Em outras palavras, assistem os mesmos títulos e em horários e locais semelhantes, contudo, interpretam, se apropriam e têm atitudes diferentes perante às telenovelas.

Ao analisar os depoimentos, pudemos perceber que os homens das classes trabalhadoras com pouca qualificação vêem mais novelas do que as mulheres. Isso porque trabalham normalmente em horários fixos, estão sempre em casa depois das 18h e não efectuam outras actividades domésticas. Portanto, durante o tempo livre, dedicam-se quase integralmente a ver televisão. Em contrapartida, as mulheres que trabalham como operárias nas linhas de produção geralmente trabalham por turnos e acompanham a linha do tempo das narrativas ficcionais de maneira fragmentar. Soma-se a isso o facto de, para além do trabalho fora, efectuarem sozinhas, o trabalho doméstico, sem ajuda do marido ou dos filhos. O tempo que lhes resta, portanto, é diminuto em relação aos homens. Para além disso, as mulheres vêem o lar de maneira diferente dos homens. Para eles, a casa é um espaço apenas de lazer. Para elas, o ambiente doméstico é visto também como um lugar de trabalho. Assim, enquanto os homens assistem atentamente às telenovelas, as mulheres geralmente efectuam outras actividades em paralelo. Enquanto para os homens assistir telenovelas é uma prática lúdica, de puro entretenimento no ambiente de lazer, para estas mulheres assistir televisão é uma perda de tempo. As esposas procuram sempre «aproveitar» o tempo enquanto estão a ver televisão. Mesmo que não estejam a fazer o jantar ou passar a ferro, efectuam pequenas tarefas como bordados.

As diferenciações de género também influenciam na maneira como se estabelecem as relações de poder no espaço doméstico, especialmente nas decisões que envolvem a televisão. Observamos que o controlo remoto é motivo de disputa e

normalmente a opinião vencedora é a masculina. Em nenhuma das casas a mulher manuseia o controlo com maior frequência, ficando a cargo dos homens decidirem a programação televisiva, principalmente no aparelho da sala. Portanto, a decisão é masculina, demonstrando que os valores de uma sociedade patriarcal ainda imperam dentro do ambiente doméstico das famílias de trabalhadores. No entanto, os dados que nos surpreenderam são relativos à assistência masculina de telenovelas. Para além de assistirem com maior frequência, os homens preferem as histórias de amor romântico, acompanham os desenlaces amorosos e esperam que os casais fiquem juntos no final das novelas. Em contrapartida, a maioria das mulheres inquiridas preferem os géneros de comédia ou suspense.

Em relação às preferências, pudemos perceber que, como também apontam as pesquisas realizadas pela Marktest/Mediamonitor, a maior parte das famílias escolhe assistir às telenovelas portuguesas. As duas principais razões mencionadas pelos entrevistados foram a identificação com os produtos nacionais e o hábito de assistir sempre a mesma emissora.

Por fim, procuramos compreender a maneira pela qual as telenovelas povoam o arquivo de memórias dos entrevistados. Descobrimos que as lembranças das telenovelas dos anos 80, 90 e actuais se completam, formando um repositório de recordações com personagens e histórias. Notoriamente, as novelas brasileiras são mais lembradas do que as portuguesas, por questões históricas, como explicamos na primeira parte do trabalho.

Percebemos, assim, que os indicadores de distinção social influenciam a maneira como os indivíduos assistem telenovelas. Portanto, compreendemos que para analisar os hábitos de consumo é preciso considerar as práticas sociais e simbólicas. Conforme Hall (1973), o processo comunicativo da televisão é *complexo*,

e, por isso, não se pode analisar apenas os meios, mas também as *mediações* (Martín-Barbero, 2003).

Como perspectivas para futuras investigações, indicamos novos estudos de recepção com grupos de diferentes realidades sociais. Há ainda em Portugal um vasto campo de pesquisa nesta área, especialmente se levarmos em consideração que os usos modificam-se ao longo do tempo e conforme o advento de novas tecnologias.

## BIBLIOGRAFIA

ACIB (2007), *Levantamento Industrial da Bairrada*, Aveiro: Agenda Comum.

Almeida, A. N. (1992), «Meio social, famílias e classes operárias», in *Sociologia: problemas e práticas*. Lisboa: Relógio D'agua, pp. 27-41.

Almeida, H. B. (2001), *Muitas mais coisas: telenovela, consumo e género*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Campinas: Departamento de Antropologia, Unicamp.

Ang, I. (1996), «Las guerras de la sala de estar. Nuevas tecnologías, índices de audiencia y tácticas en el consumo de la televisión», in Silverstone *et al.* (1996) *Los efectos de la nueva comunicación: el consumo de la moderna tecnología en el hogar y en la familia*, Barcelona: Bosch Casa.

Barone, A. F. (2002), *Memória quotidiana e comunicação*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação e Ciências Sociais, Lisboa: Departamento de Ciências da Comunicação: Universidade Nova de Lisboa.

Barreto, A., org. (1996), *A situação social em Portugal, 1960-1995*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

Borelli, S. (2002), «Jovens em São Paulo: recepção, ficção seriada e hábitos de ver TV», comunicação apresentada à Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXV Congresso de Ciências da Comunicação, Salvador – BA, Setembro.

\_\_\_\_\_ (1996), *Ação, Suspense e Emoção: Literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: Estação Liberdade.

Bosi, E. (1981). *Cultura de Massa e Cultura Popular: leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes.

Bourdieu, P.(1989), «A génese dos conceitos de *habitus* e de *campo*» , in *O poder simbólico*, Lisboa: Difusão Editorial, pp. 59 – 73.

Bryant, J. (org.) (1990), *Television and the American family*, New Jersey and London: Lawrence.

Buonanno, M. (2007), «O teledrama como sistema central de narração de histórias na Itália contemporânea», *Matrizes* 1, pp. 139-161.

Burnay, C. (2005), «A telenovela e o público: uma relação escondida», in *Media & Jornalismo*, nº 6, pp. 95-110.

- Cádima, F. (1995), *O Fenómeno televisivo*, Lisboa: Círculo de leitores.
- \_\_\_\_\_ (1999), «Redes à beira de um ataque de Conteúdos», in Cádima, F. (1999), *Desafios dos Novos Media*, Lisboa: Editorial Notícias.
- Campedelli, S.Y. (1985), *A telenovela*, São Paulo: Ática.
- Casetti, F., Di Chio, F. (1999), *Análisis de la Televisión*, Barcelona: Paidós.
- Casetti, F. (1990); Odin, R.(1990), ‘De la Paléo à la Néo-Télévision: Approche Sémio-Pragmatique, in *Communications*, nº 51, pp. 9-26.
- Castells, Manuel (2003), *O poder da identidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Chaney, D. (1996), *Lifestyles*, London: Routledge.
- Cheta, R., Aboim, S. (2007), «Era uma vez...fábulas, romances, quotidianos. Imagens da vida privada nas telenovelas portuguesas», Working Report do Obercom, Lisboa: Obercom.
- Conde, I. (1998), «Relações familiares: mudança e diversidade», in *Portugal, que modernidade?* Oeiras: Celta editora, pp.45-78.
- Correia, F. (1998), *Os Jornalistas e as Notícias*, Lisboa: Editorial Caminho.
- Costa, J. (2003), *Telenovela um modo de produção: o caso português*, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Costa, C. (2000a), *A Milésima Segunda Noite: Da narrativa mítica à telenovela, análise estética e sociológica*, São Paulo: Anna Blume.
- \_\_\_\_\_ (2000b), *Eu compro esta mulher: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas*, Rio de Janeiro: Zahar.
- Dantas, J. (2008), «Teoria das mediações culturais: uma proposta de Jesús Martín-Barbero para o Estudo de Recepção», comunicação apresentada à Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, São Luis – MA, Junho.
- Cunha, I. F. (2009), «Viagens ao outro lado da Grande Lisboa». *Trajectos* (13-14) 1.
- \_\_\_\_\_ (2008), «Ficção televisiva e entretenimento», comunicação apresentada à Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXI Congresso de Ciências da Comunicação, Natal – RN, Setembro.

\_\_\_\_\_ (2006), *A Televisão das Mulheres: ensaios sobre a recepção*, Lisboa: Quimera Editores.

Escosteguy, A.C. (2006), «Os estudos culturais em debate», *UNIrevista* 1 (3), pp. 2-8.

Escosteguy, A. C., Jacks, N. (2005), *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker Editores.

Giddens, A. (2005), *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed.

Gramsci, A. (2000), *Cadernos do Cárcere*, volume 2. São Paulo: Civilização Brasileira.

Guedes, O. (1998) «Os estudos de recepção, etnografia e globalização», in Rubim, B. e Pinto (orgs) *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. Petrópolis: Vozes/Compós, 107-118.

Hall, S. (1973), «Encoding/decoding», in Stuart Hall *et al.* (1980) *Culture, Media, Language*, London: Hutchinson University Library.

Hoggart, R. (1973a), *As utilizações da cultura I: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*, Lisboa: Editorial Presença.

\_\_\_\_\_ (1973b), *As utilizações da cultura II: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*, Lisboa: Editorial Presença.

Horkheimer, M. e Adorno, T.W. (1985) *Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro, Zahar.

James R., Robert V. (1990), «Remote Control Devices and Family Viewing», in Bryant, J. (org.) *Television and the American family*, New Jersey and London: Lawrence, pp. 75-90.

Krendl, K.A., Troiano, C., Dawson, R., & Clark, G. (1993). «O.K. Where's the remote?: Children, families, and remote control devices», in J.R. Walker & R. Bellamy, Jr. (Eds.), *The remote control in the new age of television*, 137-154. New York: Praeger.

Lopes, M.I., Borelli, S., Simões e Resende, V. (2002), *Vivendo com a Telenovela, mediações, recepção, teleficcionalidade*, São Paulo: Summus.

\_\_\_\_\_ (2008), «Brasil – Panoramas ficcionais diante do novo, em busca do novo» in Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Lorenzo Vilches (orgs.), *Mercados globais, histórias nacionais*, Rio de Janeiro: Globo, pp. 83 - 120.

Martín-Barbero, J. (2003), *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Mattelart, A. e M., (1995), *História das Teorias da Comunicação*, Porto: Campo das Letras.

Morin, E. (1961) *L'Esprit du Temps*, Paris: Grasset.

Morley, D. (1996), *Spaces of Identity*. London: Routledge.

\_\_\_\_\_(1986), *Family television: cultural power and domestic leisure*. London and New York: Routledge.

Morley, D. e Silverstone, R. (1990), «Domestic Communication – Technologies and meanings» in *Media, Culture and Society*, SAGE, vol. 12 (1990), pp.31-55.

Moores, S. (1993). *Interpreting Audiences, The Ethnography of Media Consumption*. Londres: SAGE publications.

Ortiz, R., Borelli, S., Ramos, J. M. (1991), *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Pereira, S. G. (1998), *Televisão na Família: processos de mediação com crianças em idade pré-escolar*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho.

Policarpo, V. (2006), *Viver a Telenovela, um estudo sobre recepção*, Lisboa: Livros Horizonte.

Rocha, N. (1996), «Os meios de comunicação após a Revolução dos Cravos (1974-1996)», in Quintero, A. P. (coord.), *História da Imprensa*, trad. Fernanda Soares e Paulo Pisco, Lisboa: Planeta Editora, pp. 369-396.

Ronsini, V., Silva, R., Wottrich, L. (2009) *A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo de recepção da telenovela*, comunicação apresentada à Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXII Congresso de Ciências da Comunicação, Curitiba – PR, Setembro.

Rubim, A., Bentz, I., Pinto, M. (1998), *Produção e Recepção dos Sentidos Midiáticos*, Petrópolis: Vozes.

Santos, B. (1987), *Um discurso sobre as ciências*, Porto: Coleção: História e Ideias.

Silva, E. C. (2004), *Os donos da notícia: concentração da propriedade dos media em Portugal*, col. «Comunicação», Porto: Porto Editora.

Silva, J. T. (2008), *O erótico em Senhora do Destino: Recepção de telenovela em Vila Pouca do Campo, Portugal*. Tese de Doutoramento em Comunicação, Coimbra: Faculdade de Letras.

\_\_\_\_\_ (2006), «O tecer das emoções femininas em Vila Pouca do Campo: a telenovela *Senhora do Destino*, in *A Televisão das Mulheres: ensaios sobre a recepção*, Lisboa: Quimera Editores, pp. 109-130.

Silverstone, R., Hirsch, E., Morley, D. (1996), «Tecnologías de la información y de la comunicación y la economía moral de la familia» in Silverstone et. al. (1996) *Los efectos de la nueva comunicación: el consumo de la moderna tecnologia en el hogar y en la familia*, Barcelona: Bosch Casa.

Teves, V. H. (2007), *RTP 50 anos de História*, Lisboa: Rádio e Televisão de Portugal.

Traquina, N. (1997), *Big Show Media: viagem pelo mundo audiovisual português*. Lisboa: Editorial notícias.

Woodward, K. (2000), «Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual», in SILVA T. (org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis: Vozes.

## **Documentos electrónicos**

Cunha. I.(2003a), *As telenovelas brasileiras em Portugal*, <http://bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-telenovelas-brasileiras.pdf> (acesso em Novembro 2007).

\_\_\_\_\_ (2003b), *A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal*, em <http://bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-revolucao-gabriela.pdf> (acesso em Janeiro 2008).

Moreira, J. P. (2000), *Avatares da Telenovela: para uma caracterização histórico-estrutural do género* (acesso em Junho 2009)

Morley, D. (2001), *Belongings: Place, space and identity in a mediated world*, acesso em Abril 2008.

Santos, R. (1998), *História das Telecomunicações em Portugal* (acesso em Junho 2009)

Silveira, J. (1914). «Toponímia portuguesa». *Revista Lusitana* (17). Lisboa: Livraria Clássica Editora, pp.114 – 134, <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/etnologia/revistalusitana/17/lusitana17.html> (acesso em Outubro 2009)

Sousa, H. (1998), *Time-life/Globo/SIC: um caso de reexportação do modelo americano de televisão?* (acesso em Maio 2009)

OBERCOM (2009), A Sociedade em Rede em Portugal: a experiência televisiva na sociedade em rede, <http://www.obercom.pt/content/pSociedadeRede/> (acesso em Junho 2009)

Vasconcelos, M.D. (2002), «Pierre Bourdieu: a herança sociológica», in *Educação & Sociedade* 78 (23), Campinas: The Scientific Electronic Library Online.

## ÍNDICE DE TABELAS E QUADROS

### **Cap. I Panorama mediático: a televisão em Portugal**

Tabela 1 – Share de audiência TV .....	16
Tabela 2 – Novelas da noite – Share de audiência em Agosto (%) .....	17

### **Cap. IV A classe trabalhadora da Bairrada**

Quadro 1 – Caracterização física do Município de Anadia.....	55
--	----

### **Cap. V Seis famílias: um esboço de definição**

Quadro 2 – Indicadores do padrão de vida .....	70
Quadro 3 – Relações com a TV .....	71
Tabela 3 – Top programas Agosto 2009 .....	73
Quadro 4 – Família 1 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade .....	78
Quadro 5 – Família 2 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade.....	84
Quadro 6 – Família 3 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade.....	88
Quadro 7 – Família 4 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade.....	94
Quadro 8 – Família 5 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade.....	99
Quadro 9 – Família 6 – Indicadores: idade, profissão e escolaridade.....	104

### **Cap. VI Territórios de recepção**

Quadro 10 – Hábitos de consumo de telenovelas .....	108
Quadro 11 – Sinopse das telenovelas .....	110
Quadro 12 – Caracterização por tipologia familiar e mobilidade .....	113

## ÍNDICE DE FIGURAS

### Cap. IV A classe trabalhadora da Bairrada

Foto 1. Homem sentado em frente ao café. Ao centro, fundo da Igreja.....	60
Foto 2. Duas jovens caminham pelas ruas estreitas de Famalicão .....	60
Foto 3. Cruzeiro em frente à peixaria: “centro” de Famalicão. ....	60
Foto 4. Via principal que liga o centro de Anadia a Famalicão. ....	60
Foto 5. Mulher circula de bicicleta pela via que liga o centro de Anadia à Famalicão. .....	63
Foto 6. Tractores nas ruas de Famalicão. ....	63
Foto 7. Homem caminha pelas ruas de Famalicão.....	63
Foto 8. Uma das ruas principais de Famalicão. ....	63
Foto 9. Família reunida para jantar durante a festa de Anadia .....	66
Foto 10. A chouriça assada é servida pelos restaurantes e preparada na mesa .....	66
Foto 11. Pessoas se reúnem para esperar o show.....	66
Foto 12. Mulheres dançam ao som do cantor Quim Barreiros.....	66
Foto 13. Mulheres se divertem ao dançar. ....	67
Foto 14. Os grupos da região também apresentam suas canções em palcos menores. .....	67
Foto 15. Os homens assistem ao show principal, sem dançar.....	67

### Cap. V Seis famílias: um esboço de definição

Foto 16. Vista da parte externa da casa da família 1.....	76
---	----

Foto 17. Família reunida no sofá: Cátia pega Rodrigo ao colo, ao lado de Paulo .....	76
Foto 18. A estante com a televisão é o principal móvel da sala. ....	76
Foto 19. Cozinha: lareira e fogão de um lado, televisão, mesa e geladeira do outro. ....	76
Foto 20. Cozinha vista de outro ângulo. ....	77
Foto 21. Quarto reservado para Rodrigo, quando ele conseguir dormir sozinho .....	77
Foto 22. Quarto do casal: berço de Rodrigo ocupa parte do espaço de circulação. ....	77
Foto 23. Detalhe da parede: diversos objectos decorativos coloridos.....	77
Foto 24. Vista externa da casa da família 2 .....	82
Foto 25. Mesas e bancos enfeitam o terraço de entrada .....	82
Foto 26. Vista geral da sala: muitos objectos decorativos.....	82
Foto 27. Família 2 reunida na sala: M <sup>a</sup> . Da Conceição e Valéria deitadas, Agostinho sentado no sofá.....	82
Foto 28. Valéria coloca a fita VHS no aparelho videocassete para gravar a telenovela Caminho das Índias. ....	83
Foto 29. Quarto da filha Valéria: mesmo estilo de decoração.....	83
Foto 30. Televisão do quarto do casal.....	83
Foto 31. Cozinha principal: moveis escuros e de boa qualidade. ....	83
Foto 32. Vista externa da casa da família 3. ....	86
Foto 33. Metade da sala é tomada por um largo sofá preto. ....	86
Foto 34. Sala: móveis com linhas rectas e modernas. ....	87
Foto 35. Lareira, na sala.....	87

Foto 36. Telma e Johny sentados no sofá da sala.....	87
Foto 37. Quarto do casal: mesmo estilo de decoração.....	87
Foto 38. Vista externa da casa da família 4 .....	92
Foto 39. <i>Hall</i> da entrada principal.....	92
Foto 40. Estante da sala: televisão e objecto decorativos. ....	92
Foto 41. Alcides e Lurdes na sala de estar. ....	92
Foto 42. Lurdes mostra os troféus da corrida das «cantarinhas».....	93
Foto 43. Lurdes ao lado da lareira, na poltrona onde assiste TV na sala.....	93
Foto 44. Parte da cozinha: televisão e electrodomésticos. ....	93
Foto 45. Cântaras (jarros) enfeitam a cozinha. ....	93
Foto 46. Vista externa da «casa» da família 5. ....	97
Foto 47. Vista geral da cozinha. ....	97
Foto 48. Quarto do casal. ....	97
Foto 49. Televisão no quarto do casal.....	97
Foto 50. João e Cidália sentados à mesa da cozinha. ....	98
Foto 51. Assistir televisão na cozinha: pouco conforto.....	98
Foto 52. João mostra sua colecção de discos.....	98
Foto 53. Vista externa da casa da família 6. ....	102
Foto 54. Sentados: Maria Júlia e Augusto. Em pé: Tiago e Marco.....	102
Foto 55. Augusto na poltrona onde gosta de assistir TV. ....	102
Foto 56. Maria Júlia senta para ver TV.....	102
Foto 57. Vista geral da sala de estar. ....	103
Foto 58. Televisão do quarto de Marco. ....	103
Foto 59. Marco no computador do quarto.....	103

## **APÊNDICE**

## DIÁRIO DE CAMPO

SEMANA 1

DIA 1 – 27 DE JULHO

As visitas às casas das famílias seleccionadas para participar do estudo de caso iniciaram-se no dia 27 de Julho de 2009. Por meio de um mediador, ficou agendado que iríamos chegar por volta das 21h30 à residência da família que intitulamos como número 1, composta por Paulo (marido), Cátia (esposa) e Rodrigo (filho). A família ainda conta com um terceiro «membro», Iuri, que passa a maior parte do tempo na casa da irmã, Cátia. Por estarmos em tempos de verão, ainda havia um pouco de luz no céu quando chegamos. Fomos recebidos com simpatia por Paulo, que no momento de nossa chegada estava trocando a fralda do filho. Percebeu-se que a família não interrompeu os seus afazeres por conta da nossa chegada. A esposa, Cátia, manteve-se na cozinha e quando nos viu, disse timidamente «Eu não posso dizer nada, não vejo novelas! Não tenho tempo... Quem vê é ele, eu só vejo o AXN!». Um tanto constrangidos com a situação, cumprimentamos cada um dos membros da família e sentamos num dos sofás da sala.

Assim que terminou a tarefa que desempenhava, Paulo veio ter connosco à sala. Após alguns comentários triviais, iniciamos a primeira parte das técnicas de trabalho de campo com o Questionário de Consumo. A partir daí tudo passou a ser gravado, mas com bastante discrição por parte da pesquisadora, para evitar possíveis constrangimentos. Havia um guião com perguntas estruturadas e quem começou a responder as questões foi Paulo, que sentou-se na ponta do sofá, mostrando uma postura corporal que denotava estar pouco à vontade com a situação. O pequeno Rodrigo, de 2 anos, veio com o pai e esteve sempre no tapete, no centro da sala, brincando. Após dois ou três minutos de conversa, Cátia juntou-se a nós na sala, seguida do irmão Iuri e, assim, acomodaram-se todos nos pequenos sofás da sala. A conversa continuou, mas algumas perguntas agora já não eram respondidas apenas por Paulo, mas por todos os membros da família, excepto por Rodrigo que mantinha-se entretido no seu mundo infantil. Paulo continuava a ser a figura principal da conversa, mas quando alguma resposta não agradava Cátia, ela retrucava corrigindo as afirmações do marido. E Iuri detinha-se a responder as perguntas de cunho prático que Paulo não sabia responder com exactidão, como o número de aparelhos electrónicos que havia em casa. A conversa decorria mais ou menos há 40 minutos quando o casal recebeu a visita dos pais de Cátia. A entrevista não foi interrompida. Continuamos na sala conversando com Paulo, enquanto Cátia recebia os pais. A partir daí as mulheres reuniram-se na cozinha e permaneceram na sala apenas os homens e a pesquisadora. O sogro de Paulo também introduziu-se na conversa e respondeu algumas perguntas.

Após o término da conversa na sala, fomos conhecer o restante da casa, que Paulo nos foi mostrando, em companhia do sogro. A casa é formada por uma construção principal com cómodos pequenos, mas conta com demais construções anexas, que ainda estão por ser acabadas. Paulo é quem vai construindo aos poucos o restante dos anexos da casa. Ele nos mostra também o restante do terreno, cujo formato é um grande rectângulo desproporcional. Do lado de fora tem lugar uma lavandaria aberta, uma horta, uma garagem e um canil. Em seguida nos despedimos e confirmamos a próxima visita. Quando passamos de volta pela cozinha a caminho de ir embora, e comentamos algo sobre a televisão, a mãe de Cátia fez questão de nos

dizer que acompanha a novela “Caminho das Índias”, afirmando que “é uma novela muito bonita”.

DIA 2 – 28 DE JULHO

No segundo dia de visitas chegamos à casa da segunda família no horário marcado, por volta das 20h00. Quem nos recebeu foi Valéria, filha de Agostinho e Maria da Conceição. A adolescente estava sozinha em casa. Os portões estavam abertos denotando a calma da região. Ela avisou-nos que os pais ainda não haviam chegado porque estavam numa consulta médica. Valéria estava assistindo televisão na cozinha antes de nossa chegada e assim continuou. Nós aguardamos a chegada do restante da família fazendo companhia à adolescente. Entretanto, Valéria demonstrou curiosidade em saber quais seriam as perguntas que faríamos e decidimos iniciar algumas questões individuais e de cunho prático naquele momento. Agostinho e Maria da Conceição demoraram cerca de uma hora e meia. Neste intervalo de tempo também pedimos à filha do casal para que nos mostrasse as divisões da casa e fizemos algumas fotografias. A casa do casal com apenas uma filha é bastante ampla e conta com duas cozinhas, três quartos, sala e casa de banho. O sótão também possui uma sala e dois quartos com casa de banho. No entanto, os móveis ocupam boa parte do espaço dos cômodos, dando a sensação de uma casa muito cheia e sem espaço de circulação. Há bibelôs e objectos decorativos por toda a casa. Em quase todas as divisões existe uma televisão. Os móveis são predominantemente escuros e ornamentados, assim como os candeeiros de tecto.

Por volta das 21h30 o casal chegou à casa e pediu desculpas pelo atraso inesperado. Estávamos na cozinha e dali não saímos porque fomos convidados para o jantar. Enquanto conversava connosco, Maria da Conceição, cuja alcunha é apenas São, descascava batatas, esquentava o óleo e acendia o fogo de uma espécie de lareira. Agostinho, depois de trocar de roupas, dirigiu-se também à cozinha para assar a carne na brasa. Enquanto aguardávamos o jantar, deixamos ligado o gravador. Fomos introduzindo os assuntos do guião de perguntas. Quando o jantar foi para a mesa, interrompemos as gravações e só retomamos depois de todos terminarem. Após o jantar, o casal permaneceu à mesa e foi ali que a entrevista estruturada do Questionário de Consumo começou. Valéria saiu da mesa e sentou-se na poltrona ao lado da TV e ali ficou sem pronunciar nenhuma palavra espontaneamente. Maria da Conceição foi a figura com maior expressividade neste momento na conversa. Respondeu claramente as perguntas e teceu comentários extras. Agostinho mostrou maior interesse quando as perguntas envolviam objectivamente as telenovelas. Lembrou-se das que mais gostou ao longo dos anos e disse que as assiste desde a estreia de “O Casarão”. Quando a entrevista terminou o relógio marcava quase 23h00. O casal nos disse que dali da cozinha iriam dirigir-se, os três, à sala para ver as novelas.

DIA 3 – 29 DE JULHO

Chegamos por volta das 22h30 à casa família 3. Fomos recebidos no portão da casa pela esposa, Telma. Ela convidou-nos para entrar e sentar no sofá, pois o marido ainda não havia chegado. Percebeu-se que Telma reservou aquele tempo exclusivamente para nos receber e sentou connosco no sofá da sala, onde também estava Inês, filha de Telma. Após cerca de 10 minutos o marido, Johny, entrou pela porta da sala, cumprimentou-nos, dirigiu-se ao quarto para trocar de roupas e depois, gentilmente, perguntou se havia tempo para ele jantar. Telma e Inês continuaram connosco na sala. Começamos com as perguntas genéricas do guião do Questionário de Consumo. Telma mostrava-se à vontade com a nossa presença e Inês, muito

simpática, questionava-nos o porquê de tantas perguntas. A sala de estar do casal é ampla, os móveis possuem linhas rectas e modernas. Não há adornos em excessividade e nota-se a presença de apenas três cores na decoração: o branco, o preto e o vermelho. A casa é bastante grande, com cómodos confortáveis, cozinha, 3 quartos, lavandaria e 2 casas de banho. Lá fora, há um terraço, um pequeno jardim em frente ao portão de entrada e uma garagem para dois carros. Os muros ainda estão por pintar e as paredes externas também ainda não receberam acabamento por completo. Após a chegada de Johny à sala a conversa ficou só entre os adultos e Inês foi para o quarto. A televisão da sala estava ligada e sintonizada na TVI. O volume mantinha-se baixo enquanto estávamos a conversar. De vez em quando um dos membros do casal distraía-se com alguma cena da novela “olha ali amor!”. Percebe-se que acompanham os episódios diariamente. Durante a entrevista, manteve-se um equilíbrio entre quem respondia às perguntas. Por vezes Telma respondia primeiro, noutras era Johny quem sorria e confessava seus hábitos de assistência de televisão. Nossa visita terminou um pouco antes da meia-noite. Pedimos desculpas pelo avançado da hora, entretanto, Johny disse-nos que este era o melhor horário, pois a rotina de trabalho não lhe permite chegar cedo à casa.

#### DIA 4 – 30 DE JULHO

Na quarta-feira também marcamos de visitar a família por volta das 22h00. No decorrer da semana, percebemos que, por conta do verão, as horas vagas das famílias prolongam-se até mais tarde. Ficou claro que os nossos objectivos (de visitar as famílias durante o horário de assistência das telenovelas) encaixavam-se perfeitamente com os horários dos entrevistados. Continuamos, assim, a agendar sempre depois das 21h30, quando as pessoas já haviam terminado suas actividades e encontravam-se na sala, assistindo televisão. Custamos um pouco a encontrar a casa da família 4. A casa encontra-se numa rua isolada, com pouca iluminação. Quem nos recebeu à porta foi Lurdes, a esposa. Entramos por uma porta onde vê-se directamente uma escadaria e, ao lado direito, uma porta que dá acesso à cozinha e à sala do piso inferior. Detemo-nos a apenas acompanhar Lurdes até a cozinha e depois à sala de estar. No sofá, estava sentado Alcides, o marido. Com grande dificuldade em levantar-se para nos cumprimentar, por conta do excesso de peso, Alcides manteve-se sentado durante quase toda a nossa visita. Com bastante simpatia, o casal conversou connosco enquanto assistia televisão, uma parte do tempo sintonizada na TVI e outra parte na SIC. Lurdes foi a figura com maior expressividade durante a conversa, respondendo todas as perguntas, inclusive as dirigidas a Alcides. Percebia-se no discurso de ambos a falta de escolaridade, e por isso tivemos de reformular algumas perguntas para nos fazer entender. Alcides e Lurdes moram sozinhos, pois seu único filho emigrou para Inglaterra há 9 anos para trabalhar na construção civil. No final de nossa visita, Lurdes mostrou-nos algumas fotografias da família, do filho e do neto. A conversa terminou por volta das 23h15 e Lurdes nos acompanhou até ao carro explicando que apesar de retirada, a região é pacata.

#### DIA 5 – 31 DE JULHO

A casa do casal João e Cidália localiza-se numa rua também bastante escura e isolada. Tivemos alguma dificuldade para encontrar, visto que a via não é asfaltada e a residência é uma espécie de mistura entre uma casa e um apartamento. Trata-se de um conjunto de casas, divididas e transformadas em apartamentos. Primeiro tocamos a campainha numa porta ao lado e um senhor veio à porta, mas não abriu. Gritando

do lado de fora, perguntamos onde ficava a casa do seu João Roseiro, marido da dona Cidália. Assim, descobrimos que ficava do outro lado de onde nós estávamos. Chegando à porta da casa que procurávamos, tocamos a campainha. Demorou até que Cidália viesse nos receber. Disse que pensava que já não vínhamos. Eram 22h15 e nosso mediador informou à senhora que havia combinado estas horas com João. Ela avisou que ele não estava, pois havia ido dar uma volta até ao café. Convidou-nos para entrar e sentamos à volta de uma mesa bastante comprida que ocupa toda a cozinha. Dado o avançado da hora, decidimos começar a conversa sem João. Cidália e o marido moram sozinhos, são ambos divorciados e têm filhos adultos que já não moram com os pais. O casal mora junto há 6 anos, mas não estão casados oficialmente. A casa possui dois quartos, uma casa de banho e a cozinha apenas, mas as divisões são amplas. O que nos chamou a atenção foi a ausência da sala de estar. Uma pequena televisão localiza-se na cozinha, sem muito destaque. Cidália confessa que não assiste muito os programas televisivos fora do quarto, pois não há conforto. A outra TV fica no quarto, onde Cidália costuma assistir alguns programas antes de dormir. Após cerca de meia hora João retorna à casa. Vem ao nosso encontro e senta-se também à mesa. Nota-se em seu comportamento que João está um pouco alterado por conta do efeito de bebidas alcoólicas. Cidália responde a quase todos os nossos questionamentos, visto que João limita-se apenas a tecer comentários fora do assunto da entrevista. Quando o roteiro com as perguntas do Questionário de Consumo termina, Cidália e João convidam-nos para conhecer o restante dos cómodos. Ela avisa-nos que a casa, arrendada, não possui luxos como a maioria. Ficamos sem perceber o que isso queria dizer, mas notamos a presença de poucos móveis e paredes menos adornadas com quadros e penduricalhos do que as demais casas percorridas. A visita terminou quase à meia-noite, pedimos desculpas pelo incomodo e o casal foi simpático, dizendo que podíamos voltar quando quiséssemos.

#### DIA 6 – 1 DE AGOSTO

O último dia da semana ficou reservado para a família de Augusto. A família havia nos avisado que aos sábados era mais provável encontrá-los em casa e disponíveis. Chegamos no horário habitual, entre 21h30 e 22h00. O filho mais novo, porém adulto, nos recebeu à porta, que sai directamente na rua, precisamente na estrada nacional. Entramos e ele nos levou até uma divisão bastante peculiar da casa, uma espécie de sala de refeições com aspecto de garagem, com acúmulo de objectos, especialmente encostados na parede do fundo. Numa mesa longa que atravessa de um lado a outro esta sala, estavam sentados os convidados do jantar entre amigos que se encerrava com um café. Após cumprimentarmos os presentes, os donos da casa pediram para nos sentarmos, enquanto os convidados iam se despedindo. Sentamos e estivemos ali conversando assuntos triviais com os filhos Tiago e Marco. Maria Júlia e Augusto são o casal mais idade que entrevistamos. Estão ambos na faixa dos 50 anos e aparentam mais idade do que realmente têm. Foram eles que decidiram quando iniciariamos as perguntas. Todos estiveram ao redor da mesa durante a entrevista, excepto Tiago que interrompeu pedindo licença para ausentar-se, pois marcara de sair com os amigos. Permaneceram Augusto, Maria Júlia e Marco. Este último com menor expressão, respondendo apenas as perguntas dirigidas à ele e mantendo-se calado durante as perguntas genéricas sobre a casa. A conversa estruturada durou mais ou menos o mesmo tempo das demais, entre uma hora e meia e duas horas. Notamos nesta família um crescendo de confiança já neste primeiro dia de visita, explicado no final, quase quando íamos embora. Augusto confessou-nos chegar ao final da entrevista aliviado por não se tratar de assuntos relacionados à compra e

venda. Ao início, julgava ele, que a nossa presença ali não estava relacionada a um estudo académico, mas sim à venda de algum produto. Marco, com quem conversou nosso mediador antes de nossa vinda, manteve-se calado. Talvez até ele desconfiasse do mesmo. Augusto, depois de esclarecida esta questão, por fim, nos disse que éramos bem-vindos para uma próxima visita.

SEMANA 2

DIA 7 – 3 DE AGOSTO

Na segunda semana de entrevistas tínhamos a vantagem de já ter estabelecido o contacto inicial com as famílias. Na segunda-feira recomeçamos as visitas e novamente fomos até a casa de Paulo e Cátia, como havíamos combinado à sete dias atrás. Desconfiamos que o aviso antecipado não havia resultado e telefonamos antes de ir para saber se estariam em casa. Entretanto, não conseguimos contactar Paulo pelo telemóvel. Decidimos ir, pois já havíamos combinado na semana anterior. A família encontrava-se em casa, mas a nossa chegada foi uma surpresa. Paulo disse-nos que havia esquecido da nossa visita e que o telemóvel estava com problemas, mas que éramos bem-vindos. Paulo sentou-se connosco na sala juntamente com o filho de 3 anos, Rodrigo. Desta vez a esposa esteve presente e, inesperadamente, participou de maneira activa na entrevista. Desta forma, estabeleceu-se uma espécie de *focus group* na sala, em frente à TV, como têm ocorrido com quase todas as famílias. Para esta semana, preparamos um guião de perguntas pertencentes à divisão Entrevistas Temáticas, tópico subdividido em Entrevista do Quotidiano e Entrevista da Subjectividade. Diferentemente do primeiro guião, este segundo era mais longo e demorado. Tivemos algumas dificuldades durante esta visita, porque Paulo estava nitidamente disperso neste dia e notava-se que não conseguia entender aonde nós queríamos chegar. Tentamos reformular os questionamentos, mas Paulo poucas vezes correspondeu às nossas expectativas. No entanto, à medida que Paulo hesitava, sua esposa, Cátia, tomava à frente e respondia nossas perguntas. E assim estivemos cerca de duas horas, conversando na sala e assistindo TV junto com a família. Rodrigo desta vez estava mais à vontade connosco, mas esta pequena afinidade tornou-se um obstáculo quando a criança vinha ao nosso encontro e desligava a gravação, mexendo insistentemente no gravador. A gravação deste dia também ficou comprometida, pois Rodrigo fazia muito barulho na sala. Saímos da casa do casal o relógio já marcava, como de costume, quase meia-noite.

DIA 8 – 4 DE AGOSTO

Nesta terça-feira retornamos à casa da família 2. Desta vez, Agostinho e Maria da Conceição estavam em casa quando chegamos. Entretanto Valéria, a filha de 14 anos, havia saído com um familiar. A conversa ocorreu na sala do casal, com a TV ligada. Ambos responderam de maneira equilibrada e esclarecedora a todas as perguntas, sempre sentados no sofá. Em determinado momento da conversa, sobre telenovelas e memória, Agostinho levantou-se para buscar um álbum de fotografias. Quando folheamos o álbum encontramos uma pequena relíquia: calendários em formato de cartão com fotografias de actores das novelas brasileiras de sucesso dos anos 80-90. Agostinho revelou que começou a colecção quando ainda era solteiro. Este momento da visita rendeu diversas lembranças, especialmente sobre os personagens mais marcantes da ficção brasileira. A preferência da família pelas novelas brasileiras já havia sido tema de discussão desde a primeira visita e tornou-se mais evidente após este momento de recordação. Durante este meio tempo, também nos surpreendeu o facto de Maria da Conceição ligar o aparelho videocassete e introduzir uma fita VHS no leitor. Agostinho justificou o acto, disse-nos que a família grava a telenovela

Caminho das Índias diariamente, para assistir quando no dia seguinte, mais cedo. Mesmo após o aparelho videocassete estar a trabalhar, a televisão permaneceu ligada. A nossa visita terminou quando a novela já estava por terminar, um poço antes da meia-noite.

#### DIA 9 – 5 DE AGOSTO

A família 3, formada por Telma, Johny e Inês, filha de 7 anos de Telma, recebeu-nos em sua casa após as 22h00. Quem nos foi receber foi Johny, que havia retornado mais cedo do trabalho. Uma vez mais pediu licença e dirigiu-se à cozinha para jantar. Estivemos sentados no sofá da sala juntamente com Inês. Entretanto, Telma perguntou se podíamos conversar e entrevistá-la enquanto passava a roupa a ferro, nós concordamos. Ela pediu para que fôssemos até um quarto onde ela costuma efectuar este tipo de actividade. Enquanto Telma passava a roupa da família, conversávamos, essencialmente, sobre as telenovelas no quotidiano familiar. Telma é uma mulher jovem, mas aparenta alguma experiência de vida. Mesmo sem entrarmos em questionamentos relacionados à história de vida, pudemos perceber isso por seus relatos pessoais espontâneos.

#### DIA 10 – 6 DE AGOSTO – Lurdes e Alcides

Novamente na quinta-feira, chegamos à casa de Lurdes e Alcides após o jantar, um pouco mais cedo do que o habitual, por volta das 21h30. Lurdes recebeu-nos sozinha e permaneceu durante toda a entrevista conosco na sala. A ausência de Alcides foi justificada por Lurdes pelo cansaço, pois haviam ido à praia em Aveiro naquele dia. Ouvia-se o ressonar de Alcides vindo do quarto enquanto estávamos na sala. Sentimos que a ausência do marido fez com que Lurdes sentisse menos à vontade para responder o roteiro de perguntas. As dificuldades ocorreram, em especial, no tocante às perguntas que envolviam memórias e telenovela. Lurdes sentou grande dificuldade em recordar factos ocorridos no passado. A atmosfera da sala era o mesmo da semana anterior, com uma iluminação escassa e amarelada, um ar abafado e pesado que denotava um cómodo que raramente recebe ar fresco vindo de fora. De facto a sala não possui janela, apenas uma porta que dá acesso à rua, portanto, quase não há circulação de ar. O sofá de dois lugares e as outras duas poltronas estão ao redor da pequena estante que suporta a televisão. Nota-se que a televisão é o centro das atenções da sala. Por volta das 23h já havíamos terminado a visita e deixamos Lurdes voltar para o descanso do início das férias.

#### DIA 11 – 9 DE AGOSTO

Este dia estava reservado para a visita à casa de João e Cidália, a família 5. Mas quando o mediador ligou para confirmar a nossa ida, João avisou-nos na última hora que não iria poder nos receber. Devido ao avançado da hora, decidimos não importunar outro casal e continuar o restante das entrevistas como havíamos combinado, tentando manter a organização pré-estabelecida.

#### DIA 12 – 8 DE AGOSTO – Augusto e Júlia

Quando chegamos à casa da família 6, num sábado por volta das 21h, como indicado pelo mediador, quem nos recebeu foi Júlia. A dona da casa não disfarçou a agitação e nos chamou para entrar: “chegaram em má hora!”. Quando chegamos à sala, percebemos o porquê da aflição. Toda a família estava reunida em frente à televisão assistindo um jogo de futebol do Benfica, no final de um campeonato, e no momento da nossa chegada, estavam a decorrer os penaltis. Estavam presentes também um casal, irmão e cunhada de Augusto. Terminada a partida de futebol, a televisão foi sintonizada na TVI, para assistirem as telenovelas e neste momento começou a nossa

conversa. O casal de visitas permaneceu na sala e por vezes também respondiam as questões, mesmo não sendo dirigidas à eles. A cada pergunta do guião, uma nova discussão surgia na sala. Cada um queria expor sua opinião sobre os assuntos da televisão. Apenas Tiago não esteve presente, pois havia saído mais cedo com os amigos. Desta vez Marco, o filho mais velho, participou com maior vigor na discussão. Augusto, um homem notadamente simples, com poucos dentes ainda restantes na boca e uma pele castigada pelo tempo e pelo sol, estava sob o efeito de alguns copos a mais de vinho e licor. No entanto, respondeu a todas as questões coerentemente. Júlia ofereceu-nos um café e colocou alguns bolos na mesa. A sala desta família é funciona como dois ambientes, um de jantar e outro de estar. No fundo do cómodo encontra-se uma lareira e ao redor dela, os sofás. A mesa de jantar está próxima à porta e em frente à pequena televisão. Percebe-se que os laços familiares na casa são estreitos e não encontramos nenhum constrangimento durante a entrevista, todos responderam naturalmente aos nossos questionamentos. Nossa visita terminou com o final de uma das novelas, perto das 23h30.

### SEMANA 3

#### DIA 13 – 10 DE AGOSTO – Paulo e Cátia

A última visita a casa de Paulo já não foi surpresa. Chegamos por volta das 21h30 e o casal estava a nossa espera. Sentamos num dos sofás da sala, decorada pelas borboletas artificiais na parede – parte da colecção de Cátia. Como nas demais residências, o sofá de três lugares e a poltrona estão de frente para uma estante que comporta a televisão. Os móveis de Paulo e Cátia aparentam ser menos duráveis do que os das demais famílias. A casa desta família, mais jovem, é mais clara e arejada. Durante este último encontro, a proposta era pedir para cada um dos membros da família relatasse brevemente a sua história de vida. Em alguns momentos, ajudamos o entrevistado com perguntas não-estruturadas, para que lembrasse também da sua história de vida cultural. Paulo foi o primeiro a relatar como foi sua infância, as experiências da adolescência e chegada à idade adulta. O casamento para Paulo significou um momento de amadurecimento, pois considera que a mulher “colocou-o na linha”. No entanto, as boas recordações parecem estar muito mais na adolescência do que após o casamento. Quando Paulo terminou, pedimos à Cátia para relatar a sua história. Ela disse que já havia reflectido sobre isso num trabalho para o curso profissional que está a frequentar, apoiado pelo centro de emprego. Trouxe-nos, assim, três folhas preenchidas com a história da sua vida e pediu para lermos. Nós insistimos para que ela mesma nos contasse, mas nosso pedido foi recusado. Decidimos, então, ler o relato escrito em voz alta, até para que ficasse registado na gravação. De facto, a descrição de Cátia estava bastante pormenorizada e quase não foi preciso perguntar mais nada além do que ali estava exposto. No final da visita, a família trouxe os álbuns de família para nos mostrar alguns acontecimentos importantes da vida do casal. Para encerrar a jornada da pesquisa de recepção com a família 1, pedimos permissão para fotografar a casa e os membros da família. A sessão de fotos tornou-se um momento de descontração. O casal nos levou até o quintal para nos despedir e agradecer estes três dias de invasão do espaço doméstico.

#### DIA 14 – 11 DE AGOSTO – Lurdes e Alcides

A semana havia começado bem, com a família 1 na segunda-feira. Entretanto, na terça-feira a família 2 avisou-nos que não poderia nos receber. Para não perdermos mais nenhum dia da agenda, conseguimos marcar a visita do dia 11 de Agosto com a família 4, o casal Lurdes e Alcides. O casal desta vez nos recebeu semelhantemente à nossa primeira visita. Os dois sentados na sala, cada em seu lugar favorito do sofá,

assistindo as novelas da TVI. A entrevista sobre a história de vida é uma divisão do trabalho de recepção relativamente simples, mas que requer alguma confiança e afinidade entre o entrevistado e o pesquisador. Por conta disso é que deixamos esta parte para o último dia de visita. Na noite anterior percebemos que tratou-se de uma decisão acertada, pois percebemos com todas as famílias que à medida que as visitas se sucediam, os entrevistados ficavam mais à vontade durante a conversa. No entanto também percebemos que à medida que aumentava a confiança, diminuía a seriedade do tom da conversa e em algumas famílias era preciso conduzir a conversa, pois os entrevistados detinham-se a assuntos pouco interessantes para o estudo. Era o caso de Lurdes, que é uma senhora bastante falante e simpática, apesar do olhar desconfiado da primeira visita. Lurdes contou-nos calmamente como os acontecimentos ocorreram em sua vida. Quando pedimos para Alcides fazer o mesmo, ele esquivou-se dizendo que já não se lembrava. Depois, o homem levantou-se e para buscar uma cerveja. Lurdes adiantou que o marido havia sofrido muito na vida e que não adiantaria perguntar porque ele não saberia nos contar. O calor abafado da sala dificultava o raciocínio para ultrapassar a dificuldade do momento. Sem hesitar, Lurdes se predispôs a contar como decorreu a vida de Alcides. Terminada esta sessão, decidimos aproveitar o momento e também assistir um pouco da novela com o casal. Depois, pedimos para fotografar a casa e os dois membros da pequena família. A esposa não permitiu que fotografássemos o quarto, pois a cama não estava arrumada. Durante a incursão aos diferentes cômodos da casa, Lurdes deteve-se em mostrar alguns objectos de especial valor sentimental, pelo que fizemos questão de registar esta fracção do ambiente doméstico. Estava a decorrer a última novela nacional da noite, Flor do Mar, quando nos despedimos e agradecemos a gentileza de nos receber durante estes dias.

DIA 15 – 12 DE AGOSTO – Agostinho e Maria da Conceição

A agenda da terceira semana acabou por ficar totalmente trocada. A ordem dos entrevistados não permaneceu a mesma. Na quarta-feira a família 3 também ligou dizendo que esta semana era impossível nos receber visto que estavam com obras em casa. A família 2, que havia desmarcado na terça, aceitou nos receber na quarta, depois do jantar. Desta vez a família completa estava reunida na sala, assistindo um capítulo gravado da novela brasileira Três Irmãs. Agostinho encontrava-se no mesmo lugar do sofá, exactamente como na semana anterior, sem camisa, com as duas pernas suspensas e o braço esquerdo encostado no braço do sofá. Maria da Conceição e a filha Valéria estavam acomodadas num colchão no chão, no espaço de passagem entre o sofá de três lugares onde se encontrava Agostinho e a estante que suporta a televisão. Começamos por pedir à Maria da Conceição que nos contasse a sua história de vida. Durante cerca de 40 minutos ela nos relatou os acontecimentos mais marcantes da sua trajectória de vida. Nota-se que o casamento, mais uma vez, significa uma grande mudança de vida e realização pessoal. Em contrapartida, o trabalho quase nunca significa ter uma profissão que lhes traga algum tipo de satisfação, mas sim apenas o exercer uma determinada actividade remunerada. Maria da Conceição pareceu estar à vontade para contar a sua história, mas os acontecimentos relatados com maiores detalhes foram aqueles que ainda lhe suscitam alguma mágoa ou rancor. Ao contrário, quando Agostinho começou seu relato, posteriormente, notamos que prevaleceram os momentos de desconstracção. Mesmo a ida para o período de cumprimento do serviço militar e um acidente grave que sofreu quando adolescente foram relatados com bom humor.

DIA 16 – 13 DE AGOSTO – João e Cidália

A visita à casa da família 5 foi mais longa do que o habitual. Tivemos, por exigência da família que só nos poderia receber desta vez, que comprimir dois dias de entrevistas em um. Por conta disso, passamos mais tempo em casa de João e Cidália. Chegamos por volta das 21h e os dois estavam em casa, à nossa espera. Haviam terminado de jantar e João desta vez não parecia alcoolizado. Sentamos à mesa, na cozinha, onde habitualmente a família assiste televisão, antes de ir para o quarto. Começamos pelas entrevistas temáticas – do cotidiano e da subjectividade. Uma vez mais, como ocorreu com todas as famílias, as perguntas geraram um debate a partir dos conflitos e opiniões dos membros das famílias sobre as telenovelas, formando assim um grupo de discussão. Desta vez, João e Cidália dialogaram entre si, a partir dos nossos questionamentos. Cidália mostrou uma postura mais crítica em relações às telenovelas, diferentemente de João, que hesitou em alguns momentos, demonstrando não ter opinião formada sobre determinados temas exibidos nas novelas. Após a discussão em grupo, passamos para as entrevistas individuais. Cidália pediu para ser a primeira a contar sua história. Ela nos relatou cronologicamente e com detalhes os principais acontecimentos de sua vida e mostrou-se bastante à vontade durante a conversa, excepto quando falava sobre seu ex-marido. Cidália é uma mulher de estatura baixa, mas dotada de uma voz aguda e estridente, que pode-se ouvir à distância. E mais do que isso, nota-se que é uma mulher de temperamento forte e que dificilmente muda de opinião. Em contrapartida, João parece ser calmo e flexível diante das decisões da vida. Ele nos contou sua história seguindo pouco a cronologia, apenas relatando os acontecimentos mais marcantes, as memórias de sucessos e insucessos. Mas assim como Cidália, falar do antigo relacionamento ainda é bastante doloroso para João, pois notamos muitas pausas e silêncios quando narrava esta etapa de sua vida. Encerrada a conversa, começamos a sessão de fotografias. Cidália fez questão de nos mostrar sua coleção de chapéus e João a de discos de vinil. Já passava da meia-noite quando nos despedimos do casal.

SEMANA 4

DIA 17 – 17 DE AGOSTO – Augusto e Júlia

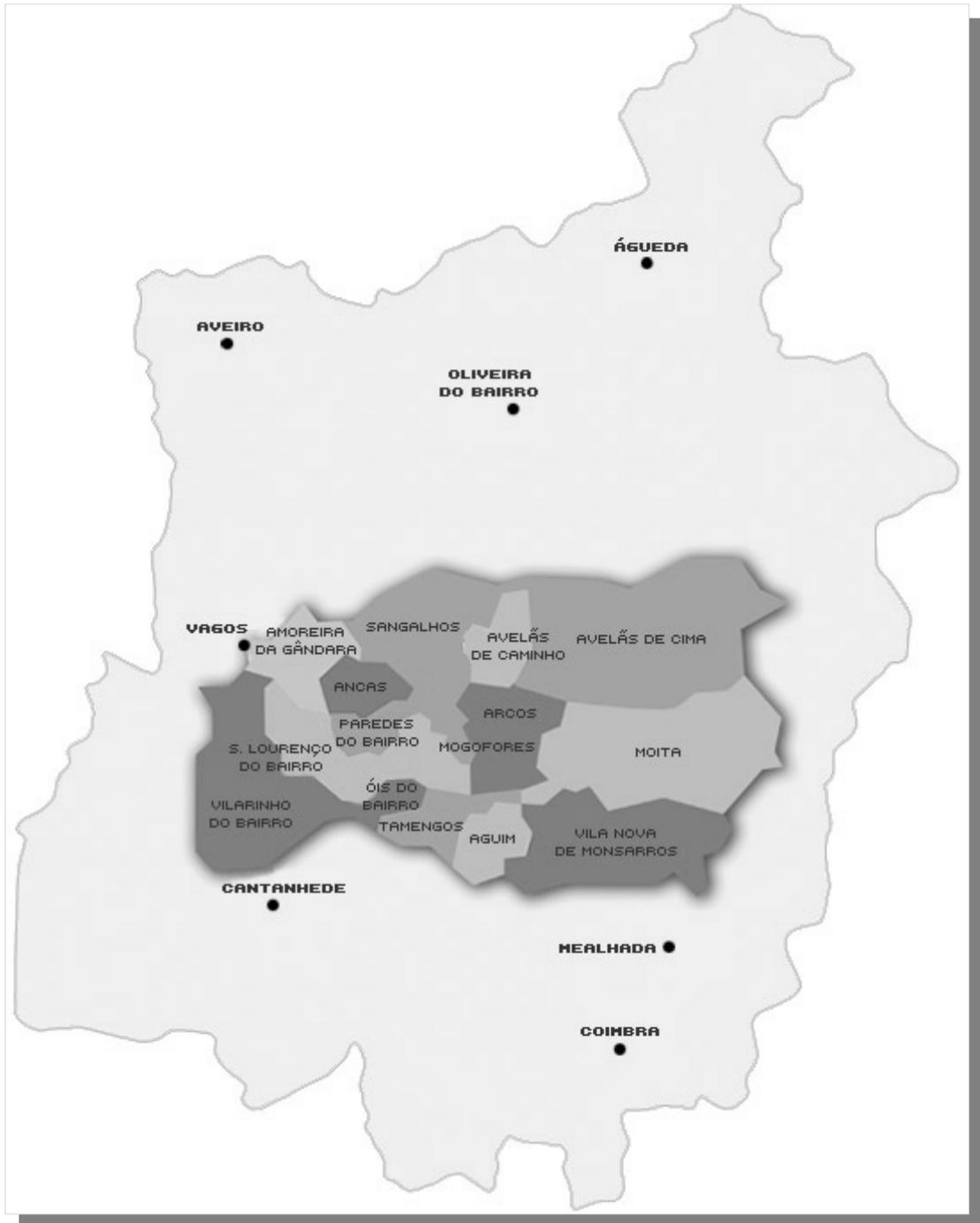
A penúltima entrevista ocorreu na quarta semana de trabalho junto às famílias. Havia um planejamento inicial para o término em três semanas, no entanto, caso ocorresse algum imprevisto, a quarta semana também estava reservada para a pesquisa de campo. De facto, algumas famílias remarcaram alguns dias, mas sem prejuízo para nosso trabalho. Como o combinado, chegamos na segunda-feira à noite na casa da família 6. Quando chegamos, Júlia e Augusto estavam reunidos na sala. Ambos estão de férias e por isso dormem mais tarde do que o habitual aos dias de semana. Eram 9h30 e os filhos, que estavam na parte superior da casa, em seus computadores, desceram para nos receber. Tiago avisou-nos que não poderia participar da conversa integralmente porque teria que dormir cedo. Como trabalha como adegueiro, há dias em que tem de estar no trabalho às 4h, como no dia seguinte. Ele conversou conosco cerca de 20 minutos e depois se retirou. Permaneceram Marco e os pais, na sala. O depoimento sobre a história de vida de cada um começou, portanto, com Tiago. O rapaz revelou grande dificuldade em falar sobre suas memórias pessoais. Pedimos para que nenhum dos membros da família interferisse, mas a mãe, Júlia, não se conteve diante das pausas e silêncios do filho. Ficamos a saber muito pouco sobre a história de vida de Tiago, principalmente porque parecia estar totalmente desconfortável com a nossa presença. Em seguida, Júlia contou-nos suas experiências de vida e acontecimentos marcantes. Júlia, ao contrário do filho, não demonstrou

nenhuma inibição, mas foi sucinta, explicando que não havia muito o que contar sobre sua vida, pois havia sido sempre repleta de muito trabalho e com poucos passeios. Ao contrário de sua esposa, Augusto passou mais de 40 minutos contando os diferentes acontecimentos ocorridos durante a sua juventude, especialmente relativos ao período escolar e início no mundo do trabalho. Augusto é um homem bastante falante e cômico e tornou-se desde o início a figura mais marcante das visitas. Para terminar a parte das histórias de vida, Marco sentou-se conosco à mesa na sala e contou-nos muito rapidamente suas memórias. Assim como o irmão, Marco demonstrou bastante timidez, sempre cabisbaixo e hesitante. Tivemos de intervir diversas vezes e por fim conseguimos um relato sintético sobre sua vida. Nos despedimos da família 6 por volta das 23h.

DIA 18 – 18 DE AGOSTO – Johny e Telma

A última entrevista da pesquisa de campo ocorreu no final do mês de Agosto, com a família 3, cujo agregado familiar é composto por Johny, Telma e Inês. Chegamos por volta das 22h30 na casa do casal e quem espreitou nossa chegada da porta da casa para a rua foi a pequena Inês, que em seguida chamou a mãe e Johny para nos abrirem o portão da frente. Estivemos algum tempo no terraço da casa, até que Telma terminasse de fumar um cigarro e nos chamasse para dentro para começarmos a entrevista. Pedimos para que Telma nos contasse sua história de vida e ela mostrou-se bastante solícita, relatando com detalhes sua autobiografia. Durante a conversa, algumas vezes sua filha veio ter conosco a saber sobre o que falávamos. Telma preferiu que conversássemos no quarto para que Inês não nos ouvisse. Estivemos cerca de uma hora para que Telma nos contasse seu relato, que guarda muitas mágoas relativas aos tropeços de sua vida. Na verdade, nota-se que Telma sentiu-se bem desabafando suas memórias e que não sente vergonha alguma de sua história, especialmente por ser uma mulher divorciada. Quando terminamos a conversa, Johny já havia levado Inês para dormir. Saímos do quarto e nos dirigimos à cozinha, onde Johny nos contou resumidamente sua história de vida. Ao contrário de sua companheira, foi sucinto, mostrou alguma dificuldade em organizar cronologicamente os factos e principais acontecimentos e foi necessário que interviéssemos várias vezes com questionamentos para que se lembrasse do passado. No entanto, conseguimos cerca de 35 minutos de entrevista. Em seguida, por volta de meia-noite e meia nos despedimos, pois no dia seguinte Johny teria de acordar cedo por conta do trabalho. Telma e Inês estavam de férias. E assim terminamos a jornada de entrevistas e observações da pesquisa de campo.

## **ANEXOS**



Mapa – região da Bairrada

Quadro 1 REGIÃO DEMARCADA DA BARRADA (CONCELHOS E FREGUESIAS)

ÁGUEDA	FREGUESIAS	COIMBRA	FREGUESIAS	MEALHADA	FREGUESIAS
	Aguada de Baixo		Botão		Antes
	Aguada de Cima		Souselas		Barcouço
	Águeda		Torre de Vilela		Casal Comba
	Barrô		Trouxemil		Luso
	Belazaima do Chão		Vil de Matos		Mealhada
	Borralha				Pampilhosa
	Espinhel				Vacariça
	Fermentelos				Ventosa do Bairro
	Óis da Ribeira				
	Recardães				
	Valongo do Vouga				
ANADIA	FREGUESIAS	CANTANHEDE	FREGUESIAS	OLIV. BAIRRO	FREGUESIAS
	Aguim		Ançã		Bustos
	Amoreira da Gândara		Bolho		Mamarrosa
	Ancas		Cadima		Oiã
	Arcos		Camameira		Oliveira do Bairro
	Avelãs de Caminho		Cantanhede		Palhaça
	Avelãs de Cima		Cordinhã		Troviscal
	Mogofores		Corticeiro de Cima		
	Moita		Covões		
	Óis do Bairro		Febres		
	Paredes do Bairro		Murtede		
	S. Lourenço do Bairro		Ourentã		
	Sangalhos		Outil		
	Tamengos		Pocariça		
	Vila Nova de Monsarros		Portunhos		<b>VAGOS</b> FREGUESIAS
	Vilarinho do Bairro		Sanguinheira		Covão do Lobo
			São Caetano		Ouca
AVEIRO	FREGUESIAS		Sepins		Santa Catarina
	Nariz		Vilamar		Sôsa

Quadro 1 POPULAÇÃO E ÁREA POR FREGUESIA, ANADIA

	HABITANTES	ÁREA (ha)
<b>Anadia</b>	<b>31 545</b>	<b>21 804</b>
Amoreira da Gândara	1 379	856
Ancas	757	634
Arcos	5 533	1 202
Avelãs de Caminho	1 236	627
Avelãs de Cima	2 446	4 088
Mogofores	875	232
Moita	2 733	3 399
Óis do Bairro	517	359
Sangalhos	4 350	1 724
São Lourenço do Bairro	2 553	1 495
Tamengos	1 623	836
Vila Nova de Monsarros	2 001	2 361
Vilarinho do Bairro	3 224	2 545
Paredes do Bairro	1 092	673
Aguim	1 227	682

Fonte: Base de Dados ACIB - Associação Comercial Industrial da Bairrada

Quadro 2 INDICADORES SÓCIO-ECONÓMICOS, ANADIA

DESIGNAÇÃO DO INDICADOR	VALOR	UNIDADE	PERÍODO
Taxa de Divórcio	2,211	permilagem	2004
Índice de Envelhecimento	145,8248	percentagem	2004
Capacidade Alojamento Estabelec. Hoteleiros (ní1122)	1266	lugares	2004
Taxa de Ocupação dos Estabelecimentos Hoteleiros (ní1122)	19,4	percentagem	2004
Estada Média Hóspede Estabelecimentos Hoteleiros (ní1122)	2,5	noites	2004
Sociedades Sediadas (ní1113)	926	nº	2004
Sociedades do Sector Primário (ní1113)	4,751	percentagem	2004
Sociedades do Sector Secundário (ní1113)	35,529	percentagem	2004
Sociedades do Sector Terciário (ní1113)	59,719	percentagem	2004
Volume de Vendas nas Sociedades Sediadas (ní1113)	476318,8	milhares de euros	2003
Bancos, Caixas Económicas, Caixas Cred. Agr Mútuos (ní1)	15	nº	2003
Depósitos em Instituições Bancárias (ní1043)	235356,4	milhares de euros	2003
Crédito Concedido por Instituições Bancárias	191688,5	milhares de euros	2003
Crédito Hipotecário Concedido a Particulares	939,9	milhares de euros	2003
Obras Concluídas - Total de Edifícios (ní1121)	114	nº	2004
Obras Concluídas - Edifícios para habitação	105	nº	2004
Licenças Concedidas p/ Const. Edifícios (Const. Novas)	113	nº	2004
Lic. Concedidas p/ Const. de Edifícios p/ Hab. (Const. Novas)	106	nº	2004
Taxa de Desemprego HM	4,7	percentagem	-2001
Médicos por 1000 Habitantes (ní1048)	1,929	nº	2003
Farmácias por 1000 Habitantes	0,474	nº	2003
Hospitais Oficiais	1	nº	2003
Hospitais Particulares	0	nº	2003
Taxa Média de Mortalidade Infantil no Quinquénio	n.d.	permilagem	1999/2003
Taxa de Analfabetismo HM	9,7	percentagem	2001

Quadro 2 INDICADORES SÓCIO-ECONÓMICOS REGIONAIS

INDICADORES REGIONAIS	REGIÕES			UNIDADES
	CENTRO	MONDEGO	VOUGA	
Indústria têxtil	9.3	7.0	9.3	%
Indústrias do couro e dos produtos do couro	0.7	0.5	0.8	%
Ind. da madeira, da cortiça e suas obras	9.8	9.1	9.8	%
Ind. pasta papel, cartão, edição e impressão	6.6	11.5	6.6	%
Fabrico coque, prod. petrolíferos refinados e comb. nuclear	1.8	2.1	1.8	%
Fabrico artigos borracha matérias plásticas	3.9	1.8	4.0	%
Fabrico outros prod. minerais não metálicos	11.5	11.1	11.6	%
Ind. metalúrgicas base, prod. metálicos	16.9	14.4	16.9	%
Fabrico de máquinas eléctricas e de óptica	3.1	5.2	3.2	%
Fabrico de material e de transporte	2.2	3.2	2.2	%
Ind. transformadoras não-especificadas	7.7	6.6	7.7	%
<b>Volume negócios empresas (CAE - REV2)</b>				
Ind. transformadora, 2003	13740534	13740534	4379485	milhar euros
Pessoal ao serviço - ind. transformadora, 2003	192529	192529	55869	n.º

Gráfico 2 DISTRIBUIÇÃO DAS EMPRESAS POR SUB-SECTORES, ANADIA



O sub-sector mais representativo é o da produção de vinhos, o que acontece em todos os concelhos da Bairrada onde a componente vitivinícola é forte; os produtos metálicos e a madeira são também sub-sectores importantes, com algumas empresas de relevo nacional e até internacional.

Gráfico 1 NÚMERO DE EMPRESAS POR CONCELHO

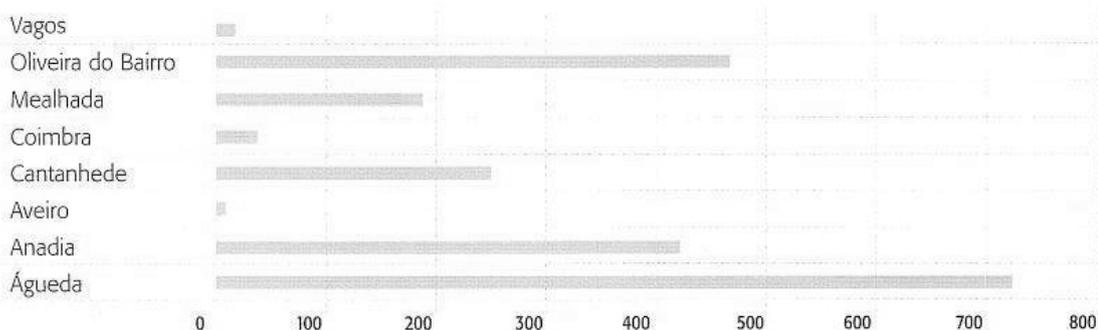
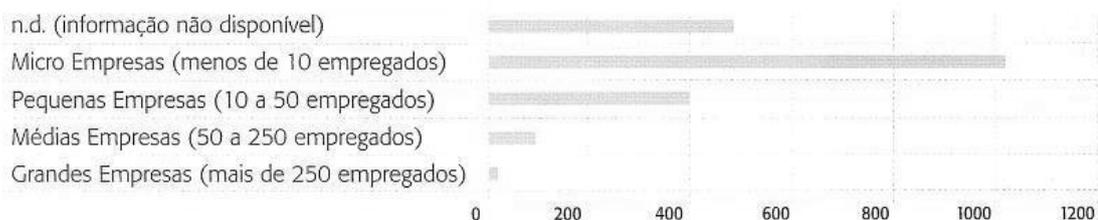


Gráfico 2 DIMENSÃO DAS EMPRESAS POR NÚMEROS DE EMPREGADOS



Fonte: Base de Dados ACIB - Associação Comercial Industrial da Bairrada

## GUIÕES PARA ENTREVISTAS – roteiro assuntos/dias

### **SEMANA 1**

(Família 1 – segunda, Família 2 – terça, Família 3 – quarta, Família 4 – quinta, Família 5 – sexta, Família 6 – sábado)

#### **QUESTIONÁRIO DE CONSUMO**

1. DESCRIÇÃO DA MORADIA
2. CARACTERIZAÇÃO DA FAMÍLIA
3. ITENS DE CONSUMO FAMILIAR
4. MAPA INDIVIDUAL DE ASSISTÊNCIA DE TELEVISÃO
5. CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL DO QUOTIDIANO
6. FREQUÊNCIA E ASSISTÊNCIA DE MEIOS E GÊNEROS
7. ASSISTÊNCIA DE TELENVELA E DE VEÍCULOS QUE FORNECEM INFORMAÇÕES SOBRE TELENVELA

### **SEMANA 2**

(Família 1 – segunda, Família 2 – terça, Família 3 – quarta, Família 4 – quinta, Família 5 – sexta, Família 6 – sábado)

#### **ENTREVISTAS**

1. ENTREVISTAS TEMÁTICAS

##### **Entrevista do Quotidiano**

Ocupação

Horários

Convivência

##### **Entrevista da Subjectividade**

Questões de género

Realidade X ficção

A família e a ficcionalidade

Os jovens e as telenovelas.

Produção nacional X produção estrangeira

Telenovela e memória

### **SEMANA 3**

(Família 1 – segunda, Família 2 – terça, Família 3 – quarta, Família 4 – quinta, Família 5 – sexta, Família 6 – sábado)

2. HISTÓRIAS DE VIDA (de cada membro da família)
3. HISTÓRIA DE VIDA CULTURAL (de cada membro da família)
4. GRUPOS DE DISCUSSÃO (*focus group*)

### **SEMANA 4**

Para eventuais imprevistos.

## TELENOVELAS

### Sentimentos

*Sinopse:* As festas continuam, cheias de alegria. Leonor, na sua adolescência, foi uma jovem marcada por uma inconfidência da sua prima Filipa. Aos 11 anos, no meio de uma discussão típica da idade, surgiu uma revelação: Leonor é adoptada! Leonor nunca revelou a ninguém o que ouviu naquele dia. Nem nunca mais falou sobre o assunto com a prima. Na noite da sua queima das fitas, depois do desfile, Leonor vai ter com os pais ao Hotel onde estes estão instalados. Durante o jantar, o pai, Manuel, enaltecendo o espectacular trabalho dela como estudante, e naquele dia da sua formatura, diz-lhe que num dia tão importante como aquele em que se dá o passo final para se transformar de uma adolescente numa mulher adulta, Leonor pode pedir o que quiser. Tem direito a um pedido. Leonor olha para o pai, para a mãe, Margarida, e para o avô. Lembra-se da verdade que a sua prima uns anos atrás lhe dissera, e de uma forma calma mas cheia de firmeza e determinação diz: - Pai, eu quero conhecer a minha família verdadeira! A mãe abandona a mesa e o pai, aflito mas aconselhado por Francisco, revela a verdade à filha. Revela que ele é o pai dela e que a mãe verdadeira era uma mulher que ele conhecera em Macau e por quem se apaixonara. Macau era uma terra linda e propícia a paixões. Só que Laura tinha desaparecido e quando voltou, uns meses depois, trazia com ela uma menina recém-nascida. Entregou-a ao pai para que a trouxesse para Lisboa e sem mais explicações, desaparecera novamente.

### Deixa Que Te Leve

*Sinopse:* Maria Della Luce Távora Gonzaga Valenti, duquesa de Orvieto, farta de ser perseguida pelos paparazzi, abandona Itália, onde vivia com parte da sua família. Em Portugal, mais concretamente Arcos de Valdevez e Peneda, são o refúgio escolhido pela jovem, que dará pelo nome de Luz. No Minho, a protagonista reencontra Octávio Távora, tio materno e proprietário do hotel Paço da Nascente, o que levará Luz a conhecer Pedro Alves, um rapaz humilde e amigo dos lobos. Opostos, os jovens apaixonam-se, apesar dele estar comprometido com outra rapariga. História que levará, quase obrigatoriamente, a um triângulo amoroso. Octávio, devido ao facto de estar a ser vítima de chantagem, perde a exploração de um nascente e acaba por morrer vítima de enfarte. A sobrinha Luz irá descobrir o que se passou, até porque fica a cargo do hotel e, conseqüentemente, descobre os problemas do tio. Além da região Minhota, o enredo vai passar também por Lisboa, e na capital, Luz vai encontrar algumas respostas para o que se passou com o tio. Para isso, chega a ser assaltada, numa altura em que procura Delfina Calçada, personagem que será encarnada por Maria José Pascoal, com que o tio teve uma relação fortuita, da qual nasceu Filipa, encarnada por Vera Kolodzig, que ele nunca reconheceu como filha.

## **Flor do Mar**

*Sínope:* Entre a Ilha da Madeira e a África do Sul, uma história de uma família que foi separada no passado por uma guerra entre irmãos. Após 25 anos de ódio, Alfredo (Nicolau Breyner), um dos três irmãos que tinha emigrado para a África do Sul, morre num assalto a um supermercado e escreve uma carta onde conta toda a verdade desde o início da briga dos seus irmãos Eduardo (Nuno Homem de Sá) e Gaspar (Rogério Samora), deixa esta carta nas mãos da sua filha adoptiva Salomé (Paula Lobo Antunes) que volta para a Ilha da Madeira, furiosa por ter sido deserdada pelo pai. Faz chantagem com Gaspar para conseguir roubar a parte da herança que foi dada à sua irmã mais nova Maria Inês (Sara Barradas). Jacinto (Nuno Melo) e Branca (Julie Sargeant) são casados e têm três filhos: Joel (Pedro Carvalho), que é apaixonado por Olívia (Vitória Guerra), Rui (Sisley Dias), um craque da bola e Tozé (Miguel Bogalho), esta família é unida mas o Jacinto por vezes toma a "bebedeira" e bate na mulher e nos filhos. Já em Lisboa, Ana Maria (Sofia Alves) vive um clima de fuga depois de ter descoberto que Gustavo (Ricardo Carriço) não é quem pensava mas sim um crápula e um psicopata que quer casar e ficar para sempre com ela que acaba por fugir para a Madeira onde conhece Gaspar que se apaixona por ela mas ela por Eduardo, com isto voltando à mesma história que separou os irmãos há 25 anos.

## **Morangos com Açúcar**

As histórias das personagens principais são estabelecidas durante o ano lectivo e resolvidas nas Férias de Verão. A cada ano lectivo, o elenco da série é renovado. Algumas personagens antigas saem e entram outras personagens novas num sistema rotativo para manter o interesse do público, ficando apenas personagens que não excedem os dois anos de existência.

A série cinco veio quebrar totalmente com este molde, sendo que dos antigos actores apenas se mantiveram cinco (sete contando com entradas tardias na série quatro), e nem o mítico Colégio da Barra nem a Secundária dos Navegantes transitaram para a nova temporada. Além disso, os protagonistas deixam de ser um casal de jovens apaixonados, como nas séries anteriores, passando a ser pela primeira vez um grupo de amigos adolescentes. Com tamanha ruptura com o anterior formato, a série cinco pode quase ser considerado como um spin-off da original Morangos com Açúcar. A presença do subtítulo "Geração Rebelde" pela primeira vez no logotipo da série que é exibido durante o genérico vem reforçar esta tese.

No final da Série de Verão IV, o cantor e actor FF regressou à série que o lançou para o estrelato para interpretar o seu novo tema "A Música Nasce" ao lado do também actor e cantor Angélico Vieira. No entanto, Angélico surgiu como uma figura totalmente nova, desligada da personagem que tinha interpretado anteriormente na Série Dois (David), tal como se repete na série VI, onde o cantor irá interpretar o seu mais recente tema: Bailarina.

## **Caminho das Índias**

*Sinopse:*

### *Primeira fase*

Bahuan é filho de dois empregados também intocáveis. Estes são queimados em uma fogueira por terem tocado o seu patrão, enquanto este se banhava. Desorientado, Bahuan, portanto, passa pelo Rio Ganges, onde Opash Ananda está com seus dois filhos: Amithab e Raj. Amithab, por curiosidade, toca Bahuan, pegando seu colar. Opash vê a cena e repreende o filho de ter tocado Bahuan. O brâmane Shankar aparece e defende Bahuan, começando uma briga contra Opash, que vai embora com os dois filhos. Bahuan conta sua história de vida para Shankar, que revela sua vida solitária e adota o menino, mesmo sofrendo preconceito de Opash e de vários outros conservadores indianos.

### *Segunda fase*

Maya já estava na idade de se casar e seus pais, o comerciante de perfumes Manu Meetha e Kochi, procuraram, com afinco, um bom marido. Como toda indiana, ela sempre acreditou que ninguém melhor do que os dois para escolher o homem certo, antes de conhecer Bahuan. Movida por um sentimento arrebatador, Maya estava disposta a impor à família sua vontade e não compreendia porque o rapaz se mostrava tão reticente. Apenas quando a verdade sobre a origem do jovem vem à tona é que descobriu a razão dos medos dele e viveu o tsunami da revelação em sua casa. Entre promessas, riscos, encontros e desencontros, o casal planejou um futuro juntos e é, a todo momento, surpreendido pelo destino, e Maya provou seu amor se entregando a Bahuan. No caminho, estavam Raj Ananda, o sonho dourado dos pais de Maya; o investimento de Bahuan em sua carreira e a empresa brasileira Cadore, da qual o rapaz se tornou sócio meses depois. Maya se casou com Raj grávida de Bahuan, pois Bahuan a abandonou dizendo que voltaria depois de 1 ano sem saber que ela estava grávida. Bahuan, com ódio de Maya (por esta ter se casado) e Raj (o marido da amada), fez tudo para atrapalhar o casal. Maya escondeu o segredo da gravidez de todos, só sua mãe sabera e forjara um parto prematuro para todos acreditarem que a criança é mesmo de Raj, pois Maya casou grávida de 2 meses. No casamento tentaram ser felizes, porém Raj (no começo) não esquecera Duda e Maya, Bahuan.

Raj é filho de Opash e Indira Ananda. Opash é um rico comerciante, defensor do sistema de castas, que fez com Manu o acordo para que Maya e Raj se casarem, dificultando assim mais ainda o amor entre Bahuan e Maya. Opash e Indira são pais de mais três filhos, Amithab, Ravi e Chanti. Amithab é o mais velho, casado com Surya, uma mulher perigosa e má que atormentou Maya, e que sofreu por não ter tido um filho homem. Com Surya, Amithab teve uma filha chamada Anusha. Ravi, o mais novo dos homens, se apaixonou pela brasileira Camila. Os dois se casam em um ritual escondidos da família e ela agora mora na Índia. Chanti, a mais nova e única menina, desde criança é preparada para o casamento, mas não quer casar. Quer morar em outro país, ser independente, falar muitos idiomas e fazer muitas faculdades, dando palestras. A família Ananda conta ainda com Laksmi, mãe de Opash e a figura mais importante da casa. Seu passatempo preferido é mandar e implicar com Indira embora seja sempre contrariada por Karan, seu cunhado, irmão de seu falecido marido. Guarda um segredo no passado, que Karan sabe, é que Opash na verdade é filho de Shankar e não de seu falecido marido. Opash descobriu isto.

Raj, por sua vez, se apaixona pela brasileira Duda. O sentimento é verdadeiro, porém, eles não puderam ser felizes juntos devido ao casamento arranjado da família dele. Duda, portanto, decidiu lutar com todas as suas forças contra o preconceito da família dele para conseguir ser feliz ao lado do homem que amava, tanto é que engravidou dele e foi abandonada, sem Raj saber de sua gravidez. Ela trabalha na clínica de Ilana e Chiara, duas mulheres bastante diferentes. Ilana é casada com César Gallo Gullart, um homem ambicioso, mas que não sabe controlar o filho Zeca, que é considerado um delinquente, presidiário. Já Chiara, apesar de bonita, lê muitos livros de auto-ajuda, e no decorrer da trama, teve um rápido e curto romance com Murilo, um empregado de confiança da empresa da família Cadore. É a melhor amiga de Duda e a ajudou em momentos. Duda se apaixonou por Lucas, o médico que salvou seu filho da morte, fazendo uma perigosa cirurgia.

Na empresa Cadore, há o poderoso Ramiro Cadore, um homem rico e ambicioso que vivia em guerra com o irmão Raul. Os conflitos entre os dois deixaram o pai dele, Sr. Cadore, imensamente insatisfeito. Ramiro tem como braço-direito sua advogada Gaby e desperta o interesse de sua secretária Walkíria, conhecida como Wal. Mas só fica na vontade mesmo, pois ele se envolveu com Gaby. É ainda casado com Melissa, uma mulher fútil, mimada e obcecada pela beleza, que vive implicando, xingando e humilhando a filha Inês, a quem ela xingava de "álien", pois a moça se veste toda de preto e fala gírias estranhas. Melissa sofreu um duro golpe quando seu filho "preferido" (como ela fala) Tarso, descobriu ter esquizofrenia. Tarso, por sua vez, descobriu o amor com Tônia, uma moça tímida e atrapalhada que faz faculdade de medicina, por quem se apaixonou e quer viver feliz. A felicidade dos dois tem como principal empecilho, Murilo, irmão da moça, que vive implicando com a mesma, por ser hiper-protetor de sua irmã. Para tratar-se de sua esquizofrenia, Tarso se consultara com o médico Dr. Castanho, que desperta o amor de Cidinha, que na verdade ama Sr. Cadore. É também companheiro de trabalho de Aída, ex-mulher de César, com quem teve duas filhas, Camila e Leinha. No começo da história, Camila é apaixonada pelo executivo Dario, mas ela conhece o amor ao lado de Ravi. Leinha, por sua vez, quer ser documentarista, e escolheu a Índia como tema de seu primeiro trabalho. Vive em conflito com a segunda mulher do pai, Ilana, e está sempre a favor da mãe, nas disputas entre o ex-casal, ao contrário de Camila, que tenta conciliar e entender as razões do inacreditável César. Aída se envolveu com Dario ao longo da trama. Aída casou de Novo.

### **Três Irmãs**

*Sinopse:* Dora é a filha mais velha de Virgínia. Viúva e mãe de Marquinho, mora com a sogra, a vilã Violeta Áquila, que a culpa pela morte prematura do filho, Artur Áquila. É uma mulher bonita, divertida e alto-astrol. Com o início da doença da mãe, passará a estar sempre em Praia Azul. E vai ser lá, com a chegada do ortopedista Bento, que acaba de perder a mulher, Teresa, que ela iniciará uma linda história de amor, marcada principalmente pela interferência de Violeta, que fará de tudo para destruir a felicidade da nora. Com o início do romance de Bento e Dora, a vilã fará a cabeça do neto contra esse relacionamento, e o menino encontrará em Rafinha, filha mais velha de Bento uma cúmplice e juntos, tentaram atrapalhar o romance dos pais. Todo esse rancor é antigo, pois ela é uma antiga inimiga de Virgínia. No passado, Violeta teve um caso com Augusto, o falecido marido da rival. Desde então, ela jurou destruir a vida de Virgínia.

Alma é a irmã do meio, uma mulher bonita e inteligente, mas confusa e atrapalhada. Morava no Rio de Janeiro, onde era médica. Têm muita sorte no trabalho, mas nenhuma no amor, está em seu sétimo relacionamento e seu último relacionamento foi Robinho. Com o fim do namoro com Robinho e o início da doença de Virgínia ela se dirigirá para Caramirim, onde reencontrará o surfista Gregg e o inescrupuloso Hércules Galvão, seus grandes amores do passado, que lutaram bastante para serem felizes ao lado da mulher que dizem realmente amar. Alma irá trabalhar no ambulatório de Caramirim ao lado do Dr. Alcides, marido de Violeta e seu grande amigo e protetor, que no passado, ajudou a custear seus estudos de Medicina. Lá, Alma encontrará na enfermeira Florinda uma grande e atrapalhada amiga.

Susana é a caçula, e a adotada. É a única que mora ao lado da mãe. É uma mulher bonita e natural. Professora de geografia da escola local e também uma exímia surfista. Namora Xande, porém seu relacionamento com ele, principalmente para ela, é a retribuição de um favor, pois Xande possui um defeito nas pernas, defeito esse causado por um salvamento a vida de Susana. Mas o cotidiano de Susana e dos moradores de Caramirim mudará com a chegada das outras duas irmãs à cidade. Porém, o que mudará sua vida mesmo será a chegada de Walkíria, e principalmente de Eros a cidade, com quem ela viverá uma paixão avassaladora e cheia de obstáculos.

---